

ALEAGUARA



Inês Pedrosa

Dentro de ti ver o mar



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALFAGUARA



Inês Pedrosa

Dentro de ti ver o mar



ALFAGUARA



Inês Pedrosa

Dentro de ti ver o mar

Copyright © 2012, Inês Pedrosa
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Raul Fernandes

Imagem de capa
Latinstock / Ada Summer / Corbis

Revisão
José Grillo
Suelen Lopes

Coordenador de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P414d

Pedrosa, Inês

Dentro de ti ver o mar [recurso eletrônico] / Inês Pedrosa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Ed. Objetiva,
2013.

218 p., recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-244-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção portuguesa. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-02924 CDD: 869.3

CDU: 821.134.3-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Epígrafe

I. Dança

II. Vitória

III. Orquestra

IV. Casa

V. Protocolo

VI. Fado

VII. Nuvens

VIII. Liberdade

IX. Correspondência

X. O dia dos aviões

XI. Sedução

XII. Separação

XIII. Casamento

XIV. Mãe

XV. Culpa

XVI. Funeral

XVII. Ubiquidade

XVIII. Filhos

XIX. Amor

XX. Testes

XXI. Voz

XXII. Brasil

XXIII. Código genético

XXIV. Correspondência

XXV. Crime

XXVI. O apagador de sentimentos

XXVII. Amigas

XXVIII. Traição

XXIX. As pessoas normais

XXX. A princesa

XXXI. O sim

XXXII. Tudo o que voa

Agradecimentos

*Senhor que de vós não lembro
já o fim
nem o começo*

IN NOVAS CARTAS PORTUGUESAS
MARIA ISABEL BARRENO, MARIA TERESA HORTA
E MARIA VELHO DA COSTA

I. Dança

Acordava no poço da noite com o coração enforcado naquela frase.

— Entrar em ti e dentro de ti ver o mar.

O ruído dos aviões já não a despertava. Habituar-se. Gostava do som dos motores no céu, provocava-lhe uma sensação de liberdade. Vivia no extremo onde nada evolui. Existe um momento em que o amor deixa de ser uma narrativa e se imobiliza. Tentara livrar-se da frase apagando o homem que a proferira. Mas a água do amor foge e volta, pesada, carregada de restos. Sem o amor que continuava a boiar naquela frase, Rosa não seria capaz de fazer tudo o que fazia, mesmo que nunca mais tornasse a ver o homem que o aticara. Toda a sua ação era o sinal de que os dois estavam ainda no lugar desenhado pela frase, que aquele amor estava vivo. Paralisado, mas vivo. Aquele amor empurrara-a para o fado, a noite, a prisão.

Devia demasiado àquele amor de nada.

Um metro por um metro — era esse o espaço da dança. As prisioneiras resistiam à violência da esperança que a música sempre arrasta. Sonatas e canções fixavam-nas ao banho de sol. De início, Rosa pensou que as seduziria através da suavidade da melodia. Que as mulheres enjauladas sentiriam falta dessa mansidão. Que agradeceriam o intervalo do ruído das grades metálicas, do chocalhar dos chaveiros das guardas prisionais.

Rapidamente percebeu que o barulho do cárcere se sobrepunha ao das notas de música. Na prisão o silêncio não existe. Os passos, os gritos, o metal, tudo é constante. Só baterias e percussões fortes teriam capacidade para o anular. Se queria que as mulheres acessem a prescindir de uma hora de sol para trabalhar o corpo, Rosa precisava de lhes fornecer ritmo e raiva. Não alegria. Como se sobrevive quando acaba o mergulho na alegria?

Talvez fosse possível inventar com elas uma espécie de alegria que não desaparecesse no fim da dança. Se dissesse isto em voz alta pareceria ingênua e desistiria mesmo antes de começar. Tomava consciência do poder avassalador da ingenuidade — um poder que precisava do segredo para funcionar. Onde há segredo há uma história suspensa e vontade de a continuar.

O corpo sabe mais do que é possível dizer. Os corpos daquelas mulheres eram os últimos redutos de liberdade. Mesmo confinadas às celas solitárias — um metro por um metro, sem luz. Ela iria inventar um modo de as tornar livres. Reconciliadas com o corpo, quando o mundo as quisesse castigar. E ela, por seu turno, aprenderia com aquelas mulheres a não depender de nada nem de ninguém. E a manter, ainda assim, a ideia de um sentido. Porque sem isso nada teria importância, a candura tornar-se-ia impossível, o gosto pela vida

esfumar-se-ia.

Dançava desde criança, conhecia o valor da palavra equilíbrio. Fizera dele o seu ideal. O equilíbrio do corpo era o mais fácil: questão de técnica e disciplina. Aos sentimentos que erravam por dentro do corpo é que não sabia o que fazer, nunca soubera: oscilava sempre entre o excesso e a escassez.

Rosa desenhou uma dança de um metro por um metro, feita de gestos precisos, lentos. Uma dança desprendida do tempo e do lugar. Uma dança sem exterior. Igual ao amor que já não precisa de ninguém. As mulheres ficaram em silêncio a vê-la evoluir sob uma música líquida, dançando com os contornos do amor que a si mesmo se basta.

— Professora. Se a senhora me ensinar a dançar dessa maneira, eu já não preciso de sair daqui. Essa dança; lembrou-me a única coisa de que eu tenho saudades: nadar no mar com as minhas filhas. Se eu aprender a nadar assim, fico bem aqui.

II. Vitória

A mancha escura avançava pelo jardim, esmagada pelo peso do sol. O homem que seguia à sua frente virou-se e gritou uma palavra breve que provocou na mancha uma aceleração imediata, embora descontínua. O ser presumivelmente humano que se deslocava debaixo daquele manto negro, com uma curta frincha no lugar onde em geral se encontram os olhos, parecia ter dificuldade em avançar ao ritmo imposto pelo seu guia. O homem de *jeans* e camisola curta, com um garoto de quatro ou cinco anos pela mão, ardia de impaciência. Era um dia de calor invulgar em Londres, esse 26 de junho de 2002. Atulhado de buzinas de automóveis e motores de aviões. Às dez da manhã daquela quarta-feira os extensos relvados de Kensington encontravam-se salpicados de corpos brancos em fato de banho, absorvendo a luz que jorrava em cascatas. A mancha escura procurava encostar-se às bermas da avenida central do jardim, na esperança de uma réstia de sombra ou de uma aragem. Essa deambulação atrasava-a em relação ao homem e à criança. Embora não se lhe vissem os pés, parecia coxear, arrastar-se com uma dificuldade cada vez maior.

Sentada num dos poucos bancos protegidos pela folhagem das árvores, Luísa assistia, com um cigarro entre os dedos, ao percurso árduo daquela figura. No início do milénio os fumadores ainda não haviam sido oficialmente integrados na categoria dos associiais, mas Luísa sentia o olhar crítico e desgostoso dos militantes do *jogging* que corriam, de auscultadores nos ouvidos. Quase toda a gente andava de auscultadores na rua, no metro, dentro das lojas. Em particular os mais jovens. Cada um na sua cápsula de música. Luísa não queria lembrar-se da música. A música recordava-lhe a época, três décadas atrás, em que acreditava que o amor era o código de acesso ao paraíso. Nas canções inglesas encontrara o micróbio do enamoramento. Falhado o primeiro grande namoro, o micróbio tornara-se ainda mais resistente.

— Não quero uma engenheira. Quero uma mulher a sério.

— Mas eu posso ser as duas coisas, tu vais ver.

— As mulheres devem estudar para ajudar os filhos. Quero ter muitos filhos.

— Não podes dizer essas coisas. Estamos quase na década de setenta, por amor de Deus.

O estudante de Direito que a conduzira à antevisão do sexo trocara-a pela meia-irmã. Pobre Matilde, sempre a tentar superá-la. Agora Luísa limitava-se a ter pena dela e daquele infeliz casamento com um advogado medíocre que se tornara demasiado gordo para continuar a traí-la, como fizera regularmente durante os primeiros tempos de casados. Desde há muitos anos, Luísa substituíra a pena que tinha de si mesma por uma compaixão simpática em relação ao

mundo. Apresentava-se sempre disposta a oferecer um sorriso magnânimo a quem quer que fosse.

— Roubei-te o Jaime para tu perceberes que o mundo não é um filme do Walt Disney.

A frase de Matilde não tinha o poder de a condoer. Luísa evocava-a como a brisa que abria uma onda de júbilo numa tarde excessivamente quente. Patético Jaime, esbarrondado no sofá a ressonar com o comando da televisão na mão entre resmas de processos de direito comercial. Fruste Matilde, que apenas conseguira sobressair pelos ataques epilépticos, desde há anos esparsos e controlados. Entretanto ela passeava por Paris, Roma, Bruxelas, Zurique, Londres, livre como um homem e fresca como uma adolescente, apesar de já ter ultrapassado os cinquenta anos. A imortalidade talvez ainda não estivesse para breve, mas vida e juventude eram uma e a mesma coisa, desde que se soubesse viver. E Luísa estava convicta de possuir essa sabedoria.

— Ponha-se na sua posição.

Duas mulheres veladas, com três crianças pequenas, perguntaram se podiam sentar-se ao seu lado. Luísa sorriu e disse que sim, roendo a unha do dedo mindinho. Por mais unhas de gel que usasse, forradas a vernizes desagradáveis, não perdia o vício de roer. Nem com o cigarro na mão. Os corredores lançavam olhares críticos àquele banco — não era claro o que os incomodava, se o fumo do cigarro da mulher ocidental ou os véus islâmicos, ainda escassos. Dentro de dez anos as ruas de Londres encontrar-se-iam cheias de véus. Um homem muito magro caminhava lentamente entre os turistas com um cartão nos braços erguidos onde se lia: *Family of 5. Help. Any job.* Também a figura do desesperado se multiplicaria na década seguinte.

Luísa sentia-se entre os eleitos da sorte. Não estava presa a uma família. A engenharia informática era das poucas áreas em expansão, apesar da crise. Ganhava bem. Namorava um homem muito rico que a adorava. Não havia muitos homens, ricos ou não, capazes de assumir uma relação com uma mulher como ela. Bernardo falara-lhe em casamento. Retorquira que era muito cedo. Não sabia se seria capaz de se habituar a partilhar a vida com um homem. Não gostava dos casamentos que conhecia; depois da cerimónia, acabavam-se as mordomias, eles esqueciam os pequenos gestos de atenção, o recato, o respeito. Ajavardavam-se. Por isso preferia ter namorados, homens que lhe abriam a porta do carro, que ofereciam flores e se perfumavam para a receber. Pelo menos enquanto não envelhecesse definitivamente, Luísa preferia o papel de noiva. Naquela noite assistiria a *Les Misérables* com os colegas londrinos, depois iriam cear. Bernardo enviar-lhe-ia uma mensagem dizendo que sentia a sua falta.

Quando regressasse a Lisboa encontrá-lo-ia à sua espera, com o BMW e um presente caro, para lhe provar como sentira realmente a sua falta. Luísa sugerir-lhe-ia que chamassem amigos para o jantar, sem admitir que a conversa dele, centrada nas cotações da bolsa, a entediaria. Ninguém era perfeito, e o conforto era o estado mais próximo da perfeição. Tinha pena do drama daquele homem suado com o cartaz do desespero nas mãos. *Any job*. Conhecía o gosto da humilhação. Recordava a voz da madrastra:

— Ponha-se na sua posição. Lembre-se que lhe estou a fazer um favor.

Para lá da varanda envidraçada da casa da infância, o grande parque verde agitava-se, fustigado pela chuva num frenesim de sinfonia heroica. Era a filha bastarda de um homem rico. Já não existiam filhos bastardos, pelo menos era o que dizia a lei. Porém ela não era outra coisa, nunca o fora. A filha da criada. O pecado assumido mas nunca perdoado. A mulher do pai aceitara-a — desde que a mãe dela desaparecesse.

— Desculpe, Maria do Rosário, mas a Luísa é tão minha filha como a Matilde. E eu quero dar-lhe tudo. Ela não tem culpa do meu erro.

O pai percebera cedo que Luísa era muito mais esperta do que a filha legítima — a lenta, sonsa e incapaz Matilde. Aos doze anos Luísa estava decidida a jamais ser considerada o erro de um homem. Quando o pai saía, Matilde e a mãe uniam-se para a humilhar. E o pai saía muito.

Não guardava mágoas nem ressentimentos.

— Ponha-se na sua posição.

E, mais tarde, a frase sobre a vida não ser um filme de Walt Disney. Luísa devia àquela madrastra injusta a força que lhe permitira vencer. A importância dos erros anulava-se diante das vitórias. Pelo menos esta era a convicção de Luísa Fontanellas. Regressaria a Lisboa com Farimah Farhadi, uma jovem engenheira iraniana que o pai queria casar à força com um primo mais velho. Mais do que o casamento, Farimah temia a proibição de trabalhar. Para escapar à família, a jovem teria também de abandonar a multinacional onde trabalhava — mas não havia outra solução. O marido podia até arrastá-la de novo para o Irão; vira isso acontecer a várias raparigas, depois de estudos em Inglaterra. Luísa conhecera a jovem colega num outro encontro londrino dos quadros da empresa e entusiasmara-se com o poder de transformar aquela existência. Arranjara-lhe um casamento por procuração que lhe fornecera passaporte português, ou seja, a liberdade. O marido que Farimah ainda não conhecia era um professor de História e ativista de direitos humanos sem família e seropositivo, que ficara empolgado com a ideia de legar a casa e os

seus poucos bens a uma jovem que nunca tivera direito a ser dona do seu destino. Agradava-lhe particularmente o facto de nem sequer conhecer aquela mulher — não tinha dúvidas de que a História do mundo seria diferente, e muito mais auspiciosa, sem a separação convencional entre “os nossos” e “os outros”. Que a família permanecesse, no século ^{xxi}, como instituição fundadora e fundamental, parecia uma injustiça medieval. Animava-o a ideia de contribuir para escangalhar, à sua modesta escala, esse estado bárbaro das coisas. Luísa compreendia, embora a sua técnica de investida fosse outra, incluindo, ao contrário dele, um cuidado estudo estratégico de sobrevivência. Sabia a que ponto pode doer o amor. Ela própria, em jovem, gerara uma filha e entregara-a a quem a podia amar melhor. Nunca se arrependera — o arrependimento não fazia parte do seu catecismo.

III. Orquestra

Ao abandonar a dança Rosa desfizera-se do sentido da competição. Não tinha saudades das outras bailarinas, nunca chegara a ter intimidade com elas. Nenhuma conhecia propriamente a intimidade; apenas peso, resistência, capacidade de voar. Partilhavam sofrimento físico, dores nas articulações, dificuldades concretas — não conheciam outras. Olhavam-se como rivais. Espiavam-se. Controlavam-se. Competiam. Tornara-se muito mais íntima das mulheres ferozes da prisão. A ideia fora-lhe sugerida por Nazaré, que cantava, como ela, no Abrigo da Lua.

— Andas tão tristonha, mulher. A mim o que me alegra nos dias maus é a prisão. Devias experimentar. Fazia-te bem.

— Fazia-me bem ir para a prisão?

— Espanta-te? Se eu mandasse, os miúdos da escola iam para lá um dia por semana, para arrebitarem. Nada ensina tanto como o sofrimento. De preferência, o dos outros, que nos poupa o nosso.

Rosa não podia deixar de rir. Nazaré era um vendaval de energia e opiniões sem princípio nem fim.

— Passas a vida a queixar-te porque já não danças. Ora na prisão de mulheres andam à procura de uma professora de dança.

— Que fazes tu na prisão, mulher?

— Volta e meia vou lá cantar. Elas gostam tanto, coitadinhas. A gente entra murcha e sai consolada. Os problemas com os homens tornam-se umas borbulhitas sem valor. Queres que eu vá lá contigo?

Rosa acedera. Cantava à noite, tinha os dias demasiado livres. O que perdia em experimentar?

A princípio temera-as. Uma estendera-lhe a mão e dissera, com um ar irónico:

— Rudolfo. Ao seu dispor.

Havia machos e fêmeas bem definidos naquele grupo de bandidas. Era assim que pensava nelas, para se fortalecer: um gangue. Se não pensasse assim teria pena — e acabaria por ser esmagada.

Não sabia que crimes tinham cometido. Somente que cumpriam penas longas. Que às vezes se revoltavam. Que já tinham sequestrado uma guarda. Que depois as metiam na solitária, de castigo. Tiravam-lhes o direito à relação íntima previamente marcada. Os homens não falhavam uma marcação. Até nisso aquelas bandidas eram poderosas.

Começou com *hip-hop*. De samba elas não gostavam. Não aceitavam nada que tivesse um traço, mínimo que fosse, de melancolia ou romantismo. Gargalhavam, ignoravam. Pouco a pouco, conseguiu fazer-lhes sentir cada pedaço do corpo. Elogiavam as tatuagens: como elas, Rosa individualizava-se através das inscrições na pele. A tatuagem como sinal de combate contra a transparência e a

uniformidade dos corpos. Pouco a pouco, começaram a abraçá-la, a festejá-la. Professora. Gostava da palavra, do que aprendia com ela. E pensava que também devia aquela experiência a Gabriel. Ao amor sem esperança que sentia por Gabriel. À necessidade que tinha de dar uso a esse amor, para o sentir real.

Lembrava-se da orquestra que a fizera voar, no tempo em que era bailarina. A surpresa da harmonia soberana constituída por um grupo de músicos inseguros, sempre esfacelados pela inveja. Lembrava-se de como haviam reagido com desconfiança à entrada de uma jovem maestrina, servindo-a com uma obediência tibia, contrariada, que enfraquecia a prestação nos concertos. A maestrina criou um programa de contacto direto com músicos não profissionais: *venha tocar com os seus ídolos*. O contacto com violoncelistas, percussionistas e saxofonistas amadores despertava nos especialistas o calor de uma vaidade há muito adormecida. A maioria deles fora mimada como potenciais génios, crescera como farol das expectativas da família — e acabara diluída no magma das partituras, lacaios anónimos do talento alheio, enterrados no fosso da orquestra.

A palavra orquestra nasceu no teatro da Grécia antiga, do verbo *orcheisthai*, dança em ato. *Orkhéstra* era o estrado onde evoluía um coro de bailarinos e músicos. Só no renascimento a música instrumental ganhou protagonismo em relação às vozes. As orquestras, tal como as conhecemos hoje, são uma criação do século XVIII. O crescente peso dos instrumentos de percussão, no século XIX, levou a um aumento do número dos outros instrumentos, em particular das cordas, para preservar a homogeneidade e o equilíbrio do som. A ascensão da burguesia e a força das massas populares desenvolveu o poder da música orquestral, mas também uma estrutura hierárquica cada vez mais complexa entre os executantes. Da ópera nasceu o fosso de orquestra, para que os gestos dos músicos, mesmo os solistas, se apagassem, iluminando o corpo e a voz dos atores. À medida que o mundo se foi enchendo de música, ao longo dos séculos XIX e XX, os instrumentistas foram desaparecendo para a zona sombria dos palcos ou para o fosso das orquestras. A música omnipresente deixou de ser aplaudida em prol do canto singular; o carisma, construído por holofotes, patrocinadores e vaidade, ocupou o centro do palco. A substituição do trabalho do corpo coletivo pela exibição do corpo individual dessacralizou a existência humana; carne e espírito uniram-se e sumiram-se aos pés da lei da saúde, que se antepunha ao pensamento no início do século XXI. As pessoas passaram a ser avaliadas segundo um compósito de saúde física, mental e relacional. O sexo era agora entendido como uma prática higiénica, combatendo o excesso de calorias, a desregulação dos sentimentos, a solidão e as inseguranças estéticas de cada um. Estava por todo o lado, como a

música; ninguém se atrevia já a proclamar-se indiferente a uma ou outra destas coisas, sob pena de ser considerado associal.

Os instrumentistas eram respeitados como seres cultos, abnegados e tímidos. O poder de criação atribuíra-se à voz humana, e era sobre ela que os focos incidiam; a derrocada dos projetos políticos assentes na força coral ou nas orquestras invisíveis virava as populações para os altares das vedetas excêntricas. Pertencer a uma orquestra continuava a ser prestigiante, mas desabrigava o ego, sem o qual ninguém já era verdadeiramente respeitado. E isso dificultava as relações entre os próprios solistas, que se multiplicavam e anulavam diante das multidões ululantes convocadas pela música *pop*.

Por isso o programa *Venha tocar com os seus ídolos* teve tanto sucesso, naquela orquestra. Subitamente descobriam que o amor e o perfeccionismo com que tocavam o seu instrumento era objeto de reconhecimento individual: tinham o seu grupo de fãs, pessoas para quem funcionavam como modelos a atingir. E isso tornava-os, de novo, capazes de servir a música, perdendo o sentimento de injustiça que amargava as relações dentro da orquestra, enfraquecendo-a.

A força da música sobrepunha-se à fragilidade da confiança individual, era um caudal que arrastava a mesquinhez de cada ser e cada tempo, desfazendo os equívocos que as palavras ou o silêncio nunca parecem capazes de dissolver.

O avô de Rosa morrera sozinho ao piano. Sentava-a ao colo e guiava-lhe os dedos pelas teclas.

— Quando alguém te quiser fazer mal, trauteia uma canção. Não há nada de tão grave que uma canção não resolva. A música afasta o mal do mundo.

A mãe de Rosa, Eva, dizia que o pai nunca crescera e só dizia disparates. Lembrava-se da sua mãe, acusando-o:

— És um bêbedo.

— Sou. Mas não incomodo ninguém.

Eva não gostava de música porque a associava às discussões dos pais. Acordava com a mãe aos gritos, dizendo ao pai que só não o largava porque não teria capacidade para sustentar a filha sozinha. Em resposta, o pai punha no gira-discos, com o som no máximo, a *Quinta Sinfonia* de Beethoven, ou *A Paixão segundo São Mateus* de Bach. A princípio tinha pena da mãe — mas um dia ela fugiu com um músico da orquestra onde o pai tocava, deixando uma nota em que pedia à filha que a desculpasse. Nunca mais a viu. O pai acabou como pianista de bar de hotel, tocando canções de Sinatra no meio do ruído das conversas e dos copos. Rosa adorava esse avô que lhe lia histórias, a levava a concertos e lhe dava os mimos e a atenção que mais ninguém lhe dera.

Eva pensava que amar era providenciar refeições, bons

conselhos e bens materiais: não conhecia outro modo de exprimir afeto. Não se lembrava sequer de ter recebido um beijo da mãe. Quando acordava aos gritos, assombrada pelos muitos pesadelos, a mãe abria-lhe a luz do quarto e dizia-lhe que respirasse fundo e adormecesse outra vez.

— Mas eu tenho medo.

— Não há de que ter medo. Não seas tonta. Fecha os olhos. Se voltares a ter pesadelos abre a luz e sossega. Já não tens idade para essas coisas.

O desaparecimento da mãe, quando Eva tinha treze anos, fora menos um choque do que uma libertação: já ninguém a mandava rir mais baixo, sentar-se de pernas juntas, dar beijinhos às vizinhas ou evitar ser saliente. E já ninguém lhe dizia que estava muito gorda. Para a mãe, Eva sempre fora muito gorda.

— Tão engraçada, a sua menina...

— É, mas está um bocado balofa.

Ouviu dizer que o trompetista com que a mãe fugira a trocara por uma dançarina de cabaré muito mais nova, e que a mãe acabara a servir à mesa num restaurante do Porto. Mas fez por não pensar mais nisso.

Rosa lembrava-se do avô e da orquestra e tinha vontade de fazer parte de um grupo sem rosto nem existência real, dedicado exclusivamente à prodigiosa ilusão da música. No bailado essa fusão nunca era completa: cada corpo gritava pela visibilidade e pelo aplauso. Cruzava o palco como um avião atravessa o céu, com velocidade e orgulho.

IV. Casa

Gabriel Santos fez desmoronar o coração de Rosa Cabral às treze horas e vinte e seis minutos de uma amena tarde de setembro de 2003, o que teve como consequência produtiva obrigá-la a arranjar um coração novo. Esta frase ergue de imediato um sorriso de desdém no leitor esclarecido, bem o vejo: de facto, não há corações novos neste mundo. Isso pode ser atestado por qualquer especialista de inteligência emocional, e são mais do que as mães, porque no tempo das mães deles, antes da Era do Tudo Está em Tudo, a inteligência era uma coisa fria e a emoção uma coisa quente, cada uma no seu lugar. Acresce que os corações não desabam: batem ao ritmo que podem, aceleram, desaceleram e, um dia, morrem. É possível transplantá-los e fazê-los durar mais uns anos, mas morrerão, de um modo ou outro. Assim, o mecanismo que faz com que o coração de Rosa se desmorne não passa de uma figura de estilo, uma instalação de palavras. O problema é que as palavras, as que são ditas e as que ficam por dizer, alteram as relações entre as pessoas e, por consequência, a história do mundo. A literatura apenas testemunha esse fenómeno.

Podemos assim afiançar que o coração de Rosa Cabral ruiu às treze horas e vinte e seis minutos de um determinado dia de setembro, diante dos pratos quentes do *buffet* de um encontro de livreiros. O que fazia ela ali? Pedira à sua desembaraçada amiga Teresa que se disfarçasse de agente de espetáculos e telefonasse para a organização oferecendo um recital gratuito.

— A Rosa Cabral gostaria de homenagear os profissionais do livro com uma pequena atuação no Congresso. Canta vários poetas. Penso que seria interessante para vocês. Os custos serão mínimos: ela não cobra pelo espetáculo, pelo que só haverá que pagar o guitarrista. Além das viagens e do alojamento, claro. A Rosa é uma estrela em ascensão. Dará outra visibilidade ao evento, sem dúvida.

Que seria dela sem o traquejo social de Teresa, loura, linda e farmacêutica, que continuamente lhe aplanava o caminho.

— Que vergonha.

— Qual vergonha. É bom que apareças associada a este Congresso; saís das franjas da boémia e entras no clube fechado dos literatos. Neste casinhoto de senhorecos uma pessoa ou aprende a circular ou fica entalada numa gaveta perra. O galdério do teu livreiro não te merece, isso é limpinho, e não penses que este encontro vai mudar alguma coisa. Mas não te faz mal nenhum cantares fora dos antros do costume. Precisas de um agente, rapariga.

— Tu és a melhor agente que se pode ter.

— Mas o meu negócio são os remédios, querida, que isto é um país de doentes e há que aproveitar a vida. Seja como for, sabes que contas sempre comigo.

Na noite anterior Gabriel adormecera nos braços de Rosa, depois de se consumirem na vertigem do corpo até à exaustão, com a porta da varanda aberta e a lua cheia a revelar os olhos de um submersos nos olhos do outro, num encantamento que se diria, se fôssemos cândidos e não tivéssemos lido já muitos romances, mais poderoso do que todas as forças do Universo. Ao acordar, já o clarão defensivo do dia se substituíra aos avassaladores fluidos lunares, Gabriel vestiu-se rapidamente, titubeou que estava muito atrasado e fugiu do quarto de Rosa. Passou por ela no *buffet* do almoço como se nem sequer a conhecesse. Sem intenção de a desfeitear: apenas não sabia o que fazer, porque as situações embaraçosas, por mais semelhantes que pareçam nos seus contornos exteriores, fazem-nos sentir crianças atarantadas perante o desconhecido. Talvez seja essa atração pela vertigem da infância que nos leva a provocá-las. Rosa olhou para os pés dele e pensou: “Não me viu.” Pensou em simultâneo: “Se gostasse de mim, pressentia-me, cheirava-me, mesmo que não me visse.” E foi nesse preciso segundo que o coração desabou. Não às duas horas da madrugada, quando se ajoelhara aos pés de Gabriel suplicando:

— Dorme comigo. Por favor, dorme comigo. Pelo menos esta noite.

Também não foi às duas e doze que desabou, quando, de novo excitado, Gabriel acedeu:

— Durmo contigo, pronto. Mas só esta noite. É muito complicado para o meu equilíbrio emocional, entendes? E eu não quero que as pessoas percebam esta coisa entre nós. Quero que seja só nossa. Entendes?

Entendia. Sempre que Gabriel lhe pegava no queixo e a fixava perguntando:

— Entendes?

Rosa assentia em silêncio. Aquela interrogação era uma declaração de controlo, não uma pergunta.

— Entendes?

Nesse instante, Rosa concentrou-se no amor. Na ideia do amor, a que podia agarrar-se através das expressões “equilíbrio emocional” e “entre nós”. Acreditara poder demolir o equilíbrio dele com uma avalanche de beijos. Como se fosse possível fazer com que ele morresse e ressuscitasse com uma alma transparente, pronta para a receber. Sabia que não há almas imaculadas, isoladas dos genes, do sangue, de uma história. Sabia que era um pensamento infantil, uma fantasia da sua solidão, sabia que o homem que queria ver em Gabriel não existia nele, mas beijou-o milímetro a milímetro, demorando-se com particular afínco no centro do corpo, e fixando os olhos na noite húmida dos seus olhos, provisoriamente hipnotizados por ela. Pensou que gostaria de ser assim beijada. Pensou na quantidade de vezes em

que ele lhe pedira que o beijasse todo, e na solicitude com que correspondera ao pedido. Quando ela lhe pedia o mesmo, ele respondia:

— Ainda não. Beijo-te como e quando eu quiser.

Rosa pensou, envergonhadamente, que se tinha deliciado com aquela recusa. Gostava que Gabriel fizesse dela tudo aquilo que lhe apetecesse. Gostava de o servir. De ser usada por ele. Da ideia de entrega absoluta. E Gabriel sabia que ela sentia prazer na rendição; quando a contrariava estava, no fundo, a ampliar-lhe o deleite. Gabriel Santos era um homem atento ao prazer das mulheres: nenhuma ousaria, sem má-fé, argumentar o contrário. Embora Gabriel estivesse convencido da existência de um fundo de desonestidade no coração de todas as mulheres, tão dispostas se mostravam depois a atirar-lhe os sentimentos à cara como um pano encharcado. Como se não fossem capazes de ver o muito que já lhes dava. O muito que arriscava para partilhar com elas o segredo da intimidade.

Rosa pensou que, se tudo corresse mal, poderia lembrar-se de que ele nem sequer lhe beijara os tornozelos demasiado finos, os dedos dos pés, demorando-se em cada um, desvanecendo-se com o facto de ela ter os dois dedos do meio praticamente unidos. A única informação pessoal que a mãe de Rosa lhe dera sobre o pai era essa — tinha os dedos dos pés colados:

— Dizia que era uma prova de evolução, porque os dedos dos pés soltos vêm do tempo em que subíamos às árvores. Era um bom presunçoso.

Eva bebera demasiado, por isso tivera aquele desabafo. Quando Rosa tentou saber mais pormenores sobre o homem que a gerara, a mãe voltou a fechar-se no seu cofre-forte:

— Não interessa nada. Para todos os efeitos tu nunca tiveste pai.

A quantidade de coisas que uma pessoa pode pensar de prato na mão, na fila de um *buffet*. Rosa pensou tudo isto e sentiu os pés frios por falta de beijos, o nariz a tremer por raiva da mãe — e o coração desabando perante a indiferença de Gabriel. Uma derrocada. Quase deixou cair o prato. Ninguém deu por nada. O apetite e a animação do grupo criavam uma atmosfera de alegria primária da qual todas as perturbações emocionais estavam excluídas.

Seis comensais adiante, Gabriel olhava para as travessas e ponderava:

“Escolho o peixe no forno ou o bife com molho de cogumelos? Apetece-me o bife, mas estou a ficar gordo. E eu não quero ficar gordo. Não posso ficar gordo. Um homem perfeito não é gordo.”

Olhou com raiva para um colega que passava com uma sopa e uma salada. Comida de mulher. Estranhamente as mulheres agora

gostavam daquele tipo de homem, desprovido de ombros, lingrinhas, enguias linfáticas com os olhos pregados no chão. O caso com Rosa não lhe ocupava a mente. Não quer isto dizer que a tivesse esquecido: desengane-se a leitora se espera deste romance um consolo maniqueísta ou a confirmação de que os homens são uns biltres insensíveis. Fosse a realidade tão simples e não valia a pena perdermos meses de vida (e neurónios, e folias, talvez até encontros promissores) mergulhadas na mais séria solidão, compondo gestos, cruzando destinos, desenhando rostos e esculpindo personalidades suficientemente virtuais para parecerem credíveis — hoje já ninguém quer saber de personagens tridimensionais, cheiram a naftalina, a século XIX, essa linear era da Verdade e Consequência. E a naftalina, descobriu-se recentemente, provoca o cancro. Asseguremos pois que Gabriel Santos fazia um esforço de grua por ser um homem sensível, ao contrário do que pensaria, se pudesse pensar, o peixe no forno, a que ele se atirou com uma gula que seria mais adequada a uma dobrada com feijão. Gostava sinceramente das mulheres. Pareciam-lhe em geral mais interessantes do que os homens. Tinham melhor conversa. Eram mais corajosas. Mas, na relação individual, acabavam sempre por se tornar demasiado exigentes. Reclamavam atenção permanente. Era estranho. Quanto mais bem-sucedidas e ocupadas, mais se queixavam da falta de tempo dele. Como se vivessem numa outra dimensão, onde cada hora se desdobrava em tantas quantas elas desejassem. Invejava a facilidade com que se desdobravam e desmultiplicavam. Admirava-as e detestava-as por isso. A ele, tudo lhe parecia difícil. Por isso se concentrava tanto em si mesmo. Rosa disse-lhe:

— Tenta pôr-te no meu lugar.

Honestamente: nem um romancista consegue pôr-se no lugar das suas criaturas — figura que se não autonomizar do criador não passa de um molde de gesso. Gabriel entendia que o lugar de Rosa era muito mais auspicioso: tinha uma vida livre, com aclamação e sem responsabilidades familiares. Parecia-lhe natural que o desejo dela se sintonizasse com o dele; e irritava-o que Rosa não entendesse o mérito excepcional da sua entrega, a ginástica hercúlea que ele fazia para articular aquela relação com uma vida de trabalho e família, isto além da preocupação que demonstrava em fazê-la atingir os cumes do prazer. Unia-os uma implacável energia erótica, potenciada por uma simpática cumplicidade intelectual. Ambos gostavam de livros, embora nem sempre dos mesmos. Rosa gostava particularmente d'*A fera na selva*, de Henry James.

— Não sei porque gostas tanto desse livro. O protagonista é um homem cinzento. Um tipo resignado, que não faz nada por si próprio.

— Por isso mesmo. Ele deixa passar a vida ao lado porque está convencido de que surgirá algo para o arrebatá-lo — a tal fera. É um romântico, agarrado ao mito da imagem surpreendente. Só diante do túmulo da mulher amada percebe que perdeu o amor da sua vida. É um analfabeto sentimental, como tantos outros, mas vive convencido de que é um homem de grandes sentimentos. É isso que o torna patético, e faz a arte do livro.

Rosa ensaiava tiradas literárias para impressionar o amante. Pode o leitor rir à vontade desta ingenuidade esforçada; por mais que as suas gargalhadas ecoem através da página, a nossa heroína não desistirá. A persistência é uma das suas características — não a mais sábia, mas que importa? De personagens sábias estão as bibliotecas entupidas. Quando se cansava dos livros, ou lhe escorregavam das mãos, incapazes de a entusiasmarem, procurava na Internet frases-corrimão às quais se pudesse agarrar. Corrimãos cada vez mais frágeis; as palavras pareciam velhas, secas, exaustas pela tentativa de mudar o mundo. Possuíam uma capacidade inflamável, talvez por nunca serem capazes de absoluto.

Gabriel desenvolvera uma predilecção especial pelo período romântico — pela música, a literatura, o peso que a História nela tinha, e sobretudo a pintura. Cultivava desde criança uma obsessão por uma princesa russa estampada numa caixa de chocolates. Guardara a tampa da caixa como um talismã e fizera da Princesa Lina a sua amante imaginária. Adormecia a sussurrar-lhe sonhos e frustrações. Colada em frente à cama, Lina olhava-o fixamente; o ponto de fuga daqueles olhos escuros como breu arredava os monstros da noite. Através do decote velado da princesa de chocolate decifrara o prazer do sexo. Masturbava-se a repetir o seu nome e a imaginar que rasgava os tules brancos que a embrulhavam, partia o longo colar de pérolas e despedaçava a rosa gigante que a princesa ostentava debaixo do peito. A boca fechada num ricto taciturno era outro botão de rosa à espera de desfloramento. E o pescoço ligeiramente pregueado de mulher indolente, vocacionada para os gozos da tristeza, endoidecia-o. A Princesa Lina já não era uma rapariguinha; pertencia a uma época em que as mulheres começavam cedo e se deixavam possuir por um só homem. Essa ideia excitava-o; os livros eram máquinas do tempo que completavam a viagem iniciada nos olhos da amada de cartão.

Ocupava-se em sonhos aventureiros: se não fosse livreiro, gostaria de ser repórter de guerra, ou, melhor ainda, espião. Os segredos eram um fascínio; por isso os inventava, continuamente. Não alimentava confidências nem relações próximas de amizade — porque exigiam trocas, favores, serviços, uma dança escorregadia de fragilidades mútuas. Significavam a perda do controlo. Construía cedo uma família para se libertar da tirania paterna, do clima de

guerra em que crescera, provando assim ao pai que era capaz de ser muito melhor do que ele. Criava três filhos que eram o seu orgulho: Leonor e os gêmeos Bárbara e Luís. Duas das musas de Camões, e o próprio poeta. Que a mãe das meninas se chamasse Penélope era apenas uma destas coincidências poéticas que só na vida real se encontram. Tivera o pai dela por professor, no liceu, e o futuro sogro defendia que tudo o que se escrevia no mundo estava já condensado na *Odisseia*. Tinham discussões interessantíssimas sobre o amor de Calipso e a fixação de Ulisses em Penélope. Gabriel estava apaixonado por Calipso, deslumbrado com as suas artes voluptuosas e com a dedicação sem limites ao herói; o professor Hernâni destacava antes a paciente fidelidade de Penélope, tecendo e destecendo infinitamente. Gabriel discordava:

— Uma chata. Uma resignada. Que sabia ela de Ulisses? Calipso amou-o tal como era, e correndo o risco de o perder.

Um dia a filha do professor Hernâni veio ter com o pai ao bar do liceu e presenciou um destes intermináveis debates.

— Que amor te parece mais autêntico, minha filha? O de Calipso ou o de Penélope?

— Nunca pensei nisso. Limitei-me a ficar feliz quando Ulisses regressou finalmente a sua casa.

A rapidez e serenidade da resposta afagaram qualquer coisa de fundamental em Gabriel. O rosto descansado de Penélope acendeu-se com uma aura de intuição que evocava uma dimensão superior da sabedoria, muito mais veloz do que a do próprio professor Hernâni. O corpo de formas amplas convocava os seus instintos animais. Nesse instante Gabriel decidiu que casaria com Penélope. Com a tocante precipitação da juventude, declarou-se poucos dias depois, de um jacto:

— Tu és a minha casa.

Penélope estremeceu de enlevo: ninguém, menos ainda uma pacata rapariga de vinte e três anos, espera de um rapaz de dezassete anos uma tão eloquente capacidade de síntese. Sabiamente, não se deu então por conquistada.

— Casar é coisa que nunca farei. Sou contra. Uma oficialização desnecessária.

Penélope estava a acabar a universidade, estudava História, era uma mulher feita. Gabriel fez o mesmo curso em três anos. Enquanto estudava, empregou-se numa livraria, para provar o arcaboço de construtor de famílias. E tornou-se namorado pela calada, com um empenho que conservaria pela vida fora. Convencia-se de que se deitava com outras a bem da mulher; os homens querem-se rodados como o globo terrestre. Quando se soube que Leonor vinha a caminho, os pais de Penélope ajudaram à compra da casa, um rés do

chão com uma cave excelente para biblioteca. Três anos depois vieram os gêmeos, e então trocaram o apartamento com cave por uma vivenda nos arredores da cidade, com um sótão para Gabriel, uma cave para brinquedos e até um minijardim. Em menos de meia dúzia de anos, Gabriel transformara-se de adolescente revoltado em homem de família. Com as poupanças da organizadíssima Penélope conseguiram abrir uma livraria num pequeno centro comercial e, pouco a pouco, criar uma sólida rede livreira. Penélope fartou-se depressa dos livros e da cidade. O pai conseguiu-lhe um lugar de professora num colégio sossegado, perto de casa, para poder acompanhar o crescimento das crianças.

O que queria dizer Rosa com aquilo de se pôr no lugar dela? O telemóvel dele não parava de tocar. Era uma jornalista com quem Gabriel se envolvera no anterior encontro de livreiros. Rosa desconfiava de que alguma coisa se passara, e disse-lho.

— Essa é um cãozinho abandonado, só isso.

Não era um sim nem um não. De qualquer modo, era uma afirmação surpreendentemente indelicada na boca de Gabriel. Por muito menos acusava Rosa de ser, não apenas violenta, mas “extremamente violenta”.

— Ninguém merece que se diga isso.

— Mas é o que ela é, e eu digo-te sempre a verdade.

— Se não é ela quem te está a falar a meio da madrugada, quem é? A tua mulher?

— Não sejas desagradável, Rosa. É um colega livreiro, o Nuno. Costumamos ir todos para um bar até ao fim da noite. É um ritual do congresso. Estão à minha procura. É só isso.

— Que insistência. Muitas saudades tem esse Nuno de ti.

A jornalista enviou uma mensagem escrita: “Não consigo esquecer-te.” Gabriel desligou o telefone, com um gesto brusco.

— Gosto muito do que temos, mas não me peças mais do que tenho para te dar. Nunca te menti.

Gabriel praticamente não mentia, esse era um dos seus maiores encantos. Conquistava as mulheres com a verdade escancarada, que era esta: a sua família estava e estaria sempre acima de tudo. Se as mulheres liam esta afirmação como um desafio, o problema era delas: ele agarrava-se à ideia de que fora sincero, e a Sinceridade era um dos seus valores de referência. A sua vida assentava sobre um conjunto de pilares que lhe permitiam sentir-se bem consigo mesmo. Justo. Leal. Sincero. Seria um descanso se todas as mulheres que o fascinavam — e eram muitas, porque ele tinha em especial apreço aquilo a que se chamava o *Feminino* — tivessem uma família, em vez de um rol de amigas às quais contavam todas as peripécias das respectivas vidas. Tomava algumas precauções com as amizades lúbricas: jamais

revelava o nome da mulher ou a morada da família. Em casos de maior envolvimento poderia aceder a mostrar fotografias dos filhos — tão lindos eram. Seduzir uma mulher era criar uma atmosfera de segredo. Torná-la dependente do seu charme, através de um sistema rigoroso de presentes e castigos. Gabriel tinha consciência de que quanto mais intensa fosse a intimidade física mais protegido estaria dos derrames emocionais das amantes. Não apreciava, aliás, a palavra amante — se calhasse alguma chamar-lhe assim, fazia-lhe uma festa no cabelo e sussurrava que tudo o que partisse da palavra amor estava banalizado. Alimentar histórias secretas não era o mesmo que criar famílias paralelas — isso seria admitir a insuficiência da família, ou seja, o seu falhanço. E Gabriel, ao contrário do pai e dos seus vaticínios, não era um falhado. Uma história secreta era uma brincadeira de prazer mútuo, uma incursão no reino perverso da curiosidade infantil, no magnetismo do poder sem limites. Falava pouco de si mesmo. Sabia ouvir como se escutasse, enquanto pensava no próximo gesto de sedução. Podia dizer:

— querida, minha querida.

Quando elas queriam definir a relação — um hábito, de resto, muito pouco sensual, como se apressava a recordar-lhes — falava de amizade, ternura e desejo. Desejo era uma palavra boa, leve, deliciosamente irresponsável. Uma variação na sua existência de homem responsável, profissional, potente — um homem que produzira uma menina linda, e depois um belíssimo par de gémeos, cada um com quase três quilos à nascença. Muito mais do que o seu pai fora capaz de fazer.

— Essa obsessão com o trabalho e com a educação dos meninos, Gabriel. Não sabes se morrerás amanhã, já pensaste?

— Precisamente por isso, minha querida, é que eu vivo de momento em momento. Procuro usufruir ao máximo cada instante da vida.

— Tal como tu a descreves, a vida parece um anúncio de cerveja.

Gabriel sorria, olhava para Rosa com genuína ternura. Poucos dias antes daquele encontro de livreiros, Rosa cometera um erro fatal: embriagara-se e enviara uma sequência de mensagens de telemóvel ao longo da madrugada.

— O que queres tu? Que eu seja posto fora de casa? É isso que queres?

Rosa respondeu que não, mas enquanto respondia verificou que, realmente, estava tão apaixonada por Gabriel que não se importaria que ele viesse para os seus braços por desespero, isto é, por ser enxotado para fora de casa pela outra, a grande Outra com quem ele dormia.

Na noite que se seguiu ao desabamento do coração, Rosa Cabral cantou o fado. Era esse o seu trabalho — e ela oferecera-o, em prol da literatura. A verdade é que desvalorizara o apreciado talento para ter a mercê de acordar ao lado de Gabriel Santos. Antes de o ver raspar-se do quarto em passo de corrida, ainda dissera:

— Pelo menos a memória de ter acordado ao teu lado já ninguém me pode tirar.

Gabriel Santos recordaria esta frase muitas vezes — não apenas de todas, e nem sequer foram muitas, as que acordou ao lado de mulheres que não Rosa. Passou a evitar cruzar-se com ela. Temia-a. Sempre que a ouvia cantar, alguma coisa nele parecia partir para um lugar demasiado elevado, de onde temia cair. Nessa noite, enquanto Rosa cantava, Gabriel foi dar uma volta pela praia com a jornalista confortavelmente carente que definia como “cãozinho abandonado”, e acabou por levá-la para a cama. Sexo maquinal, o mais compensador dos exercícios narcísicos. O cãozinho abandonado satisfazia-se com pouco. Violento, ele? Não, sentia-se compassivo enquanto abraçava aquela mulher com a ternura que dispensaria a um animal sem dono. Não pensava nela como uma cadela: isso seria ofensivo e demasiado sexual. Gabriel tinha prazer em oferecer o seu carinho. Sentia-se generoso, solidário, capaz de usar cada minuto da sua vida de um modo amável. Rosa esgotara-o. Agredia-o com a verdade compacta, totalitária. Sempre que entrava dentro de Penélope, a sua casa, fechava os olhos e pensava nos olhos escuros de Rosa, deslumbrados, os olhos escuros. E murmurava:

— Salva-me, Princesa Lina.

V. Protocolo

Farimah apertou com força a mão de Luísa durante a aterragem no aeroporto de Lisboa. Passara a viagem a soletrar baixinho palavras portuguesas soltas, o dedo avançando pelo dicionário inglês-português. Café. Rua. Casa. Obrigada. Sim. Não. Água. Trabalho. Porta. País. A mão de Farimah estava gelada e Luísa sentiu vontade de abraçar aquele corpo franzino. Fez-lhe uma festa no cabelo, a jovem reagiu quase com susto. Luísa pensou que aquele cabelo não devia ser acariciado há muitos anos, se é que alguma vez o fora. Só à entrada no avião Farimah retirara o véu da cabeça, sacudindo a cabeleira farta. Luísa disse-lhe em inglês que tudo estava bem, sabendo que nada seria tão fácil. Mal podia imaginar o que sentiria a rapariga, que a partir de agora contava apenas com o seu apoio. Disse-lhe que, desde que não se apaixonasse muito depressa, não ia ter problemas. A intenção era abrir um sorriso no rosto amedrontado, mas tudo o que conseguiu foi ensombrá-lo mais.

— Já desisti do amor,

disse Farimah, num inglês áspero. O sabor dos beijos do amor proibido queimava a língua, que não obedece ao manual de instruções do cérebro. De qualquer modo, esse estava já casado, e nunca teria tido a coragem de fugir com ela. Farimah não percebia a que ponto era preciso coragem para fugir do inferno. A coragem é um modo de viver, não um conjunto de decisões. Só agora, aterrando num país desconhecido, sentia medo. E saudades dos irmãos, das amigas, da mãe, até do pai. Mas estava consciente de que as saudades eram um luxo perigoso.

— Nunca diga que desiste de nada. Não pense assim. É verdade que o amor é muito sobrevalorizado. Uma armadilha. Tudo vai correr bem.

Luísa lembrava-se da primeira menina a quem alterara o destino. Filha de uma dama da sociedade madeirense que se apaixonara perdidamente por um irlandês de passagem quando o marido estava naquele que seria o último ano da guerra colonial. Sentiu-se triunfante com o pedido de socorro dessa mulher que sempre a tratara de modo altivo, nas férias familiares numa quinta dos arredores do Funchal. Na hora da aflição, os desgraçados reconhecem-se como iguais. A grande dama era agora uma mulher escondida numa casa do monte, à beira do parto.

— Luisinha. A menina sabe o que é não ter ninguém. Ajude-me.

Luísa condeou-se com aquela frase que era uma confissão de culpa. Convenceu uma enfermeira da Misericórdia que dedicava as horas vagas à política clandestina a realizar o parto e a levar a criança recém-nascida para Lisboa como se viesse para um tratamento

hospitalar. Na confusão pré-revolucionária da década de setenta essas coisas arriscadas não eram difíceis, e as pessoas eram solidárias sem precisarem de muitas palavras. A enfermeira entregou a menina a um casal que sofria por não poder ter filhos. Luísa não quis sequer tomar conhecimento do nome dos pais adotivos e não tornou a falar com a mulher que aprendera com ela o que é não ter ninguém. Fizera o que estava certo. Não se arrependia de nada. No dia em que entregara a sua própria filha conquistara a liberdade do desprendimento: guiava-se pela lanterna sempre acesa da consciência. Todas as outras luzes eram falaciosas.

— Vamos, não tenha medo.

Não era o medo que atrasava o passo de Farimah; ainda não se habituara a acotovelar e ultrapassar os homens. Durante toda a vida fora ensinada a andar devagar e muito atrás deles. Disse:

— Há muitos homens.

Corrigiu:

— Muita gente, quero dizer.

Luísa sorriu, disse que os homens não lhe fariam mal. Farimah explicou que não tinha aprendido a caminhar naturalmente ao lado deles.

— Vem de Londres. De uma empresa de alta tecnologia. *Silly*.

Farimah sabia que parecia *silly*. Vivera e estudara em Londres sem deixar de morar no Irão, à sombra dos preceitos islâmicos impostos pelo pai. Não gostava de falar disso: pareceria uma lamúria, e não era. Tinha orgulho na família, embora soubesse que já não lhe pertencia.

— Venho de uma Londres diferente da sua. Agora é que entro no mundo ocidental.

Luísa riu-se e explicou que também os homens ainda não sabiam caminhar ao lado das mulheres, pelo menos nos países do Sul da Europa.

— Vai ver. Não estranhará assim tanto.

Lembrou-se de Manuel Marques, que fora diretor-geral do seu departamento. Eficientíssimo. Numa mudança de administração quiseram correr com ele para dar o lugar a um lambe-botas da cor do novo poder. Luísa informou o administrador de que, se despedissem Manuel, sairia em solidariedade, e faria um escândalo na comunicação social. Sabia que aquelas duas palavrinhas eram o abracadabra dos senhores de poder: amansavam-nos como que por magia. Sabia também que aquela ameaça lhe garantia o ódio eterno do administrador, que a olhou com espanto, tirando-lhe as medidas, sorrindo mentalmente com a imagem do fruste Manuel Marques a comer a sofisticada Luísa Fontanellas. Vingaria-se na primeira ocasião, o que significava que, a partir daquele instante, Luísa teria de

estar sempre armada, sempre alerta. Por enquanto, precisavam dela. A sua competência era imbatível e sabia muitos segredos da empresa. Porém, ao exibir essa força, tornava-se vulnerável. Luísa gostou da sensação de arriscar tudo por um homem fraco. Manuel era um profissional sem mácula, cumpridor, leal — mas incapaz de fazer frente às adversidades. Pelo menos era isso que Luísa pensava. Manuel Marques agitava-lhe uma corda sensível, o que a surpreendia, porque se considerava uma mulher blindada. Tinha o engenho de a fazer sentir-se especial e salvadora. Passava noites ao telefone com ela, queixando-se dos problemas conjugais e dizendo que só ela o compreendia. Acrescentava também que a paixão que sentia pela mulher não esmorecia, apesar do afastamento cada vez maior entre os dois. Deitava-lhe uns olhares vulcânicos e dizia que sonhava com ela mas nunca seria capaz de ser infiel à mulher. Dedilhava as emoções como um pianista exímio. Oferecia livros, bombons, deixava-lhe sobre a mesa cartõezinhos ternos e elogiosos, exaltando a amizade que os unia. O administrador, que já assumira o compromisso com o substituto de Manuel, negociou com Luísa oferecer-lhe a direção de comunicação da empresa. Manuel aceitou, grato e contrafeito, dizendo que passava para uma área de trabalho que o interessava muito menos, mas que jamais esqueceria a generosidade dela. Pouco a pouco, deixou de telefonar. Explicava que as novas funções implicavam muito mais trabalho do que julgara. Tornou-se muito próximo de alguns funcionários que anteriormente desprezava como “sabujos”. Alguns meses volvidos, Luísa veio a saber por terceiros que Manuel se separara da mulher e andava acompanhado por uma sua muito jovem subordinada. E no ano seguinte tornou-se subsecretário de Estado, novidade de que Luísa tomou conhecimento pelos jornais.

Encontraram-se na cerimónia de inauguração de um centro de novas tecnologias a que Luísa foi como representante da empresa. As açafatas do protocolo conduziram os diversos poderes aos seus lugares. Um ex-ministro apressou-se a sentar-se numa cadeira da primeira fila, criando um embaraço à menina protocolar que guiava o senhor subsecretário. Manuel ocupou o único lugar vazio da segunda fila, enquanto Luísa esperava.

— Luísa! Há anos que não nos vemos.

— É verdade.

— E a culpa é minha.

— Também é verdade.

Trocaram estas palavras enquanto aguardavam a colocação na sala. As meninas olharam para Luísa, perguntaram quem era, conferiram os nomes e disseram:

— Já não há lugares, desculpe.

E Luísa ficou de pé nos seus incómodos sapatos de salto,

aparentando estoicamente ouvir os discursos. Ela, de pé, ali ao lado do homem sentado a quem salvara o lugar na empresa. Saiu a correr, sem se despedir, com aquela frase velha correndo-lhe sobre os nervos:

— Ponha-se na sua posição.

Enquanto se descalçava, ao chegar a casa, e aliviava os pés em água morna, jurou a si mesma que nunca mais poria o pescoço no cepo por homem nenhum. Agora sorria para a nervosa Farimah, que estava a entrar num mundo aparentemente novo.

VI. Fado

Entrar em ti, e dentro de ti ver o mar.

As palavras finais do fado de Rosa Cabral faziam tremer a chama das muitas velas da sala num murmúrio coletivo. Palavras simples, que na boca dela, através da garganta poluída de cigarros e mágoa, ganhavam uma intensidade particular. A música morria lentamente em vez de culminar num grito redundante — feminino, diziam eles. A redundância era uma característica feminina, não tinha sido sempre assim? Rosa usava a voz enrouquecida como um sismógrafo dos sentidos, e acreditava mais no poder másculo das palavras do que na mitológica feminilidade dos gritos. Que entrassem nos hospitais: a banda sonora da área dos cuidados intensivos era um coro de homens berrando pelas respectivas mãezinhas. As mulheres estavam acostumadas a chorar por amor ou despeito, mas enfrentavam as doenças e a morte com um estoicismo até superior ao dos partos e desmanchos, que não eram coisa pouca.

Quando cantava, Rosa sentia que a voz se separava de si e subia os degraus de uma escada de luz. Era ela quem cantava ou o fado que a cantava? Cantando, deixava de ser rouca e de tropeçar nas palavras. O seu sofrimento tornava-se alto como a noite e tão perfeito que encontrava assim uma forma de consolação. Já que não conseguia atingir a felicidade inoxidável, aquela que o tempo não perfura, que conhecesse pelo menos a totalidade da dor e escapasse ao controlo das horas por essa janela lançada sobre as trevas. Não acreditava em outra eternidade senão a da experiência, e sentia que experiência alguma ultrapassaria o conhecimento da eternidade. A dor, ao contrário da alegria, não precisa de companhia nem estremece diante da perspectiva do fim.

O que de genuinamente novo existia nos fados de Rosa Cabral, sobretudo nas letras, era a ausência de um fatalismo fechado, reconfortante. No lugar da indolência diante do amor perdido, surgia o sexo, com os seus trânsitos e humores imprevisíveis, sobrevivendo heroicamente a todas as mortes. O seu corpo de bailarina transfigurava-se como uma página sublinhada. As palavras saíam-lhe dos braços, das ancas, da cintura, puxando-a pelos ombros, como se levitasse. Fechava os olhos e a substância do mundo sumia-se; entranhava-se músculo a músculo no continente da música. Subia-lhe da garganta uma voz desconhecida, uma voz de contenda, espessa, mansa, que nunca se curvava à resignação do grito.

Um crítico badalado saudara o arrojo desta fadista que transformara o mais tradicional dos cantos portugueses num “engenho de emancipação erótica”. Que fossem para o caralho. Caso usasse palavras como cona e caralho nas letras dos fados que escrevia, será que acabariam com a conversa da “renovação do feminino”? Sim,

talvez fossem tão pueris quanto isso.

— Não tenho dúvida de que o sucesso da exposição dela está ligado à palavra *fuck* bordada a ponto cruz nas telas. Se tivesse usado o sinónimo português, outro galo cantaria.

Rosa pensava muitas vezes neste comentário do seu amigo Paulo acerca de uma artista plástica que ambos conheciam, e que passara décadas na obscuridade, pintando à maneira antiga, antes de ter a ideia de bordar palavras violentas sobre as cores da pintura. Paulo era uma daquelas pessoas raras que caçam a exatidão em voo. Encantara-a desde a primeira frase. De resto, ninguém se encanta a longo prazo, excepto os pretendentes da política, que nascem fadados para a glória e o desencanto.

— Em inglês tudo se pode dizer. É a língua de prestígio, a língua dos ricos. O novo latim.

E se cantasse o fado em latim? Alguém perceberia que a sua angústia não tinha qualquer espécie de relação com emancipações sexuais? Alguém seria capaz de apreender na sua voz o rumor desse maremoto tão velho como o mundo, chamado amor?

Tudo agora havia de ser engenhoso e erótico para poder ser alguma coisa. Rosa escrevera aquela letra apenas para que Gabriel soubesse aquilo que nem morta admitiria: que deixaria que lhe cortassem as cordas vocais para poder ficar com ele. Como a Sereiazinha de Hans Christian Andersen. Esta ideia inebriava-a no forro da madrugada, percorrendo sozinha as ruas de Alfama que tantas vezes percorrera de mão dada com ele. Hansel e Gretel no meio da floresta, amantes em vez de irmãos, criaturas da fome que avançavam nas trevas sem saber onde estariam na noite seguinte. Pensava que no escuro encontraria um meliante e que, no momento exato em que o fio da faca se encostasse ao pescoço, Gabriel surgiria do nada para a salvar. Gretel é que salvara Hansel, não era? Só quem espera a salvação sabe cantar o fado, mas Rosa levava essa esperança a limites perigosos — Gabriel morava muito longe de Alfama, e o manto da noite de Lisboa alberga mais facas do que a paz da roupa estendida nos varais permite avaliar. O céu de Lisboa é um inventário de céus. Na verdade, Rosa não esperava nada a não ser um reforço do desespero. Levava anos a viver cansativamente, por episódios, saltando entre a tristeza e o contentamento. Levava anos a disciplinar-se para cumprir horários e expectativas. Levava anos a aprender a reagir às circunstâncias. Para quê? Sobrava sempre um sentimento amargo de mesquinhez; havia dores que ultrapassavam as suas dores e triunfos que lhe seria impossível alcançar. Só o amor que Gabriel originara nela, um amor escuro, imóvel, feito da matéria da música e das palavras, a empurrara para o interior do seu talento, libertando-a do absurdo da História e da sua contingência. As amigas procuravam

encarrilá-la:

— Não se ama assim no século ^{XXI}. Isso é um disparate.

— Tens é saudades do sexo; os bons na cama são difíceis de esquecer.

— Miúda. Agora és uma estrela, concentra-te nisso.

Rosa concentrava-se nas estrelas, sim. Pegava no carro, punha os discos sentimentais que ele lhe oferecera no máximo do som e acelerava pela marginal até ao estacionamento da praia onde uma vez assistira ao nascer do Sol abraçada ao corpo nu e suado de Gabriel.

— *El infierno es este cielo*, cantava Lila Downs.

Trazia cada uma das carícias dele na memória dos seus dedos e tocava-se exatamente como ele a havia tocado. Nunca era a mesma coisa.

— Diz-me que és minha e só minha.

— Sou só tua.

— Quero entrar em ti, e dentro de ti ver o mar.

Dentro de ti ver o mar. A frase era dele, e dissera-a sem sequer gaguejar. Dentro dela Gabriel perdia completamente a gaguez. A frase era dele e agora Rosa esperava que viesse reivindicar-lha. Era esse o seu engenho emancipatório. Dessa frase que não lhe pertencia surgira uma letra de fado e o sucesso da fadista, numa Lisboa saturada de novos heróis do fado. Procissões de artistas despontavam diariamente para o anonimato. O fracasso subia-lhes à cabeça.

A confiança despertada por esse primeiro êxito, aliada ao desespero pela ausência do amante, levou Rosa a escrever ininterruptamente. Os seus fados falavam apenas e só de corpos enovelados, de um desejo voraz que não terminava nunca. Seguindo o primeiro crítico, os jornais chamavam-lhe “a Madonna do fado”, elogiavam o despudor avançado das suas composições. Aplaudiam-na, entrevistavam-na, duplicaram-lhe o *cachet* na casa de fados onde antes apenas a chamavam para cantar ao fim da noite, quando as camionetas de turistas já tinham debandado. Largou o emprego na loja de roupas. Para dizer a verdade, largara-o já antes da fama, no início do ano. Telefonara a dizer que precisava de férias, a patroa descompusera-a, Rosa desligara o telefone.

Não escolhera uma vida simples para aturar prepotências — fizera precisamente o contrário, para poder ser livre. Valera-lhe o exemplo da mãe, vedeta de televisão algemada aos humores de chefes anónimos e tonitruantes. Tratava-os por tu mas cumpria todas as ordens deles, ao milímetro. Fazia vender revistas mas sabia que, no dia em que decidissem, passaria ao esquecimento — e, se não tivesse cuidado, à pobreza.

— Sim, Carlos, como quiseses.

— Sim, Zé Augusto, cinco quilos eu perco num instante.

Aos dezasseis anos Rosa dissera que aquele trabalho não era mais do que prostituição, e da pior — com chulos exigentes. Como se ela não vivesse vergada a um regime alimentar tirânico e o seu corpo adolescente não fosse controlado por treinadores e médicos. A mãe dera-lhe uma bofetada e fechara-se no quarto a chorar. Aos dezoito anos, uma ruptura de ligamentos no joelho matou a bailarina que Rosa toda a vida se preparara para ser. Foi a dor maior: era forçada a desistir da única coisa que possuía semelhante a um ideal. A mãe dissera-lhe que devia agradecer a sorte que a livrava de uma profissão que a empurraria para a reforma aos trinta anos — as horas e horas de exercício disciplinado, as dietas, os sacrifícios, tudo havia sido em vão? Rosa decidiu afastar-se em definitivo do mundo da fama — e o mundo da fama veio ter com ela. Um dia cantara um fado numa casa de Alfama, o Abrigo da Lua, a pedido de uma amiga. O gerente abordou-a, perguntando se queria experimentar cantar. Pagavam — pouco, mas Rosa não tinha emprego e queria sair de casa da mãe. Depois começou a trabalhar na caixa de um supermercado: achou que era melhor ter dois patrões do que um. Era essa a conclusão das lutas igualitárias: a multiplicação dos patrões. Depois conseguiu alugar duas assoalhadas, e mudar do supermercado para a loja de moda: tinha desconto na roupa e podia ir à casa de banho quando quisesse.

Precisava de ir muitas vezes à casa de banho porque estava em dieta permanente, bebia dois litros de água por dia desde que o delegado de propaganda médica a trocara por outra. Engordara ao renunciar à preparação de bailarina. Continuava a ser magra, mas ganhava ancas e barriga, o que a incomodava, por muito que as amigas fizessem troça. Inscrevera-se de novo na dança, descobria que não precisava de ser profissional para ter o prazer de dançar.

— Foi uma sorte livrares-te daquele bimbo, rapariga. Um gajo que te dá sapatos amarelos de salto agulha não pode ser bom. Se queria uma namorada alta fosse procurar a uma equipa de basquete. Um vendedor de comprimidos, caraças. Mereces melhor.

— O que é melhor?

— Sei lá, um artista. Um tipo que goste de ti como és. Este até queria que pintasses o cabelo de louro, lembras-te?

— Um artista ela já teve, e não era melhor que este.

— Ah, esse não era artista, era doido. Um homem que interrompe uma queca para ir arrumar as meias não joga com o baralho todo.

— Sofria de POC, coitado.

— Que é isso?

— Perturbação obsessiva compulsiva. Era mais forte do que ele. Mas esse pelo menos gostava de mim.

— Não é preciso ser-se doido para se gostar de ti, Rosa. Nem precisas de te tornares no que não és.

O que sou eu? — perguntava Rosa. A pergunta repetia-se tanto dentro da sua cabeça que às vezes temia enlouquecer. Recebia o fado como uma interrupção catártica a essa pergunta. “O fado, em Portugal, é como um altar sagrado coberto de pó. E se alguém se atreve a limpar o pó é abatido. Como se não se pudesse mexer. Mas eu limpo o pó, eu pinto, eu vasculho para descobrir o verdadeiro fado.” Isto dissera o fadista Paulo Bragança há muitos anos. Por onde andaria agora?

Entretanto chegara um novo milénio em que pais e filhos vestiam os mesmos *jeans* e frequentavam os mesmos bares e concertos, e o fado fugira dos altares convencionais para se apresentar como nova versão das cantigas de amigo, num mundo libertado da canga das gerações. Mais do que o direito, toda a gente tinha agora o dever de ser jovem até à morte. O envelhecimento significava um aviltamento do ser, uma incapacidade de acompanhar o compasso da humanidade. Ninguém tinha paciência para ouvir os dissidentes da Adolescentologia que se estabelecera como norma de comportamento; possuíam ideias claras e estruturadas sobre quase tudo e a arrogância de presumir saberem quem eram. Nem os políticos se atreviam já a tanta ostentação. Quem quisesse tocar o coração dos outros havia de se mostrar por igual aberto a todas as culturas e convicções e aceitar torturas e interditos físicos como património de outras civilizações. Era melhor exagerar-se na tolerância do que cair no erro estratégico de apresentar uma verdade. Perguntar era uma manifestação de inteligência; responder, uma atitude de pesporrência inadmissível num universo finalmente salvo da maçadora barbárie da antiga idade adulta, que nunca teve boa imprensa nem a bondade de um gesto de gratidão. As pessoas não gostam que se diga que o altruísmo é uma esplanada da tirania.

— Quem sou eu? — perguntara Rosa a João, o artista. E ele respondera:

— És a minha namorada.

— Quem sou eu? — perguntara a Hélder, o vendedor de remédios. Respondera:

— És uma tonta.

— Porquê?

— Porque só meninas tontas fazem essas perguntas.

A Gabriel nunca perguntara nada. Da primeira vez, quando a deitou no chão da entrada da casa, ele disse:

— És tão bonita. Não posso senão entregar-me a ti.

A voz de Gabriel dizendo, uma e outra vez, no chão da cave da livraria:

— És tão bonita.

Amavam-se em qualquer chão. Onde calhava. De cada vez que Gabriel repetia a frase, com os olhos açaimados aos seus olhos, ao mesmo tempo que entrava dentro dela, Rosa sentia o corpo desintegrar-se. Cada partícula de si tornava-se meia partícula do corpo sumptuoso desenhado pelo amor por Gabriel, um corpo que passava a fazer parte do céu, do sol, do ar, das nuvens.

VII. Nuvens

Nuvens: véus sensuais através dos quais o céu parece chamar os seres humanos, acalmando-os, enganando-os, flamejando-os, apaziguando-os. As nuvens desfilam como um museu do conhecimento: o que há para saber reflete-se nelas e muda de cor. O braço de um amante com a sua textura de seda suada, castelos de areia e morte, jardins desgrenhados, a desimportância de tudo isso, a vida flutuando, massa de névoa, soberana, sobre todas as existências individuais.

As nuvens são feitas dos olhos dos mortos, como os romances das suas mãos, esquálidas, o osso da sabedoria que a carne não suporta. A carne impede-nos de ouvir, isola-nos no estúdio insonorizado da vida concreta. A carne impede-nos de conhecer a morte. Os mortos são descarnados, brancos e cinzentos como nuvens. E voam num céu imóvel, como elas.

As nuvens cantavam. Desciam em flocos criando uma cortina de música e prata que isolava Rosa da realidade. A primeira vez acontecera quando Rosa tinha três anos; a empregada doméstica fartara-se da sua irrequietude e fechara-a na despensa às escuras. Rosa chorou durante aquilo que lhe pareceram horas — e era essa a lembrança inaugural da vida: encolhida na despensa, aterrorizada, a chorar e a suplicar que a tirassem dali. Até que uma poalha brilhante lhe surgira diante dos olhos, com uma música dentro, uma melodia boa como uma carícia. Dentro dessa poalha viu uma menina de cabelos louros e encaracolados que ria, e dizia:

— Aproveita para comer chocolates. É no escuro que se guardam os chocolates.

Então Rosa erguera-se, tacteara as prateleiras em busca da caixa de lata onde a mãe guardava os bombons para as visitas. E comera-os quase todos, guardando as pratas na mão, para que ninguém desconfiasse dela. Foi assim que perdeu o medo e começou a cantar. Comia chocolates e cantarolava, de todas as vezes que a empregada a metia na despensa. Um dia a mãe chegou mais cedo e encontrou-a ainda fechada. Ralhou com a empregada, mas não a despediu. Anos mais tarde Rosa perguntou à mãe porque não a despedira. Eva já nem se lembrava do episódio. Respondeu que não havia dinheiro para contratar outra empregada a tempo inteiro, todas as que conhecia eram mais bem pagas do que essa Diamantina.

— Era analfabeta e um bocado lenta, por isso ninguém a queria. Eu tinha pena dela, coitada. E não tinha dinheiro para luxos, nem podia deixar-te sozinha.

Eva riu: lembrava-se agora que os chocolates desapareciam da caixa a uma velocidade suspeita, e que acreditara que era Diamantina quem os comia. Não lhe levava a mal, pensava na infância pobre da mulher e perdoava-lhe. E julgava que aquele castigo só ocorreria uma

vez. Depois da descoberta da mãe, Diamantina passara a fechar Rosa no quarto, e com luz. Não havia escuro mas também não havia chocolates. Rosa entretinha-se a conversar com a menina loura de gargalhada ampla que descia pela poalha de luz prateada sempre que estava triste. Habitou-se mesmo a sonhar com ela; quando as coisas corriam mal, concentrava-se e chamava por Sara. Batizara a menina com o nome da Princesinha de Frances Burnett, uma história que a mãe lhe lia para adormecer. A Princesinha vivia em Londres num colégio de meninas ricas e fora obrigada a tornar-se criada das colegas e a passar fome quando chegou a notícia de que o pai morrera na Índia. O mundo estava cheio de meninas sem pai, e sobreviviam. Sara imaginava que os ratos do sótão onde dormia eram os seus amigos, e que juntos organizavam banquetes. Assim resistiu à fome, ao medo e à humilhação até que o pai voltou e a diretora do colégio foi castigada.

Rosa passava muitas horas deitada na relva a olhar para as nuvens, o corpo despejado de desejos. Parecia-lhe que demorara muitos anos a despejar o corpo. Entregara-se a muitos homens. Demasiados, dissera-lhe uma vez a mãe.

— O que é demasiado? Diz-me: o que é demasiado, para quem não sabe quem é?

A mãe não respondera. Encolhera os ombros, atrasada para mais uma sessão de meditação transcendental. No princípio tentara arrebanhar Rosa, mas a filha dissera-lhe que só se interessava pela imanência. Depois a mãe morreu. A vida deixara de lhe interessar desde que fora arredada da popularidade. As operações plásticas já não resultavam: os anos agigantavam-se sobre o rosto sem expressão. Informaram-na de que era preciso dar oportunidade à nova geração e puseram-na a fazer pesquisa, nos bastidores.

— Odeio a nova geração. Umas meninas ignorantes com excesso de mamas.

— De que geração é o teu último namorado? — perguntava Rosa, cáustica. As conversas foram ficando assim, touradas de morte sem sangue à vista. Rosa fora mansa durante a infância e a adolescência. Envergonhada de não ser bonita como a mãe. Não tinha formas, afundara a feminilidade no *Lago dos Cisnes*.

— Não te preocupes. Há gostos para tudo.

Rosa sabia que isto não era verdade: as pessoas propagavam a diferença mas punham de lado quem não tivesse as medidas, as roupas e os comportamentos considerados corretos. As gerações nasciam e morriam como nuvens velozes; os contornos dos corpos esfumavam-se, as lágrimas evaporavam-se e subiam de novo ao céu, nada durava e nada acabava. Rosa cantava o fado e fumava. Deitava-se na relva a contemplar as nuvens e a esboçar nuvens de fumo de onde fazia surgir sempre o mesmo rosto, o mesmo momento. Os olhos de Gabriel dentro

dos seus, voando com ela sobre os obstáculos do universo. O corpo de Gabriel fundindo-se no seu, nuvem única em constante mutação, lançando sobre a Terra a sombra e o sopro do amor.

— Entrar em ti, e dentro de ti ver o mar.

As nuvens são as mais altas coisas que os amantes criam. Talvez no espelho das nuvens o amor dos homens e das mulheres pudesse ser o mesmo. Os homens haviam sido desde sempre educados para o prazer de ver, as mulheres para o prazer de serem vistas, ou de se esconderem, o que é a mesma coisa; só se fixa o que de algum modo foge do olhar. A pornografia associa o desejo masculino a uma coreografia industrial onde os corpos são êmbolos cada vez mais oleados e eficientes. As mulheres mostravam dificuldade em habituar-se à pornografia em virtude desse seu idioma fabril, estereotipado. Mas Gabriel percebia que a ideia de que as mulheres não gostavam de ver era um mito: a visão de um corpo desejado mobilizava-as, desde que houvesse o cuidado de as distrair do seu próprio corpo, de as distender face a culpas, imperfeições e ridículos. E excedia-se a fazê-las sentirem-se belas, porque elas precisavam disso para se entregar. Com Rosa, nem sequer tivera de pensar em nada. Despiram-se um ao outro com tranquilidade, olhos nos olhos, olhos na pele, olhos nos pedaços mais íntimos um do outro, como se renascidos naquele momento. Não havia o esforço da transformação da visão de pormenor em erotização total, não havia a convencional cerimônia de alternância entre o gozo de um e o gozo do outro. Rosa nunca precisou de lhe dizer, como todas as outras, que a acariciasse com mais leveza, ou que esperasse pelo prazer dela; cada gesto ressoava no outro corpo de forma ampliada, cada sensação parecia conter em si o dom do desdobramento, um dom orquestral que fazia dos beijos uma festa de sabores e das carícias a porta de entrada num universo de fruição cada vez mais ousado e particular. O modo como as nuvens se colavam e deslaçavam, os desenhos que faziam em cores mutantes, cinema imprevisível, por muito tempo recordariam a Rosa e a Gabriel esses momentos em que os corpos dançavam em conjunto, esquecidos de si e encontrados com uma verdade que arrolava o conhecimento humano. Satisfeito o desejo continuavam a desejar-se, e isso criava-lhes medo, a noção da temporalidade, da história que exige a insatisfação e tantas vezes se recolhe, em susto, ao horizonte da satisfação conhecida. Como se esse horizonte existisse e servisse de garantia a quem quer que fosse. As nuvens continuariam a projetar os corpos enamorados de Gabriel e Rosa quando nenhum dos dois estivesse vivo para recordar que ali, naqueles borrões entre o céu e a terra, permanecia a memória de um amor físico, químico, feito da refração do sol e da condensação da chuva, do cio das marés e dos continentes.

Rosa sabia que aquele não era um amor qualquer; Gabriel convencia-se de que todo o amor acabava sempre por ser um amor qualquer. Tinha lido mais livros do que Rosa, resguardava-se atrás deles como atrás de muralhas, não estava preparado para trocar a liberdade que construía como um cárcere pela hipótese de uma eternidade que afastara do seu desejo, numa imperial estratégia de resignação. Rosa não conseguiria viver sem desistir de ser feliz. Gabriel não conseguiria viver se acreditasse no peso insuportável da palavra felicidade. Por isso durante tanto tempo lhes restaram, aos dois, as nuvens. Daqui a cem anos as nuvens continuarão ainda a desenhá-los, sobre as cabeças dos que encontrarem nas nuvens o filme das suas histórias de amor — os filmes de amor são tristes porque não guardam o sabor da saliva, o cheiro, a eletricidade do toque, o gosto específico da transpiração dos corpos, que, como num sonho, nunca se repete exatamente do mesmo modo. Todos os filmes falam de um amor que já não está lá, porque as palavras e as imagens são apenas invólucros, distantes como deuses.

Sonhavam o mesmo sonho: encontravam-se num avião cheio de gente, abraçavam-se, deitavam-se um sobre o outro no corredor e quando voltavam a si estavam sozinhos. Corriam para a cabina de pilotagem e viam então que o avião seguia sem ninguém, no meio de um rio de estrelas. Assustavam-se e acordavam. Cada um sonhava este sonho ao mesmo tempo, mas não o sabiam.

VIII. Liberdade

No jardim da Gulbenkian, Farimah sentia-se em paz. Refugiava-se ali sempre que lhe sobrava tempo, roubava horas ao dia e ao sono da manhã para se estender na relva a ler, a traduzir ou a estudar português. Começara a trabalhar numa seguradora; o salário era menor do que o que ganhava em Londres, mas nada lhe faltava.

— Nunca te faltará nada,

prometera-lhe o marido, com uma carícia casta e paternal. Farimah ouvia nesta promessa o rumor da arrogância dos privilegiados. Devolvia a Alex o bem que recebera: uma cordialidade desprovida do fulgor da culpa.

O sítio era tão bonito que tinha dificuldade em concentrar-se na leitura: ainda não se habituara a dispor do tempo e a passear por onde lhe apetecia. Ali as saudades não a magoavam tanto; o cheiro da relva, a música do vento nas árvores, a massa das vozes despidas de línguas e de sentido, isso era igual em todos os lugares. Os leitores silenciosos faziam-lhe companhia. E os namorados. Gostava de observar os beijos, os abraços, a aura do desejo nos corpos dos apaixonados. Homens e mulheres namorando em liberdade à luz do Sol. Só conhecia a febre dos beijos proibidos, no meio do escuro. Não sentia inveja: metia-se-lhes na pele, tentava imaginar como seria. Nos jardins de Teerão esta visão não seria hoje possível. Nem a de uma mulher sozinha, como ela, com um livro na mão.

A amenidade de Lisboa alegrava-a e entristecia-a; como se o próprio contentamento a tornasse mais permeável à memória de tudo o que amara. A lembrança da irmã mais nova doía-lhe como um remorso. O que seria a vida dela? Não lhe poderia valer — mas retirara-lhe o prazer das gargalhadas cúmplices, o ânimo dos sonhos partilhados, uma das poucas liberdades que possuíam. Estava certa de que o pai a proibiria de estudar, em consequência da sua fuga. Os nossos atos repercutem, como címbalos, nos atos dos outros, a responsabilidade dispara continuamente sobre o coração dos seres humanos. Os patos e os pombos não têm de se preocupar com o sentido e o efeito das suas escolhas. Não têm, sequer, de escolher. São tão livres que nem sabem o que é a liberdade.

Sentia, no entanto, saudades do pai. Tinha consciência de que homem nenhum poderia voltar a olhar para ela com aquele amor brilhante, desprovido de tempo, atos ou maldade. Fizesse o que fizesse, ele gostava dela acima de tudo no mundo. Daria a vida por ela, mesmo contra os preceitos da sua religião. Em Londres Farimah lera *A escolha de Sofia* de William Styron, porque uma colega lhe falara do filme e ela não conseguira vê-lo. Era a história de uma mulher destruída porque os nazis a forçaram a escolher um dos filhos, sob pena de lhe matarem os dois. Sofia escolheu enviar para a morte a

filha, argumentando para si mesma que era a mais nova e a mais frágil, pelo que teria mais dificuldade em resistir ao campo de concentração. Todas as mulheres que conhecia escolheriam deixar matar as filhas — e não só as islâmicas, as protestantes inglesas também. E as católicas. E as ateias. Os deuses não eram culpados de tudo. Desde então, Farimah pensara que não queria ter mais do que um filho. Seria uma escolha a menos, uma penitência a menos. O amor não obedece a mecanismos racionais ou democráticos; o amor não obedece a nada, nem às vezes a si mesmo. Continuava a ser o fenómeno humano menos previsível e mais difícil de controlar. À medida que se iam vulgarizando as leis da igualdade e as sociedades premiavam o mérito individual e a livre iniciativa, o amor era substituído pelo sexo como ideal civilizador. Havia instituições científicas ocupadas em medir a ação das feromonas e reduzir o enamoramento a um processo fisiológico com características bem definidas e delimitadas no tempo.

O amor das mulheres pelos filhos machos era um enamoramento para o qual a ciência não conseguira encontrar antídoto nem limite, e igualmente perturbador da ordem social. As mulheres podiam encaminhar os filhos para a morte heroica ou protegê-los até os tornarem completamente irresponsáveis. Fora isso o que a mãe fizera com o irmão mais velho: o pai punia-o porque tinha más notas e não tinha jeito para desporto, e a mãe tirava dinheiro das despesas da casa para lhe dar, abria-lhe a porta dos fundos e deixava-o sair — ou abria-lhe a porta de casa para que ele entrasse, quando o pai o fechava na rua para o obrigar a jogar futebol com os rapazes do bairro. O pai bradava:

— Em vez de um filho, saiu-me mais uma mulher. Alá seja louvado. Aguentarei a provação.

E sovava o filho, rezando, como se rezas e tarefas tivessem o poder de o transformar.

Quanto mais crescia a severidade do pai, maiores se tornavam os desvelos da mãe: os bolos preferidos, a cumplicidade contra as proibições, a ocultação sucessiva dos falhanços do rapaz. Chegou a pedir dinheiro emprestado às amigas para dar ao filho. Ahmed tornara-se sinuoso e alcoólico; a mãe deixava de comer para lhe pagar as dívidas. Quando as filhas procuravam chamá-la à razão, ela dizia que Ahmed não tinha a força delas e precisava de proteção.

Farimah recordava-se inúmeras vezes daquela frase do pai:

— Tenho muito orgulho em ti, minha filha.

Pronunciara-a apenas uma vez, quando ela terminara o curso com distinção. Orgulho não era uma palavra que, segundo as regras do Islão paterno, se pudesse aplicar às mulheres. O pai tinha orgulho nela, contra o seu próprio Deus. Na cidade livre onde agora morava,

ninguém se orgulhava dela. Ninguém a pouparia aos trabalhos duros e aos infernos burocráticos; ninguém a acompanharia, sem que ela o pedisse, ao médico e às repartições públicas. Sentia-se sufocada com a insistência do pai em acompanhá-la a toda a parte, sem pensar que um dia recordaria com ternura essa insistência. Não gostava de pedir. Não gostava de receber ordens. Mas agora sentia falta daquela frase recorrente do pai:

— Deixa, que eu trato.

Podia ser pregar um quadro na parede ou tratar dos papéis para a segurança social. O pai resolvia. Ela entrava na sala e os olhos do pai iluminavam-se como se fossem tocados pelo Sol nascente. Ninguém voltaria a olhá-la assim. O amor dos homens era temporário, um composto de hormonas que desertavam com a saciedade do desejo. Fugira do único homem que nunca se cansaria dela. Talvez o pai pudesse amar a irmã mais nova como a amava a ela. Farimah pedia todos os dias ao Infinito que realizasse a transposição desse amor. Sabia que as coisas não eram assim: o amor não responde aos esforços da vontade. Por mais que os americanos tentassem que o amor se vergasse à ação e se tornasse uma prática de justiça e um caminho para o sucesso, as coisas nunca seriam assim.

Sentava-se junto a um dos lagos da Gulbenkian e imaginava-se a nadar no fundo das águas verdes, entre os limos. Adquirira em criança o hábito de fugir para o fundo de um lago sempre que se confrontava com um obstáculo. A água era a representação das possibilidades sem fim. Gostaria de ter aprendido a nadar; nas belas praias da costa do mar Cáspio o pai empurrava o irmão para o mar e elas observavam, tristes, sentadas na areia debaixo de véus. O persa antigo criara a palavra *paraíso* (*par dês*) mas as mulheres continuavam sem acesso a ele.

Fugira de um casamento indesejado e aterrara num país novo já casada com um desconhecido — um homem doce, amável, que não esperava nada dela, nem quisera saber quem ela era para a aceitar. Em Teerão as noivas também eram invisíveis até se materializarem em carne e sangue na noite de núpcias. Alex nunca a desejaria.

— Só te quero dar a liberdade.

Farimah sorria. Não fora capaz de agradecer. Naquele instante percebera que a liberdade não pode ser uma oferta, só vale como conquista. Quase tivera raiva daquele homem que exercia a bondade como um ator profissional, à espera de aplausos. Teve vontade de lhe dizer qualquer coisa de agressivo e obsceno. O fardo da gratidão tornava-se insustentável.

IX. Correspondência

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: domingo, 26 de outubro de 2003 00:50

To: Gabriel Santos

Subject: Fado

Gabriel,

Acabei agora um fado castiço que me apeteceu partilhar contigo.

Fado jurado

Pediste-me que te jurasse
Que só dormia contigo
Como se a tua mulher
Não fosse mais qu'um amigo
Pobre dela que não sabe
Que dizes ela não conta
Pobre de mim que tropeço
Na minha cabeça tonta

De corpo e alma m'entrego
Ao teu prazer traidor
Sentindo que me renego
No lume deste amor
Pedes tudo e não dás nada
Porque me dou eu assim?
Triste, feliz, derramada
Neste desejo por ti.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: domingo, 26 de outubro de 2003 01:10

To: Rosa Cabral

Subject: RE: Fado

Gosto muito de fado, e dos teus fados. Mas se é para me ver pintado de mediocridade, ou coisa semelhante, então, prefiro não te ouvir.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: domingo, 26 de outubro de 2003 01:20

To: Gabriel Santos

Subject: RE: Fado

A expressão “pintado de mediocridade” é tua — a interpretação de

uma frase tua que aparece no fado. Vê lá, eu apenas a considereei triste, ou melhor: considereei-me triste por a ter ouvido, senti que não a merecia — que te merecia qualquer coisa de um bocadinho melhor do que isso, sobretudo depois de todo este tempo, de tanta dor, de tanto gostar de ti.

Preferia que não gostasses de me ouvir cantar o fado, mas que gostasses de estar comigo. De teres qualquer coisa de parecido com uma relação comigo. Não era muito difícil. Eu não sou uma pessoa difícil. Qualquer mimo me desvanece. Sou apenas alguém que se entrega demasiado, e não consegue curar-se disso.

Desculpa lá o mau jeito. E esta minha tristeza com o teu silêncio, o teu alheamento.

Beijo,

Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: domingo, 26 de outubro de 2003 02:10

To: Rosa Cabral

Subject: RE: Fado

É verdade que a minha memória é má, mas eu sei que detesto dizer “jura”. Não te pedi nenhum juramento. Creio que te perguntei “Verdade que...?” (não dormes com mais ninguém). E também não disse que a pessoa com quem vivo “não conta”. Fiz-te uma pergunta cheia de ternura. Lamento que te tenha magoado. Não nos entendemos, nem nos mimos, que pensava ter-te dado e recebido.

Beijo

G.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: domingo, 26 de outubro de 2003 02:35

To: Gabriel Santos

Subject: RE: Fado

O “jura” é liberdade poética, ou romântica, até — não me pareceu grave dado que a fonte estava protegida. Eu ouvi: “ela não conta”. Até acrescentaste: “se tu vivesses com alguém isso também não contava”. Terá sido do mau vinho? Se foi isso é pena, porque a frase ficou a ferir-me ao longo destes dias. Sou como os desenhos animados antigos, aqueles que só quando iam no ar se apercebiam de que já não tinham chão — e nesse momento caíam. Enfim, sou lenta. Há frases que ficam a assombrar-me, sem que eu me tenha apercebido do quanto me magoaram no minuto exato.

Gabriel, a verdade é que custa muito que nunca tenhas necessidade de me fazer um telefonema rápido a dizer bom dia, que os dias passem

sem um sinal teu. É difícilimo conjugar a intensidade do nosso encontro com a intensidade da tua ausência. Queria encontrar a temperatura certa.

Não te queria perder.

Acreditei que desta vez iria ser um encontro sério, sem aqueles medos e reservas da tua parte. Nunca pretendi forçar-te a mudar de vida — gostaria apenas que, ou gastássemos este desejo e guardássemos mais tarde a terna memória dele, ou que um dia mais tarde tu mesmo quisesses partilhar a tua vida comigo. O que sinto por ti, o que sinto contigo é dessa natureza, sim, um amor completo, muito para lá do desejo, torrencial. Para isso seria preciso que acreditasses no amor conjugal, e creio que não acreditas senão no amor filial. Não sei se encontrarei um homem que saiba ser todos os homens para mim, e encontrar em mim todas as mulheres que desejar. Sei que isso existe, e sei que tenho em mim esse amor. Sozinha não consigo sequer manter uma relação de desejo sem mágoa. Entendes?

Beijo,

R.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: segunda-feira, 27 de outubro de 2003 10:31

To: Gabriel Santos

Subject: RE: Fado

Bom dia, Gabriel

Respondo-te ao longo do teu e-mail, é mais fácil, como se conversássemos, olhos nos olhos, o que eu preferiria e daria azo a menos equívocos.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: segunda-feira, 27 de outubro de 2003 02:45

To: Rosa Cabral

Subject: RE

Olá Rosa,

Sim, há frases que te ficam a assombrar: as minhas.

Não, Gabriel, não são apenas as tuas. Assombram-me e tocam-me muitas palavras, ouvidas e escritas, diariamente. É duro ser-se tão sensível a uma palavra ou à ausência dela, mas também é isso que nos permite entrar dentro da alma dos outros. Tentar genuinamente

compreendê-los.

Dos dias iniciais do nosso envolvimento ficaram-me pinças para as palavras que te digo. A frase dita numa circunstância, evocada mais tarde, várias vezes noutras circunstâncias, noutro tempo. As palavras que te tinha dito, e que te levavam a pensar uma coisa, as que não tinha dito e te faziam pensar uma outra. Eu também me baralho com as palavras que me chegam de ti. Da memória mais recente, ouvi várias sobre uma “nova forma”, pragmática e desprendida de lidar com o que temos, de lidar comigo, de não esperar mais que o instante. Depois chegam outras palavras, como as do teu mail de ontem. Feridas.

Sim, tens razão, mas não é tão simples. Fui para a Gala dos Autores pensando que, se acontecesse alguma coisa entre nós, seria muito bom — desde que houvesse doçura e entrega da tua parte, e não se repetisse o inferno da noite do encontro de livreiros (um inferno com bons momentos, porque o desejo tem sempre qualquer coisa de celestial) em que eu me senti humilhada pela tua recusa inicial em dormires comigo, e pior ainda ao acordar, quando fugiste sem quase uma palavra, depois de me teres dito que não voltarias a dormir comigo. Perguntarás: se tudo foi tão infernal, porque pensava eu de novo em dormir contigo? Em primeiro lugar, porque te desejo, o prazer que sentimos juntos é qualquer coisa que não se encontra ao virar da esquina (pelo menos, das minhas esquinas...). E em segundo lugar, também para matar essa memória terrível daquela que fora a nossa única e última noite. Mas procurei não esperar nada, à partida — e a noite foi maravilhosa. Acontece que eu estou sozinha — o tal equilíbrio emocional que naturalmente tanto prezas e de que falas adiante, não o tenho. Não me queixo, nota: não seria capaz de um equilíbrio assim, sou demasiado transparente para poder ter áreas completamente estanques na minha vida. Também por isso tantas vezes te disse que devíamos considerar o que tínhamos como uma queca ocasional entre duas pessoas que gostam uma da outra — coisa que achaste bruta e pouco elegante, mas que me defenderia do romantismo das expectativas e da implícita solidão. Compreende, por favor, que é difícil para mim — que não tenho um amor na minha vida, um par — ter uma relação tão intensa fisicamente com uma pessoa com quem partilho muitos gostos e cumplicidades sem romantizar. Ainda por cima perguntas se houve outras pessoas e dizes — como já tinhas dito também da outra vez — que se soubesses que eu tinha relações com mais alguém não serias capaz de estar comigo. Claro, há qualquer coisa de terno nessas frases; mas quando depois os dias passam no silêncio pensamos: com que direito me faz ele estas perguntas, estas exigências, este homem que todas as noites dorme com outra mulher? Se queremos manter esta coisa em forma de *assim* (relação não podemos chamar-lhe), podemos e devemos dizer tudo

sobre o bom que é estarmos juntos quando estamos juntos — mas não podemos aflorar o que se passa ou não passa lá fora. Claro que está subentendido que nos protegeremos se andarmos com outras pessoas: aliás, eu devo proteger-me sempre porque tu dormes de facto com outra pessoa. Disseste-me, da primeira vez, que comigo a entrega tinha de ser total — nesses equívocos não podemos cair, porque não são a verdade.

Rosa, não é à toa que eu procurei não te encontrar nos últimos meses. Ver-te destapa-me uma torrente de amizade, ternura, desejo por ti. É assim, é isto que me provocas. Vontade de conversar, saber de ti, abraçar-te, amar-te na cama.

Idem.

É isto. É muito, não é tanto como gostarias que fosse. Não é a paixão permanente, inquieta e incontornável que tu me dizes esperar. Não a tenho para te dar. Sim, tenho-te pensado muito por estes dias, tivemos momentos muito fortes, que ambos não tínhamos há muito nas nossas vidas. Tenho sorrido a pensar-te minha querida, mas não o partilho contigo.

Pena. Isso é que seria sinceridade.

Porque do passado tenho memória de acusações de paternalismo a expressões semelhantes a “minha querida”. Ou de poder dar origem a acusações e de te provocar ideias erradas, que também me recordo de terem existido. E porque tenho uma família que te disse desde sempre que queria manter, porque sou feliz nela. E porque tenho uma vida absurda de trabalho. Esse trabalho isola-me frequentemente de tudo o resto, por limitações minhas e desejo de aperfeiçoamento, muitas vezes só consigo deixar ficar alguns minutos para os meus filhos. Presumo que no teu pensamento e nos fados eu seja o tipo mais egoísta, medíocre e insensível, e que as tuas fãz acorram a cantá-los aos estafermos com quem andaram ao longo da vida.

Eu acho que não sou isso. E se sou isto para ti, era bom que não aceitasses ser a outra metade do desejo e da ternura que somos juntos, às vezes.

Numa semana, sete dias, dormimos juntos, escrevi-te, fui ter contigo. Para mim isto é alguma coisa, para ti é uma ausência que magoa. Eu não te posso dar mais que isto, e na realidade, muitas vezes, nem isto. E por isso sou, uma vez mais, o primeiro a dizer-te que não quero estar a causar-te mágoa (neste ponto costuma haver a tal acusação de paternalismo). Aqui é a altura em que te digo que gosto muito de ti, e tu me respondes que não é possível gostares de uma pessoa assim (e segues acusando de paternalismo + falta de carácter, e provavelmente + incapacidade de amar).

A única coisa aqui em que acertas é na incapacidade de amar. Acho que te resguardas do amor, e tenho dificuldade em pensar no teu casamento como feliz, sim — mas tinha decidido há meses não pensar

sequer nisso, é a tua vida, o teu problema (se o for), por isso te digo que podemos e devemos falar de tudo menos de relações que tenhamos ou deixemos de ter na vida real.

E uma questão, que serve para tudo, incluindo magoar-te, também: eu acharia normal que tu tivesses tido outras pessoas, e não deixaria de dormir contigo por isso.

Não foi o que me disseste: chegaste a dizer-me que sabias que isto era injusto, mas se soubesses que eu tinha outra relação, não serias capaz de estar comigo. Numa não relação como a que queres (porque o teu desenho mental e factual não é o de uma relação clandestina, mas de um encontro que pode acontecer de vez em quando, quando entendes ter disponibilidade), isso não pode acontecer. Precisamente porque não é justo — cria uma desigualdade insuportável entre nós dois. Já é difícil, parece-me, encontrar alguém que esteja disponível para estar connosco em absoluta entrega, mas só quando e se nós quisermos. Não sei se tens encontrado muitas mulheres que aguentem isso: eu nunca conheci (infelizmente) nenhum homem a quem pudesse propor uma coisa assim. Estou disponível para isso porque te desejo loucamente — e tenho esperança que, consumando esse desejo, ele serene.

O que se passou na noite da Gala deixou-me mais acesa e romântica do que pensava poder acontecer, sim. Quando se é livre, é difícil conter o desejo nos estritos limites do corpo, difícil sobretudo quando a pessoa que assim nos deseja quer garantias de que somos só dela. Entendes? Eu não posso, de facto, ser só tua — pelo menos na cabeça e no coração, que é o mais importante —, porque não é isso que tens para me oferecer. O que tens para me oferecer são umas noites belas e ocasionais e, eventualmente, uns almoços de conversa. E quero gozar isso enquanto não encontrar uma paixão que mereça a paixão que tenho para dar.

Queria saber, tal como tu me pediste um dia para que eu não te falhasse na sinceridade sobre isso, e que fosse cauteloso. A minha resposta para ti seria a mesma. Que te queria naquela noite, se nos teus casos tivesse havido cuidado.

Ainda bem que isto, que é central, fica esclarecido, porque não foi isso que entendi do que me tens dito. Acabaram-se portanto as conversas sobre os casos ou não casos: cuidado vamos ter sempre, porque tu não tens relações sexuais só comigo.

Se me dizes que não houve outras relações por minha causa, isso é algo que eu recebo cheio de ternura, e me faz querer-te mais (também pode haver paternalismo, aqui).

A questão é que eu tenho demasiado que fazer para me despir e fazer sexo só por fazer; tem de ser muito bom para valer a pena, e sexo muito bom não é fácil de encontrar, pelo menos para mim, que não consigo viver o sexo isoladamente (muitas mulheres conseguem-no, e adoram, nota que não há qualquer julgamento moral da minha parte quanto a isso, apenas não é a minha forma de estar). Pode acontecer que deseje um homem tão intensamente quanto te desejo a ti — mas a verdade é que, depois daquela noite no encontro de livreiros, decidi concentrar-me em mim. Prefiro masturbar-me a fazer sexo só para me sentir desejada, sexo com alguém com quem não tenha intimidade. Nunca fui capaz de ir com um homem que conhecesse numa casa de fados, só por ir. O sexo contigo é muito bom porque não é só sexo, isto é, mecânica. Mas a verdade é que não posso vivê-lo de uma forma absoluta, como tenho feito, porque depois fico a desejar mais e tu não estás.

Aqui chegado tenho um dilema. Se eu soubesse que daí a uma semana estaríamos a discutir a tua dura mágoa perante a minha suposta brusca indiferença, teria eu desejado aquela noite, depois da Gala?

Sol na eira e chuva no nabal é difícil, Gabriel: a intensidade tem o seu preço e as suas merdas, os êxtases desassossegam-nos, as pessoas não são autómatos.

Creio que sim, porque tu e eu num tempo e num espaço assim, acho que não nos resistimos. E acho que tu dirás o mesmo. Uma coisa bonita que me disseste sobre a noite agriçoce no encontro de livreiros foi que a memória de me veres acordar ao teu lado já ninguém ta tirava. Será que foi isto? eu não te disse, mas também gostei muito de acordar ao teu lado.

Pena que não me tenhas dito. Tinhas-me poupado muito sofrimento.

E desta vez mais ainda.

Ainda bem que o dizes.

Tenho lamentado para mim não ter adormecido abraçado a ti, de lado, contra as tuas costas, as mãos a cobrir o teu peito. Estava cansado, e desliguei de repente. Acordei numa busca desenfreada de ti. Mas tudo isto, Rosa, só pode existir para mim assim. Não te posso dar mais. Não posso dar-te parte do meu dia, por várias razões, também por equilíbrio emocional. Meu, mas julgo que também teu. Desejar-te bom dia e enviar-te um carinho breve seria suficiente para ti até quando?

Sempre; sentir-me-ia alguém na tua vida; às vezes o silêncio e a solidão tornam-se insuportavelmente barulhentos, como gritos. Dizer:

foi bom estar contigo ontem, não custa mais do que um minuto. Como quando se dá um jantar e as pessoas telefonam no dia seguinte a agradecer. Mínimos olímpicos, que facilitam e adoçam a relação entre as pessoas.

Se poucos dias depois de nos reencontrarmos me mostras incómodo por eu viver com uma pessoa e querer continuar a viver?

Enganas-te; mostro incómodo pela reação ao meu fado.

Sim, Rosa, quando disse que se tu vivesses numa situação idêntica isso seria normal para mim é porque sei, por experiência, que isso dá equilíbrio a uma relação que é, para todos os efeitos, clandestina.

Se eu vivesse com alguém e tivesse uma relação clandestina, gostaria na mesma de um gesto, uma palavra. Mas não seria capaz de ser feliz com uma pessoa com a qual não mantivesse uma relação exclusiva — nota que não faço lei deste meu modo de ser. Espero encontrar um homem que partilhe tudo, e espero ser capaz de transpor para o meu corpo a luxúria dele por outras mulheres — afinal, a transfiguração é a minha especialidade, é disso que se faz o fado.

Mas preciso de mimos, sim — uma palavra, um estou aqui. Preciso disso com os meus amigos também — é o que dá gosto à vida.

Sim, há pessoas que vivem momentos apaixonados numa relação clandestina. Não é a mesma coisa que estar apaixonado ou amar alguém. Quando a relação passa a isso, ou evolui ou acaba. Rosa, já to escrevi muitas vezes, noutro tempo: não te quero magoar. E porque a minha ternura e o meu desejo não te chegam da maneira que tu entendes justa e completa, e porque me dizes que te estou a magoar e a decepcionar, achas que conseguimos ser amigos, como várias vezes me disseste estar preparada para ser (também já me disseste o contrário)? Amigos que se alguma vez estiverem de acordo em se cobrirem de desejo o façam, ou amigos que acordam de uma vez por todas que isso não volta a acontecer?

Se há coisa que aprendi na vida foi a nunca dizer nunca. Acresce que o desejo não se decreta por acordo, querido Gabriel. Nunca mais me zangarei contigo, a memória do meu corpo não deixa. Gostava que vivêssemos isto enquanto existe, porque no dia em que eu encontrar alguém passarei a ser apenas, ternamente, tua amiga.

Que me dizes?

Digo-te que estou aqui.

Beijo,

Gabriel

Beijo,
Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: segunda-feira, 27 de outubro de 2003 20:50
To: Rosa Cabral
Subject:

Passas em rodapé na televisão. Cantarás em Coimbra, é?
Estás uma estrela.
Gosto muito de ti.
G.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 28 de outubro de 2003 02:32
To: Gabriel Santos
Subject: Coimbra

Vem comigo a Coimbra tresnoitar-me a voz, vá...
Beijos,
R.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 28 de outubro de 2003 19:25
To: Rosa Cabral
Subject: RE: Coimbra

Gostaria muito de ir contigo, mas não posso. Sabes que não posso.
Beijo-te muito
G.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: domingo, 16 de novembro de 2003 03:15
To: Gabriel Santos
Subject: Fado novo

Tenho algures um botão
invisível essencial entre
a pele e o circo voador
do cérebro entre o sexo
as pernas e o coração.
Emite ondas de calor
torna plano o convexo
está perto e fora do

alcance da minha mão.
Só os teus dedos parecem
capazes de o encontrar.
Por isso longe do teu corpo
as coisas mais simples
desaparecem
o céu o riso o tempo a noite
o ar.

Gostas?
Beijos, muitos,
R.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 18 de novembro de 2003 17:22
To: Rosa Cabral
Subject:

Desculpa não ter dito nada ontem, não deu mesmo. Por onde andas? Queres fumar um cigarro algures?
Beijo,
G.

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 18 de novembro de 2003 17:27
To: Gabriel Santos
Subject:

Na livraria, às sete? O meu poema era assim tão mau:))
Beijo,
R.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 18 de novembro de 2003 17:50
To: Rosa Cabral
Subject:

Gostei muito do teu poema. Levou-me para dentro de ti.
Trouxe-me o teu desejo e despertou o meu desejo.
E depois, pronto, esqueci-me de to dizer, parvo.
Desculpa. Espero-te às sete.
Beijo-te
G.

X. O dia dos aviões

Eva estava em Newark no dia em que os aviões arrasaram as Torres Gémeas. Fazia um *Heróis do quotidiano* especial com a comunidade portuguesa. “Bom dia. Estamos hoje na Nova Iorque lusitana para lhe dar a conhecer histórias de sucesso. Homens e mulheres que não se deixaram abater pelas dificuldades e construíram novos horizontes.” No espelho da maquilhagem viu o primeiro avião a entrar pela torre. Julgou que se tratava de um filme de Hollywood. Logo depois recebeu uma sms da filha: “Diz-me que estás bem.” Respondeu rapidamente: “Tudo ok.”

O realizador gritou que as filmagens no exterior estavam canceladas, não fosse o ataque a Nova Iorque prolongar-se. Ao segundo avião houve a percepção instantânea de que Nova Iorque estava a ser atacada.

“Conversaremos com empresários, artistas e atletas que, na América, engrandeceram o nome de Portugal.” Eva não tinha tempo a perder. A máquina de teleponto estava perra, bloqueava os textos, o realizador era um tipo que ela empurrara pela escada, há anos, por maltratar uma amiga sua. Aproveitaria agora para se vingar, certamente, destruindo-lhe a imagem, através da luz. Rostos em pânico emergiam do fumo, num ecrã silencioso. Em cinema e televisão, a iluminação é tudo. Eva antevia que se esta emissão corresse mal a sua carreira estaria destruída. As torres pareciam um cenário de cartão desabando, lá ao longe, enquanto Eva ensaiava os textos que falavam da vitalidade extraordinária dos portugueses de Newark. Quico, o produtor, tinha sido bem explícito: “Garota, já não tens vinte anos. Tens de te agarrar ao profissionalismo, já não podes contar com as mamãs.” Quando é que ela contara com as mamãs? Mas não valia a pena ofender-se ou ripostar: Quico era, apesar de tudo, um dos seus mais leais amigos. Um homem de esquerda, como ele mesmo repetia cem vezes por dia, não fosse dar-se o caso de alguém o esquecer. Se viesse a propósito, insinuaria a sua pertença à Maçonaria, dizendo-se “irmão” deste ou daquele político. Era um coração fácil, sempre disposto a arranjar um gancho para salvar da miséria as vedetas decadentes.

Eva pedira que por amor de Deus não enchesse aquele programa de bêbedos da revista à portuguesa do pré-25 de abril nem cantoras-pimba aposentadas do reconhecimento público. Quico retorquira que não conseguia ser frio e individualista como ela, porque era um homem de esquerda. A sua primeira mulher, uma apresentadora do telejornal, pusera-lhe um processo por violência doméstica, anulado por falta de provas. Sim, em parte Eva contara com as mamãs, porque se não contasse com elas nem sequer teria tido emprego na televisão — não possuía “irmãs” na política, nem meios

para lançar a sua própria produtora e anunciar que era uma “mulher de esquerda”. Aliás, ser de esquerda ou de direita de pouco adiantava às mulheres.

A sua primeira entrevistada era uma nadadora paralímpica, com paralisia cerebral. Eva sorriu para as câmaras e gabou a beleza do corpo da atleta. O ecrã, atrás da câmara, mostrava bombeiros correndo na névoa de fumo. A assistente de realização disse-lhe pelo auricular que descontraísse, depois da entrevista com a nadadora teriam uma longa interrupção para noticiário, por causa das Torres.

— O cego fica para o fim. Agora temos de entrar com música e depois com uma história sem dramas, não dá para sobrecarregar o povo.

Normalmente Eva reagia bem aos improvisos. Gostava da adrenalina dos diretos. Mas não conseguia concentrar-se. Perguntou ao cego se se tinha apaixonado à primeira vista. Gracejou com o cantor sobre os incêndios da paixão. Atrapalhou-se com o teleponto emperrado. Chamou senhor Leitão ao senhor Silva, dono de um restaurante especializado em leitões. Ouviu o realizador berrar a Quico:

— Fala-me com esta atrasada mental, que eu não sei que lhe faça.

Ouviu Quico, paternalíssimo:

— Querida, respira fundo, és linda, concentra-te, vais conseguir.

Caramba. Quantas coisas não tinha já Eva conseguido? Possuía intuitivamente a arte da entrevista. Quando se entrevistam pessoas de classe baixa tende-se a perguntar-lhes o que fazem; as entrevistas à classe média são sobre o que pensa. Eva nunca elaborara sobre isto, mas tinha o dom de falar com príncipes ou mendigos de igual para igual, com uma curiosidade genuína e igualitária. Sentia-se revoltada quando ouvia algumas senhoras da pretensa alta sociedade distinguir as pessoas consoante pertenciam ou não “ao nosso meio”, ou trocar da singeleza de um nome. Via cada pessoa por si mesma e, quando câmaras e luzes se acendiam, o julgamento apagava-se-lhe da mente: se entrevistasse um violador, e já o fizera, conseguiria expor-lhe os pensamentos mais recônditos, o pavor das mulheres e a divisão do mundo em categorias fixas de bem e de mal. Verificava que os criminosos eram as criaturas mais seguras no que se referia a essas categorias, e acabava quase sempre por ter compaixão deles. A televisão, considerada uma caixa de artifícios, cada vez mais ultrapassada pela velocidade dos computadores, surgia-lhe como uma espécie de máquina de detectar mentiras.

— Respira fundo, boneca. Esquece o que se passa lá fora.

Respirou, abriu os olhos e viu um corpo caindo no meio de

nuvens de destroços e fumo.

XI. Sedução

Rosa reconstruíra o coração com palavras — as palavras que dissera a Gabriel, as que nunca fora capaz de lhe dizer, as palavras de raiva e vingança que lhe escrevera depois de ter deixado que ele atearse as cinzas do seu corpo e a ressuscitasse para a miragem do amor. Seis meses volvidos sobre o infausto final de caso no congresso de livreiros, cruzaram-se num concerto de *rock* e ele convidou-a para cear. Disse-lhe que sentira muitas saudades e que gostaria que, pelo menos, ficassem amigos. Selaram a ressuscitada amizade no banco do condutor do carro novo, que descia modernamente até se tornar cama.

— Nos momentos em que estamos juntos — perguntou Gabriel —, achas que podemos ser um do outro? Sem que isso redunde em mágoa quando não estamos juntos? Podemos viver o instante, até ao dia em que um de nós troque um beijo por uma carícia?

Até que a morte nos separe, está escrito no ritual do casamento. Na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, ámen. Até ao dia em que um de nós, rememorava Rosa, sabendo que nunca seria ela a fazer nascer esse dia. E sabendo também, dolorosamente, que esse dia estivera sempre suspenso sobre os seus corpos unidos, que esse dia era o dia de Gabriel e não havia modo de evitar a sua chegada.

— Só pensas em mim quando estás comigo?

— Não. Sabes muito bem que não.

— Então aí tens a resposta à tua pergunta.

Agora Gabriel telefonava ou escrevia e-mails todos os dias, procurava-a em quase todos os minutos livres, abraçava-a como se o mundo fosse acabar. Rosa fez-se paciente, habituou-se de tal modo à espera que começou a saborear a ausência, cultivando o prazer da antecipação. O Natal, cinzento como uma gabardina velha, não lhe custou a suportar — cantou para turistas entusiásticos, viu os filmes que Gabriel lhe emprestara, leu os livros que lhe oferecera, trocaram um batalhão de e-mails lúbricos, o que lhe confirmou que também ele sentia a sua falta. Gabriel ia passar o fim de ano a Itália com a família — uma longa viagem de automóvel, porque adorava conduzir e tinha pavor de aviões. Telefonou-lhe de Roma, com alegria na voz, dizendo que as ruas estavam muito animadas e combinando o próximo encontro com ela, a sete de janeiro.

— Quero ver-te assim que chegar.

Rosa percebeu que o resto da sua vida seria isto: acomodar-se à agenda de Gabriel, preencher os espaços em branco da sua vida. Como se tivesse uma folha *excel* muito organizada onde tudo se encaixava: os filhos, a família, a livraria, e ela — a diversão controlada, uma espécie de montanha-russa que lhe assegurava a quota da loucura, o toque de sal que lhe faltava. A sua puta privada.

Uma das suas realidades era essa: ser a puta de Gabriel, aquela que nunca se lhe negaria, que teria o dom de se transfigurar em cada uma das mulheres que ele fantasiasse.

A puta continha em si todas as mulheres e era por isso mesmo uma temível caixa de Pandora. A prostituição, tão antiga como a palavra e o sonho, servira para conter e regularizar a avalanche de poder revelada pela fertilidade das mulheres. O dinheiro traçava um muro seguro entre o íntimo e o real, estabelecia as fronteiras concretas da troca. A legalização da prostituição, já praticada nos países tidos como mais modernos e civilizados, significava o triunfo desse pensamento higiénico, protector da culpa e do desvario. A frequência de putas legalizadas suprimia o agulhão da culpa: profissionais como quaisquer outras, as putas já não cabiam na definição de mulher-objeto. Porém, num mundo progressivamente virtual e fragmentário, a necessidade de objetivar o outro, de o usar como um condensado indutor dos mecanismos da culpa, da humilhação e do perdão, ganhava uma força irreprimível. O turismo pedófilo era um negócio em ascensão que nem as putas versadas nas últimas conquistas da cirurgia plástica e diplomadas em psicologia conseguiam travar.

A descoberta de uma rede de pedofilia envolvendo diplomatas e figuras da política e dos *media*, a 23 de setembro de 2002, colocara Portugal na imprensa internacional, gerando uma espécie de abalo moralizador num povo mais ágil na pequena maledicência e no comentário anedótico do que nas questões de moral. A relativização da pedofilia avançava em certos círculos políticos e intelectuais, como forma de proteção partidária ou em defesa de um princípio de originalidade sempre mais intenso do que a justiça sem a qual o país se habituara a funcionar.

Nos saraus literários havia muito quem lembrasse a tradição grega da pedofilia como iniciação e se risse da falta de erudição de algumas feministas que afirmavam que a Grécia antiga não era exemplo para coisa nenhuma. Mas eram poucas e esparsas as vozes do feminismo; depois da revolução haviam surgido uns movimentos de mulheres rapidamente desfeitos por rivalidades de protagonismo e pela astúcia dos partidos de esquerda, particularmente hábeis a domar os ímpetus libertários das suas mulheres. A prioridade do combate de classe afirmava-se sobre os pormenores do género, que se enfiou no saco das discriminações raciais ou de orientação sexual. Tudo o que se prendia com a defesa da igualdade das pessoas era desprezado em tom solene sob o título de “causas fraturantes” e afastado da discussão em torno do desenvolvimento económico e cultural do país.

Não era apenas por gostar de se definir como um homem de princípios, solidário com a emancipação das mulheres, que Gabriel nunca consideraria ir às putas. Sofria de uns laivos de hipocondria que

o impediam de sequer considerar meter-se, mesmo que bem protegido, dentro de uma vagina que não sabia por onde andara. Além disso, o sexo pago parecia humilhante: mais do que orgasmos, o que ele procurava era o prazer de sentir a rendição autêntica de uma mulher aos seus atributos. O gerente de contabilidade das suas livrarias contara-lhe que ia às putas porque não admitiria sujar de esperma a boca que lhe beijava os filhos, ou as mãos que os afagavam. Paradoxalmente, o mesmo homem acabou por se envolver numa relação clandestina com a irmã da mulher — isto é, a tia das crianças. Gabriel contara esta história a Penélope, sobretudo porque precisava de ter histórias para contar. As conversas em torno das misérias da intimidade alheia são um dos componentes mais reconfortantes da vida conjugal; fazem-nos sentir limpos, racionais e, por conseguinte, seguros.

Gabriel Santos era um homem moderno de inventiva tradicional: bastava-lhe o arranjo da transgressão em horas selecionadas para estabelecer os mínimos de aventura que conferiam alegria à existência. Decidira que Rosa nunca seria mais do que uma especiaria exótica no composto da sua vida. Até que um dia ele trocasse o seu beijo por uma carícia terna, sinalizando o encerramento daquela história e a passagem a uma nova aventura.

Por outro lado, agradava-lhe cada vez mais a ideia de ser fiel àquela ligação com Rosa. O prazer que sentia quando estava com ela só era comparável ao prazer inicial da relação com Penélope, e a idade começava a pesar-lhe. Tinha cada vez mais dificuldade em atingir o orgasmo com o preservativo — apreciava demasiado a textura interior dos corpos das mulheres para se satisfazer em gozá-la através da borracha. O ato em si tornava-se repetitivo, até porque a maioria delas limitava-se a abrir as pernas e esperar que ele atuasse. Quanto mais fortuita e precipitada fosse a relação, mais se comportavam assim. Talvez tivessem medo de ser tomadas por putas caso mostrassem afinho.

Antes de tocar em Rosa, tivera o cuidado de pôr ponto final ao caso esporádico que mantinha com uma terapeuta sexual aparentemente fria que se deitava no chão do seu escritório, abria as pernas e os braços e dizia “faz de mim o que quiseres”. Ultimamente limitavam o campo da experiência ao sexo oral, porque perdia a erecção assim que punha o preservativo e entrava dentro dela. Não era por falta de prática na colocação do objeto protetor: Gabriel demonstrava uma eficiência notável nesse capítulo. Quanto menor fosse o conhecimento da parceira, maior se tornava a necessidade de agir com desenvoltura. Algumas chegavam a perguntar-lhe se já tinha posto “a camisinha”, porque nem tinham dado por nada.

A progressão do envolvimento com Rosa fora invulgarmente

lenta. Durante muitos meses apenas conversaram. A loja de roupa onde ela trabalhava era à frente da sua livraria principal, e ela aparecia pelo menos uma vez por semana para folhear as novidades. Gabriel queixava-se dos sinais da recessão e da concorrência dos hipermercados, e Rosa dava-lhe sugestões para aumentar o negócio: criar debates, não só com escritores mas com artistas sortidos, ou fazer um *top* de recomendações da livraria, alternativo ao previsível *top* de vendas, ou inventar montras temáticas a partir das grandes inquietações humanas, como o amor, a perda, a felicidade, a solidão. Rosa fervilhava de ideias — até se espantava com a quantidade de propostas que lhe ocorriam, quando se tratava de Gabriel. Falava muito depressa; a proximidade dele bulia-lhe com o sistema nervoso, agitado pela intensidade que fazia por decifrar naqueles olhos verdes. Sentava-se a lanchar com ela no café da livraria e sentia-se cada vez mais enternecido com o tempo que ela levava a saborear, pedacinho a pedacinho, o pastel de nata que às vezes se permitia comer. Mal a via atravessar a rua, Gabriel fazia um sumo de laranja natural e tirava um pastel de nata. Rosa dizia que não podia pecar tantas vezes, sob pena de nunca mais se livrar dos quilos em excesso. Sorria-lhe, lançava um piropo, dizia-lhe que ainda tinha uma margem de pastéis imensa até ficar gorda, e que a delícia de a observar a comer aquele doce era imperdível. Dizia-lhe que chegava a ter ciúmes do pastel de nata, ela respondia, oh, que disparate, e voltavam a falar do quotidiano, de política, de livros. Comovia-o a sofreguidão com que ela pegava nos livros, a dificuldade que tinha em escolher um, apenas um de cada vez, porque tinha pouco dinheiro. Passou a emprestar-lhe os livros; de início Rosa recusou a oferta, alegando que não fazia sentido que emprestasse o que era para vender, mas Gabriel retorquiu que, por causa das ideias dela, a livraria passara a ter uma clientela muito mais regular. Rosa deu em empurrar clientes da loja onde trabalhava para a livraria de Gabriel: entrava uma mulher em busca de um presente para uma amiga, e Rosa explicava que um livro era um presente mais barato e mais eterno do que uma blusa. Um dia, folheando um álbum sobre Machu Picchu, a cidade impossível dos Incas, Rosa dissera:

— Que paisagem deslumbrante.

— Paisagem deslumbrante é a que está ao meu lado, respondera Gabriel. Depois, convidou-a para trabalhar com ele; Rosa não aceitou porque já estava certa de que queria entregar-se-lhe, nem que fosse uma só vez, para tirar da cabeça aquele desejo impertinente. Gabriel já lhe fizera saber que a família estava e estaria sempre acima de tudo — mas também se dedicara a expor-lhe a diferença entre o conceito (moral e verdadeiro) de lealdade e o conceito (falso e desumano) de fidelidade.

A ela não lhe faria qualquer espécie de confusão misturar

trabalho e prazer, mas Gabriel fora bem claro sobre a impossibilidade dessa mistura: podia ter um caso com uma cliente, e aliás já tivera alguns, de que falara a Rosa — sem mencionar nomes, porque era um cavalheiro. Com uma funcionária, jamais. A proximidade com a sua casa, a sua Penélope, tornar-se-ia perigosa. Rosa declinou o convite, sorrindo:

— Parece-me muito mais estimulante continuar a ser tua cliente, não achas?

Sabia que quando se pretende uma resposta de um homem tem de se lhe fazer uma pergunta concreta. De outro modo, a ambiguidade tende a prolongar-se, a indecisão adquire a forma de uma cama vazia suspensa sobre o par. Desde que as mulheres acederam ao universo do empreendedorismo, os homens começaram a apreciar as fendas do indefinido, a oportunidade de sedução apaziguadora que essas fendas favorecem, e começaram a viver como se a morte não existisse. A competição com as mulheres não podia vencer-se a golpes de espada, em confrontos diretos; era um trabalho de paciência, como um bordado sem princípio nem fim no qual eles se tornaram rapidamente exímios. Queriam dominar o mundo mas permaneciam afeiçãoadas aos códigos da força masculina, precisavam dos seus elogios para se sentirem vivas, o que as mantinha sob o domínio deles. Gabriel gaguejou que ela já era muito mais do que uma cliente, uma amiga, e que esperava poder contar com a amizade dela por muitos e bons anos. Rosa sentiu a palavra amiga como um duche gelado; mirou-se nos olhos dele e viu um urso de peluche cor-de-rosa, confortável e feio, deixou metade do pastel de nata, murmurou que estava atrasada e saiu a correr da livraria. Tão a correr que se esqueceu do saco do supermercado que continha um quilo de maçãs, duas barritas de dieta e um creme depilatório (oh, vergonha). Gabriel telefonou ao fim da tarde, depois da hora de fecho da loja: tinha acabado de reparar no saco esquecido e queria saber a morada dela para passar por sua casa, quando saísse da livraria. No meio dos apertões e do barulho do autocarro, Rosa balbuciou que não valia a pena incomodar-se, mas desistiu da frase a meio, deu a morada, saiu do autocarro e apanhou um táxi para ainda ter tempo de tomar um banho e trocar de roupa antes da chegada de Gabriel.

Mal lhe abriu a porta, tornou-se sua amante. Embrulharam-se um no outro no chão do corredor como siameses incapazes de sobreviverem sozinhos. Gabriel tartamudeou um disparate qualquer sobre o inesperado da situação, a ausência de um processo prévio de enamoramento. Rosa disse-lhe que se calasse, que não ofendesse aquilo que lhes estava a acontecer. Gabriel concentrava-se na ideia de “momento”. Quando fosse velho teria muito para recordar e aquecer-se-ia ao lume das imagens das escapadelas repetidas. Havia algum mal

nisso? Sentia-se muito distante daqueles homens de antanho, que punham casa a uma senhora que visitavam regularmente, sob a aceitação implícita das mulheres legítimas. Gabriel dispensara a legitimidade oficial: juntara trapos e haveres com uma mulher, fizera dela a mãe dos seus filhos. Sentia-se livre por não ter uma anilha no dedo e limpo por não mentir às mulheres que seduzia: adormecia com a sensação pacificadora de que defendia acima de tudo os seus valores e a sua família.

Tudo passa, era esta a fé de Gabriel, era esta a fé da primeira década do século ^{xxi}. Arredado para o pó dos compêndios de História o Deus da Bíblia não valia agora mais do que uma personagem literária, e a literatura tornara-se uma questão de atmosfera e sofisticação de linguagem. Uma coisa virtual, também ela. Rosa sentia-se anacrônica; concebia a vida como uma maratona impiedosa onde raramente havia tempo para viver um sentimento até ao fim. Via os seres humanos como crianças irrecuperáveis, embasbacadas com a última novidade, incapazes de se fixarem por muito tempo ao que quer que fosse, apavoradas com a perspectiva de perderem o ninho ou a face, sem sequer se darem conta da quantidade de faces que transportavam dentro de si. Praticamente ninguém se afoitava a ir mais longe do que o seu reflexo no espelho. Talvez tivessem sido assim desde o início dos tempos, superficiais, escapando a mergulhar na vida pelo pavor de antecipar a morte. O homem sensato matará metade de si para poder viver durante mais tempo — era este o fundamento de todas as culturas, o preceito central de todas as religiões.

Cumprir a lei. Ser manso. Afastar a luxúria e os sentimentos intensos. Adorar a Deus ou o Dinheiro acima de todas as coisas. Fazer sacrifícios para ganhar o reino dos céus ou a admiração da Terra.

XII. Separação

Dois mil anos antes do início desta história, Ovídio foi corrido de Roma e enviado para o degredo, nas margens do mar Negro. As razões dessa expulsão definitiva mantêm-se obscuras; o poeta e filósofo apenas deixou uma vaga alusão a um “erro grave” que teria enervado o imperador, erro esse que considerou seu dever “calar”, acrescentando todavia que “só a sua ingenuidade lhe concedeu o exílio”. Pode supor-se que os seus escritos revolucionários sobre amor e sexo tenham estado na origem da condenação — mas não deixa de ser estranho que o castigo viesse dez anos depois do escândalo causado pela publicação de *Arte de amar*.

Terá a amizade da terceira e última mulher de Ovídio pela imperatriz Lúvia influenciado este cruel destino? Terá sido vítima de uma intriga de corte? Nunca o saberemos, porque o celebrado poeta — tão famoso que os seus versos eram gravados nos muros da cidade — não aproveitou a popularidade para denegrir o imperador que o condenou, proibindo-lhe até a companhia da mulher no exílio. Pelo contrário: sempre igual a si mesmo, o criador das *Metamorfoses* foi enviando para Roma uma série de elegias tristes, tentando amaciar o coração de Augusto e fazer-se perdoar. Nem os seus restos mortais regressariam a Itália.

Esta lealdade resistente à pior das decepções constitui, por si só, um doutoramento naquilo a que o Padre António Vieira viria a chamar “amor fino” — o amor a fundo perdido. Não há outro. Podemos até decidir ser felizes através dele, se estivermos determinados a viver em felicidade, o que dá muito trabalho e exige prodígios de imaginação ou alheamento. Mas o amor digno desse nome é, como escreveu Ovídio, uma arte, com o que isso significa de coragem e entrega total. Ter uma arte é viver em função de alguma coisa que excede o acontecer da vida. A arte exige corpo e alma, pensamento e emoção, liberdade e obsessão. Exige o dom da metamorfose e um alto grau de domínio perante a dor. O artista, como o amante, tem de ser capaz de sair da sua própria pele para se colocar dentro da pele do outro. Esvaziando-se na entrega, ganha também imunidade à dor — há sempre um lado que contempla, de fora, a obra que dentro de si se está gerando. O artista sente-se então um surpreendido Deus. O sopro da divindade, ou dessa iluminação súbita que a ela se assemelha, surge no ser humano por intermitências, frágil chama sobre corpos tocados pela vulnerabilidade do conhecimento antecipado da morte. Pode então suceder que o amante se encontre sufocado na rede de um amor desprezado, sem conseguir extrair desse amor mais do que raiva. Ou sofrimento.

Com os seus três casamentos e dois divórcios — só com a terceira mulher encontrou a plenitude do amor, para afinal ser

afastado dela à força e proibido de morrer nos seus braços — Ovídio foi um mestre da ressurreição sentimental. Como conclusão da sua *Arte de amar*, escreveu um conjunto de sábios e simples remédios para o Amor, democraticamente destinados “aos dois campos”, ou seja, a homens e mulheres. “Aprendam a curar-se através daquele que vos ensinou a amar. Uma mesma mão vos trará a ferida e o remédio. A terra alimenta as ervas boas ao mesmo tempo que as daninhas, e a urtiga cresce muitas vezes ao lado da rosa.” Para que este remédio faça efeito, explica Ovídio, é necessário arrancar da terra a árvore do amor quando é apenas um arbusto; consciente, todavia, de que os ramos do amor crescem até durante o sono, oferece ao amante rejeitado uma série de conselhos práticos como tesouras de poda, a saber: fugir da ociosidade, evitar os lugares frequentados pelo ser amado, evitar o convívio com pares de namorados, sair com os amigos e, acima de tudo, seduzir um sucessor, ainda que provisório, do amante ingrato. Sugere ainda que as horas mais difíceis sejam gastas a fazer listas de defeitos desse inesquecível verdugo, nem que, para isso, tenha o amator de perverter “no pior sentido” as qualidades do dito.

A profusão de regras exigidas pela arte de desamar dá-nos a medida da extrema probabilidade do seu insucesso — o amor nasce num alçapão do tempo, desfaz-se quando aterra com brusquidão sobre o tempo, mas só morre quando o tempo acaba de o desmembrar e devorar, pedaço a pedaço. Estes conselhos escritos por Ovídio com uma ironia forrada de lágrimas têm o sabor de uma história inventada por um amigo para nos distrair da dor, enquanto o tempo não passa. São a versão erudita dos truques que as revistas femininas usam para dizer às mulheres que, se estão a sofrer, o azar é deles. Mesmo que a realidade não o comprove, entretanto o tempo passa. A força consoladora das palavras de Ovídio, dois mil anos depois, revela-nos a vitória da arte de amar.

Às quatro da madrugada do primeiro dia do ano de 2004 Rosa carregava nas letras do teclado do computador portátil, escrevendo a Gabriel um e-mail de despedida, ao qual procurou dar um tom meigo. Dizia-lhe, em suma, que não tinha vocação para ser “a outra”, que lhe agradecia a descoberta de novos patamares de prazer físico mas que não conseguiria continuar a entregar-se a um homem que nem sequer estava disponível para se confessar apaixonado por ela. O e-mail seguiu cheio de gralhas porque os olhos embaciados de Rosa tinham dificuldade em guiar-lhe os dedos sobre as teclas. Terminada a ronda familiar por museus e igrejas, Gabriel respondeu ao fim da tarde desse primeiro dia, solicitando um derradeiro encontro para que conversassem com calma. Rosa respondeu que, a não ser que ele tivesse qualquer coisa de diferente para lhe dizer, não via razão para

terem a tal conversa. Mediu esperançosamente cada uma das palavras desse e-mail: apontar para uma mudança não era o mesmo que exigir uma mudança; pedia-lhe apenas uma palavra — a palavra. Amor. Meu amor. Tantas vezes o dissera quando os seus corpos se misturavam — e nunca, nem uma só vez, nem por engano lhe ouvira confissão semelhante.

— Diz-me que és minha.

— Sou tua, sim. E tu és meu. Diz-me que és só meu.

— Sou todo teu. Estou todo dentro de ti.

Todo dentro dela, sem amor. O amor não se podia tocar, não tinha cheiro nem pele. Não se percebia onde começava e acabava. Incluía tudo — a raiva, o prazer, a tristeza, o ciúme, a alegria, a desilusão. Sobrevivia a tudo. Iluminava e queimava em simultâneo. Uma espécie de energia nuclear.

— Nos momentos em que estamos juntos, achas que podemos ser um do outro?

Arrumar a vida em momentos era a regra número um do manual da civilização ocidental, na década zero do terceiro milénio. Absorver a importância da especialização. Somar a inteligência humana ao rigor económico de um canivete suíço: múltiplas funções num único objeto. A concentração em vez da dispersão: agora abro-me e sou um profissional irrepreensível, agora abro-me e sou um pai atento, agora abro-me e sou um amante insaciável, agora abro-me e sou um companheiro catita, trato dos impostos e vou às compras. Um dia emperrarei e fechar-me-ei de vez. Não digo paz à minha alma porque não há paz neste mundo, nem almas isoladas de momentos e funções.

Diz-me alguma coisa de diferente — suplicara Rosa à luz do ecrã do computador. Diz-me a palavra. Punha o portátil ao seu lado, na cama, com o alerta de mensagens no máximo do som. Sobressaltava-se sempre que ouvia um sinal de mensagem no computador — mas só encontrava no e-mail as habituais propostas de aumento do pénis, crédito sem limite, carnaval no Brasil a metade do preço. Dois dias mais tarde, lembrou-se de lhe fazer uma pergunta. Gabriel não seria tão insensível que deixasse uma pergunta sem resposta. “Fazer amor sem amor não existe, Gabriel. O que é que andámos a fazer, explicas-me?” Gabriel explicou: “O que andámos a fazer? Eu andei a ter uma relação com alguém de quem gosto, deixando que em momentos se soltasse o desejo e a ternura. Como te disse há mais de um ano, e repito, para desmentir qualquer réstia de dúvidas que possas ter: não estou apaixonado por ti. Dizer-te a verdade parece ter sempre funcionado contra mim, não sei por que razão. Sou feliz com a minha família, e não tenciono trocá-la nem por ti nem por ninguém. Não te disse isto várias vezes?”

O que andámos a fazer? Nunca leste uma história de adultério? Nunca te deliciaste com uma história clandestina de entrega física, que fosse isso, que já é muito?”

Por muito que puxasse pela cabeça, Rosa não conseguia descortinar nenhum romance de adultério que não fosse uma história de amor. *Anna Karenina*, o seu livro favorito, era um romance de amor — e de emancipação, acrescentaria qualquer crítico contemporâneo. *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, que descobrira, como tantos outros livros, pela mão de Gabriel, era um romance de amor — e de libertação política e social, num vendaval majestoso. Os apaixonados tendem a apaixonar-se pelo plenário da humanidade. *Casais trocados*, de John Updike, que nos anos sessenta do século xx fora considerado um manifesto de libertação sexual, narrava uma maravilhosa — e feliz, valente John — história de amor. *O fim da aventura*, de Graham Greene, era um romance de amor — um dos mais pungentes romances alguma vez escritos. “*People can love without seeing each other, can't they?*” — perguntava Sara, a páginas tantas, ao próprio Deus, sem esperar resposta. *O último tango em Paris* era uma história de amor. Até *Justine*, do Marquês de Sade, era um romance de entrega — e amor. De nada adiantaria recordar a Gabriel tudo isto, e Rosa tinha perfeita consciência da inutilidade desse gesto — escreveu-lhe ainda mais esse e-mail desnecessário. Feminino, sim, porra. Estava grata a Gabriel por lhe ter demonstrado a que ponto podia ser mulher. Estava furiosa com Gabriel porque a ensinara a pertencer-lhe ao mesmo tempo que recusara o seu amor. Estava com vontade de morrer para infligir a Gabriel metade do sofrimento que sentia — e com medo de que a morte apenas fizesse com que Gabriel a esquecesse mais depressa. Telefonou para o Abrigo da Lua dizendo-se doente, e enfiou-se em casa disposta a adoecer. Embriagou-se e enviou mensagens sucessivas onde lhe disse tudo o que pensava que não lhe dissera. Da paixão tresnoitada à humilhação radical. Disparou palavras de amor e palavras de ódio. O silêncio dele levou-a à artilharia pesada, proibida, das mensagens de telemóvel a horas impróprias.

— Queres que eu seja posto fora de casa?

perguntara-lhe ele, num tom de falsete, um ano antes, e Rosa desfizera-se em pedidos de perdão.

— Pedires perdão de quê, pateta? — inquiria Teresa. — Hoje em dia as lojas e os bares enviam SMS avulsos para todo o país, a qualquer hora. Para já não falar das associações de cidadãos manifestantes e das sociedades protetoras dos animais. Se o homem se borra todo por causa de umas mensagens a desoras, imagina que ficavas com ele e tinhas um cancro. Fugia-te a sete pés.

— E para que queres tu um homem que tem o hábito de pôr os palitos à mulher? Queres ser promovida a controlreira-mor do

telemóvel dele? — acrescentava Nazaré.

— Esquece essa criatura. Não é um homem, é um cobrador de fraque dos afetos. É uma hipoteca sentimental. Faça o que fizeres, ele vai convencer-te de que é por tua causa que as coisas correm mal.

As amigas. Pródigas em conselhos, embora reconhecessem a inutilidade do aconselhamento. O riso medicinal das amigas.

— Não fumes, rapariga. Estragas a voz.

— A Amália também fumava.

— Mas não é obrigatório fumar e adorar canalhas para se ser fadista, não julgues.

O riso. Quando Gabriel Santos pegou no telefone para gritar em voz de anão aos ouvidos de Rosa Cabral que ela não tinha o direito de lhe enviar mensagens para o telefone a horas comprometedoras, respondeu-lhe com uma gargalhada demolidora.

— É só isso que tens para me dizer, canalha? Desejo-te um ano muito feliz, a ti e à tua família.

O mais que lhe ocorreu, disse-lho de novo por SMS. Gabriel não lhe respondeu. Refugiou-se no seu canto e rezou:

— Salva-me, Princesa Lina.

Paulo fazia listas. As listas ofereciam-lhe o conforto imediato e inútil das coleções de cromos que lhe haviam ocupado os espaços mortos da adolescência. Quando Rosa lhe disse que não se sentia com coragem para se levantar da cama e ir cantar, ele recomendou-lhe a terapia da lista de palavras; se ela escrevesse as suas cinco palavras favoritas ao lado das cinco palavras que mais odiava, sentir-se-ia logo melhor.

— Agora converteste-te à autoajuda?

— Autoajuda é para motores gripados, catraia. As listas de boas intenções não oferecem mais do que os orçamentos de mecânica automóvel: a ilusão de que não nos deixaremos enganar. Eu sei disso, mas gosto dessa ilusão. E vais ver que se te agarrares às palavras de que gostas, começarás a ter uma vida mais parecida com elas.

Rosa apreciava a inocência deliberada de Paulo, o modo como, através da música, dos livros, da pintura, do teatro, resistia a tudo o que o pudesse deprimir. Conhecera-o no Abrigo da Lua, do qual ele se tornara cliente fiel desde a primeira vez que a ouvira cantar, no tempo em que a sua voz só era chamada para o fecho da noite. Ele acreditava mais nela do que ela mesma.

— Deixa-te lá dessa coisa de mulherzinha de gostares mais dos outros do que de ti. Já se não usa. Já não é sequer técnica de engate.

Não que Paulo fosse um entendido em sedução; vestia-se de verde-alface e amarelo-canário, mudava de cor de cabelo todas as semanas e espetava-o com gel o mais que podia — e, no entanto, continuava a ter aquele ar de menino esperto protegido pela mamã,

que tantos engulhos lhe causara na escola. Tinha o azar de ser atraído por homens de ostensiva masculinidade, o que começava a ser uma raridade, ainda mais difícil de encontrar quando o buscador era um homem redondo e muito feminino. Tentava não pensar nisso: concentrava-se nos elementos de felicidade que dependiam apenas de si próprio. Os neurocientistas confirmavam que a estrutura física do cérebro podia ser alterada através de treino mental, em qualquer época da vida. Sabe-se que a predisposição para a felicidade ou para a infelicidade é química, orgânica — a herança genética pode ser corrigida. Tudo na vida era uma questão de diplomacia da vontade. Quanto mais se dedicava ao fado, maior se tornava a desconfiança de Rosa em relação a esta ciência do livre-arbítrio. Paulo recomendava-lhe a prática budista de meditação que consiste em observar de fora as experiências interiores.

— Como se fosses uma atriz da tua própria vida. O que de mau te acontece não é mais do que um papel, e temporário.

Rosa entendia que a curta duração da vida era antes a razão pela qual as pessoas deveriam ser autênticas. Mentir dava demasiado trabalho e reduzidas compensações. Preferia o abismo da infelicidade perfeita a essa vida artificial que lhe recomendavam.

XIII. Casamento

Nos primeiros meses na casa do marido, Farimah não conseguiu dormir. Porque sofria de ansiedade se aquele casamento era apenas uma formalidade burocrática? Morava dentro de metade da casa que pertencia àquele que oficialmente se tornara seu marido. O seu nome, a sua intimidade, permaneciam intocáveis. Alex repetia-lhe, brincando:

— Vais ver. Em pouco tempo ficarás uma alegre viúva.
Farimah respondia:

— Que tontice,
na verdade encabulada com a situação, a gratidão implícita a desfigurar a graça. Sentia que Alex a olhava como um estereótipo: a mulher-muçulmana-que-ele-salvara. Sentia esse mesmo olhar bondoso, carregado de paternalismo, na seguradora, nas repartições públicas, em qualquer convívio social. Ela era o exemplar exótico saído das *Mil e uma noites* e das danças do ventre e era também uma pequena prova de que o Ocidente civilizado acabaria por vencer a luta contra os bárbaros do Oriente. Ou então servia como demonstração prática de que é possível gerar vida feminina inteligente em países dominados pelo fundamentalismo islâmico etc. Passeavam-na e mimavam-na como um argumento político, um troféu, um símbolo — e preferiam que ela não falasse muito, para não lhes desfazer as ilusões.

— A Farimah, que é muçulmana, pode explicar-te que nada no Corão apela ao massacre, essa é uma interpretação específica...

— Não, não posso explicar, não sou muçulmana. Não tenho religião.

— Apesar de tudo, leste o Corão.

— Li, mas não me interessa. Esse assunto não me interessa.

Então olhavam-na como se fosse estúpida, e Farimah experimentava uma rajada de alegria: a estupidez, como a decepção, precisava de individualização, ao contrário do heroísmo. Era muito agradável desiludir aqueles seres bondosos, sempre certos e eivados de princípios salvadores.

Só Luísa escapava, porque Luísa não tinha paciência para conversas políticas nem tempo para mirar no espelho a sua própria bondade: preocupava-a mais a contagem das rugas e o respectivo combate.

— Luísa, desculpe, o Alex é uma simpatia mas sinto-me uma boneca pedagógica ao lado dele e dos amigos. São demasiado bons e espertos, entende?

Luísa deu uma gargalhada, e respondeu em português à confissão de Farimah em língua inglesa:

— Claro que a percebo, querida. Ainda por cima, o Alex não é muito dado a bonecas. Esta noite vamos as duas aos fados. Até é bom

para melhorar o português.

Intuíra que Farimah apreciaria Rosa, os amigos de Rosa e a atmosfera desbragada do fado, onde se contavam anedotas imorais e histórias de paixões arrasadoras como tempestades. No Abrigo da Lua cantavam-se mours encantadas e varinas perdidas, era tudo igual. Gostou tanto da luz das velas, do silêncio ritual, do dedilhar da guitarra e do vinho como da canção propriamente dita. Gerou-se uma festa instantânea entre Rosa e Farimah, uma daquelas coisas de pele que apenas se referem nas relações de amor mas que constituem o lume inicial das grandes amizades; as paixões platónicas possuem também a sua lascívia. Ao fim de uma semana Rosa já lhe contara todas as peripécias da paixão por Gabriel — e nunca pergantara nada sobre “as mulheres iranianas”. Confiava-se-lhe de mulher para mulher. Numa mescla de português e inglês, Farimah contou-lhe os seus parcos e infaustos amores e o modo como acabara por se desinteressar da âncora sentimental.

— Não acredito que esse amor com que sonhas exista, Rosa. Nem que tu precises dele. É uma espécie de amuleto para cantares sem medo. Mas não precisas disso, tu vais ver.

— Quando tiveres tido uma boa noite de sexo voltamos a falar, amiga.

— O sexo é o que a tua imaginação fizer dele. Tu estás presa à imaginação sexual de um homem, ao desejo do desejo dele. Há um vício inebriante na prisão, não penses que eu não sei.

Farimah tinha saudades do pai, da mãe, da irmã, dos rituais e do cheiro da casa, das coisas que a cerceavam e diminuíam. Não era um sentimento permanente, ia e vinha como a chuva de Lisboa, uma chuva esfolada, com imprevisibilidade de vítima. Acentuava-se quando o cheiro das acácias perfumava o ar; recordava as azáleas dos jardins de Teerão, os autocarros vermelhos de Londres, coisas que lhe tinham pertencido, pessoas a quem nunca deixaria de pertencer porque a haviam amado, apesar de não a compreenderem. Em Lisboa a compreensão parecia-lhe sempre maior do que o amor. Dizia a Alex:

— Tu passas a vida a salvar o mundo. Eu não posso fazer isso, não sou europeia.

Rosa não tinha medo de amar com desamor, asco, volúpia, nojo, raiva, tudo o que não podia ser compreendido. Para Farimah, o amor tornara-se melancólico, infantil, inconsequente; no modo de amar de Rosa descobria que o amor é acima de tudo a valentia de perseverar na pertença. Como podia ela pertencer tanto a um homem que não estava disponível para lhe pertencer? Aquilo era uma espécie de equilibrismo sem rede, um rasgo de loucura que iluminava de repente todas as coisas.

— Prefiro sofrer a aborrecer-me. Nunca me aborreço, sabes

como é? Às vezes até me canso do meu entusiasmo. Nem que seja um entusiasmo mortal: ficar na cama um fim de semana inteiro só a beber e a chorar, como uma boémia qualquer dos anos vinte em Montmartre. A Piaf bebia que se fartava, desgraçava-se sem dó nem piedade. Gosto mais disso do que de uma vida de nada, percebes?

O tédio embaciava-a. Farimah ria. Aprendia a dar gargalhadas, a gostar do som do seu riso, como em Inglaterra aprendera a gostar de ser olhada. Descarregava-se de cuidados cantando o fado com Rosa. Abraçou-a e disse:

— Irmã.

Alex já dormia, quando voltou para casa. Era um homem regrado. Nem sempre tinha sido assim: na juventude, varava a noite até ao osso, entregava-se a paixões incendiárias que esquecia com igual intensidade. No fim da década de oitenta os amigos começaram a morrer-lhe em catadupa, um atrás do outro, como se Deus tivesse ressuscitado e decidido arrasar Sodoma e Gomorra. Morriam sós, sem uma mão que lhes fechasse os olhos, porque as famílias tinham terror da doença e os sobreviventes não queriam pensar nela. Quando soube que estava doente Alex não disse a ninguém. Tinha então um namorado um pouco mais estável, começou a cozinhar para ele e a usar preservativo — por uma questão de precaução, dizia —, na esperança de que ele tivesse vergonha de o abandonar na hora da morte. Mas quando deixou de poder esconder os medicamentos, os enjoos, o espectro da morte em torno dos olhos, o namorado disse-lhe que o desprezava por causa da mentira. E desapareceu.

Alex percebeu então que não havia ninguém a quem fazer testamento — o pai que durante anos o espancara para lhe curar “o mal” iria herdar tudo o que era seu. Pensar nisso encheu-lhe as veias de raiva e ensinou-o a permanecer vivo.

Vinte anos depois tornara-se um doente crónico perfeitamente banal. O sexo deixara de o assombrar. O bárbaro assassinato de um dos seus mais próximos amigos, na cave de um bar clandestino, quebrara-lhe em definitivo o impulso da aventura; convertera-se à militância cívica, à leitura e à escrita. A possibilidade de salvar uma mulher oferecia-lhe, mais do que a alegria da redenção, uma vingança casta e a garantia de uma velhice acompanhada. E o gozo de adiar a entrega ao estado da sua pensão: quando morresse, a sua jovem viúva continuaria a receber o produto dos seus anos de desconto. Já que o Estado nunca utilizava o dinheiro a favor dos que precisavam, a justiça consistia neste plano de distribuição direta. Farimah merecia-o.

A esposa virgem encheu um copo de vinho, acendeu um cigarro e foi para a varanda, na esperança que o silêncio da madrugada a libertasse da ansiedade. Porque seria tão assustadora a palavra liberdade, que sempre amara? Mas não havia silêncio na rua.

Um homem e uma mulher gritavam, algures. Demorou a perceber de onde vinham os gritos. Viu uma movimentação de sombras no átrio da igreja, em frente ao prédio onde morava. Ouviu distintamente a voz do homem:

— Rua! Põe-te na rua, minha cabra! Desaparece! Uma mulher ajoelhada recolhia coisas para um saco de lixo, tentando escapar aos pontapés do homem que gritava. Desceu a rua dobrada sob o saco de plástico preto que levava às costas. Farimah pensou que não há nada mais triste do que alguém ser posto na rua da sua própria rua.

XIV. Mãe

Depois do nascimento de Leonor, Gabriel fora atacado por uma espécie de pânico prisional: a bebé chorava continuamente, exigindo atenção, Penélope engordara muito e tornara-se mal-humorada. Às vezes agarrava-se a ele, dizendo:

— Vamos aproveitar agora. Ela adormeceu.

Depressa desistiu desses arroubos aos quais Gabriel tinha uma grande dificuldade em corresponder. Aquela urgência de “aproveitar agora” esfriava-lhe a libido. Olhava para as mamas descaídas de Penélope, acariciava-lhe ternamente os refegos da barriga, encostava a cabeça ao ombro que cheirava a leite bolçado, e dizia-lhe:

— Mãe. A mãe da minha filha.

Gostava de se aninhar nela como em criança, algumas vezes, às escondidas do pai, se aninhava no ombro da mãe. Uma vez, já com catorze anos, dormira abraçado a ela uma noite inteira — o pai estava em viagem de serviço e ele acabara de sair do inferno do colégio Armas do Orgulho. Agora olhava para Leonor no berço, os olhos inocentes inquirindo-o com curiosidade, e descobria que amor nenhum se poderia comparar àquele. Era um amor imune às temperaturas variáveis do desejo. Uma coisa animal e etérea, segura. O arrefecimento da relação sexual com Penélope era perfeitamente natural; ainda assim, com esforço, conseguia continuar a cumprir as obrigações conjugais pelo menos uma vez por mês — acordava já com o sexo pronto, depois de sonhar com uma beleza que encontrara na véspera, e entrava dentro da mulher adormecida, com a alegria de a saber à sua mercê. Penélope gemia, dizia

— agora não,

e essa recusa frouxa excitava-o ainda mais.

— agora sim. És minha.

Tinha o cuidado de se certificar de que ela também gozava. Agora já raramente tinham orgasmos conjuntos. Sobretudo, agora, ele tinha o cuidado de fechar os olhos durante o ato, para não se lembrar da mãe. Penélope deixara de ser uma vagina. Uma cona. O que agora via nela era um útero sagrado. Uma espécie de igreja cheia de velhas curvadas em oração.

Não se podia viver no século XXI sem um fornecimento substancial de cinismo. O espírito científico, que tomara o lugar do espírito especulativo, criara uma nova Idade Média, com a sua hierarquia de sábios e ignorantes, os seus dogmas e os seus interditos. A saúde, a juventude e a magreza respeitavam-se como mandamentos sagrados. Os valores estavam em transformação acelerada, e todos dependiam de um fundamental: a indiferença, que fora rebatizada como tolerância. A vida de cada um era assunto seu, e os que pensavam nos outros como em si próprios acabavam por arcar com o

ferrete de exibicionistas ou imperialistas. A vaidade era considerada uma virtude estética e um defeito ético: ninguém podia pretender ter uma ideia e pô-la em prática sem causar ofensa ou riso, a não ser que essa ideia se circunscrevesse aos traços do corpo e não tivesse efeitos sobre qualquer aspecto da realidade circundante.

Os políticos tinham atingido o grau zero da escala de credibilidade social; eram fustigados nos jornais, maltratados nas conversas de café e crucificados na televisão. Reinavam os economistas e os banqueiros, ouvidos com reverência como profetas de um futuro que se acreditava entregue aos mercados — essa coisa volúvel, imaterial, que mudava de humor e de figura consoante os boatos que circulavam. A imagem do lutador fora apeada dos altares da política e substituída pela do homem de consensos, melífluo e conspirador. O autoproclamado herói da revolução de abril aparecia de vez em quando a reclamar a necessidade de um novo golpe de Estado, e o povo ria-se, já sem sequer lembrar o telefilme supostamente erótico que ele protagonizara com uma jovem atriz.

A existência de Gabriel Santos decorria de uma forma feliz porque ele possuía um conjunto de regras que definiam de modo incontornável tudo aquilo que devia e não devia fazer. Incontornável era, de resto, uma das suas palavras favoritas; poupava-o ao cansaço da hesitação. Essas regras determinavam incontornavelmente que se deve ensinar os filhos a serem transparentes mas não se deve ser transparente, deve-se controlar a família mas nunca deixar que a família nos controle, não se deve mentir às amantes, mas deve-se mentir à mulher, não se pode perdoar uma ofensa mas pode-se ofender etc. Estas regras não eram fundadas numa qualquer filosofia ética, o que só ampliava a segurança de Gabriel Santos: criava e cumpria escrupulosamente o seu próprio código, e isso envaidecia-o. Gabriel Santos era um homem do qual se podia esperar tudo e mais alguma coisa.

A originalidade do código de ética de Gabriel Santos não era grandiosa. Os seus princípios escorregavam como uma luva sobre a época em que vivia, dinâmica porém suave, cruel porém requintada. Um tempo em que cada palavra incluía o seu contrário e os interesses particulares se organizavam de um modo autónomo e em total independência, sem atender a empecilhos alheios como a gratidão, o respeito, as expectativas, enfim, o incómodo sofrimento dos outros. Deixara de se estabelecer qualquer relação entre a opulência e a miséria: a medida da grandeza do gestor aferia-se pela sua capacidade de se autoatribuir grandiosos prémios de gestão. Do mesmo modo, depreendia-se que os desempregados eram culpados do seu desemprego — partia-se do princípio de que a pobreza era uma forma de esperteza saloia. Hipnotizados pelo luxo em que viviam, os

poderosos acreditavam ser sua obrigação fazer com que o povo abdicasse da cõdea do pão para salvar essa coisa chamada país, que ficava para lá dos seus condomínios privados e dos negócios chorudos.

O amor tornara-se uma espécie de anjo que só as crianças viam e do qual os adultos se riam como de um bobo da corte. Gabriel amava os filhos mais do que a si mesmo — o que nem sequer era difícil, porque nunca se dedicara a pensar sobre o que havia para amar dentro de si. Gostava de livros; ultrapassara todas as crises da sua vida com um livro debaixo do braço. Na dúvida, lia. Quando alguém o provocava, abria um livro e ignorava a provocação. Penélope continuava a ser a sua casa — uma casa que ela mobilara e ele recheara de livros. Penélope não esperava grandes feitos: apenas lhe pedia que estivesse à noite em casa e convivesse de vez em quando com os filhos. Tornaram-se companheiros e amigos, com contas repartidas, almoços com a família e férias planeadas de acordo com os interesses das crianças. O mundo mudava demasiado depressa e era demasiado barrancoso para que se dessem ao trabalho de pensar que alguma coisa entre eles tinha de mudar. Nem sequer eram casados — bastava-lhes, para se sentirem uma família, os três cordões umbilicais que os uniam. Penélope era a mãe dos filhos de Gabriel. Não havia vínculo mais forte do que esse. Uma mãe moderna — que fizera os partos com epidural e sem alvoroços, trabalhava fora de casa, mas reservava para si a parte nervosa do bife, a fruta velha, as sobras. Essa capacidade de sacrifício ancestral não podia ser escamoteada — e viver com uma pessoa assim, submissa, desprovida de exigências e competição, com a qual a rotina estava assegurada, era certamente a melhor aproximação à felicidade. Penélope estava muito longe de ser perfeita, e Gabriel recordava-lho com frequência. Gostava de a sentir estremecer quando ele erguia um copo para ver se estava bem lavado. Certa vez encontrara pedaços de lixo em todos os copos, durante o jantar. Não disse nada e não bebeu. Esperou que as crianças estivessem a dormir para atirar para o chão, com muita calma, cada um dos copos. Depois de os partir, espezinhou-os. Depois de os espezinhar, disse a Penélope, com uma voz extremamente suave:

— Dá-me a tua mão.

Dobrou-se e dobrou com ele a mulher, colocou-lhe a mão em cima dos cacos e depois um pé em cima da mão. Penélope gemeu:

— Por favor. Por favor.

Gabriel respondeu-lhe que era para o bem dela. Que estava a ensiná-la de modo a que não esquecesse.

— Eu não me esqueço de nada do que tu dizes, Gabriel. Nada, nunca.

— Esqueces, sim. Sabes que esqueces. Não és perfeita. Mas eu ajudo-te.

Falava muito devagar. Quando falava devagar não gaguejava, e isso fazia com que se sentisse mais calmo. Estava extraordinariamente calmo enquanto transferia todo o peso do seu corpo para o pé que pisava a mão de Penélope.

— Só posso libertar-te quando deixares de gemer. É para o teu bem.

Depois ordenou-lhe que fosse desinfetar a mão, e que a ligasse. Ordenou-lhe ainda que se despisse e limpasse os cacos nua. Observou-a enquanto fazia a limpeza, corrigindo-a e insultando-a. No fim exigiu que Penélope lhe chupasse o sexo. Fechou os olhos e, com algum esforço de imaginação, veio-se. Depois passou a mão pelo sexo da mulher, disse-lhe que tinha pena de a descobrir assim molhada porque naquela noite ela não merecia o prazer. E foi para a cama dormir. Penélope embrulhou-se num cobertor e adormeceu no sofá, depois de chorar muito tempo. Não sabia identificar o seu sentimento dominante: amor ou compaixão? Gabriel era um homem escangalhado, tinha sido quebrado em pedaços na infância e ela ia consertá-lo.

Uma outra vez despejou-lhe uma panela de sopa em cima e depois ordenou-lhe que fosse tomar banho — e possuiu-a de seguida com um fogo que há muito não manifestava. Pouco a pouco, deixou de a torturar — apenas a criticava e corrigia. O sexo tornou-se também cada vez menos frequente e mais maquinal — Penélope estava convencida de que esse arrefecimento fazia parte da evolução normal da vida dos casais. Sentia que, de algum modo, consertara o marido, e isso causava-lhe uma espécie de plenitude. Tinha orgulho em passear de braço dado com ele, em exibir a beleza dele. Nas férias, quando atravessavam a Europa de carro com os filhos — porque Gabriel tinha pavor de aviões e adorava conduzir —, com os mapas no colo e parando onde calhava, sentiam-se verdadeiramente felizes. Gabriel olhava Penélope com ternura e dizia-lhe que ela era a melhor companheira que um homem poderia desejar.

De vez em quando, Gabriel sentia um estremecimento nos alicerces dessa felicidade; deixava-se levar pela sedução de uns olhos que o procuravam, arremedos de aventura que lhe recordavam que a vida estava cheia de possibilidades e de desejos. Uma ou outra vez sentiu até qualquer coisa de eufórico, um desassossego cardíaco a que chamou paixão. Casos de pouca dura, porque estava habituado a conviver com a imaginação: ao primeiro beijo suceder-se-ia uma noite de fantástica luxúria, depois as chatices muito pragmáticas da mudança de vida — os livros, o peso dos livros, e as disputas sobre o que é de cada um — com o seu cortejo de ressentimentos. E para quê? A paixão, estava cientificamente comprovado, duraria dois anos — ou quatro, vá lá, na melhor das hipóteses. A seguir regressaria a rotina —

sem o contraponto alegre das crianças, ou a memória conjunta das suas traquinices. A mãe dos seus filhos valia mais do que isso. Aceitara a deformação do corpo para lhe dar descendência. Aceitara de bom grado todas as suas críticas e melhoramentos. Aceitara o declínio do desejo sem uma queixa — apenas lhe dizia ocasionalmente, com uma vozinha tocante de menina amuada:

— Se te acontecer alguma coisa com alguém, usa o preservativo, sim? Faz-me isso.

Uma pequena renúncia, eis o que lhe pedia aquela mulher que se prontificara a gerar e criar os seus descendentes. Às vezes acontecia-lhe alguma coisa com alguém, sim — Gabriel jamais diria em voz alta que essas coisas aconteciam naturalmente aos homens. Era mais evoluído do que isso. Não chegaria ao ponto de se afirmar feminista, até porque entendia os rótulos como desfalques feitos sobre a riqueza da vida. Cada ser tinha variados rostos e momentos — Penélope parecia dispensar tranquilamente essa variedade, e isso reconfortava-o. Penélope acarinhava o animal masculino dentro dele, o puto que queria partir um prato, borrar a pintura, experimentar os limites e depois refugiar-se, culpado e feliz, no colo da mãe. Tratavam-se muitas vezes por “mãe” e “pai” — era mais simples, mais terno, mais exato do que usar os nomes que lhes haviam sido dados, meramente individuais.

Nunca passariam pela vergonha de uma discussão em público sobre infidelidade, como aquela a que uma vez haviam assistido com um casal amigo, passeando por Sintra num sábado soalheiro. O marido emprestara o seu blusão à mulher grávida, e ao meter as mãos nos bolsos ela encontrara um preservativo. O homem gaguejou que aquilo devia estar ali esquecido desde há muito tempo. A mulher gritou-lhe que nunca haviam usado proteção, e separou-se dele mesmo ali. Depois, ela desabafou com Penélope, que lhe procurou fazer ver que uma escapadela ocasional não tinha importância nenhuma. Os casais não gostam que outros casais se separem. As separações obrigam a escolher lados, mesmo que não se queira. O amor é uma espiral, não tem lados — e quem se mete dentro do amor dos outros acaba por se esturricar. Pelo menos assim pensavam Penélope e Gabriel.

— Ainda bem que eles não tinham filhos.

— Vão ter um filho agora, não te lembras? Vê se metes juízo na cabeça dela, ser mãe solteira é uma carga de trabalhos.

Penélope preferiu calar-se. Enumerou mentalmente os casais conhecidos com filhos da idade dos seus, e considerou que eram suficientes. Um bebé, de qualquer modo, causa sempre sarilhos quando se quer organizar uma festa simpática ou um passeio. Os bebés choram. Vomitam. Não aguentam muito barulho. E ela já tinha

passado essa fase. A vida já a ocupava suficientemente. Além de que as separações são contagiosas, perturbam a superfície calma da existência dos casais com filhos. Fez por se esquecer de dar resposta às mensagens da amiga grávida, foi adiando os encontros e nunca mais a viu. Gabriel foi duas ou três vezes tomar um copo com o marido enjeitado. Disse em casa que tinha ido uma dúzia de vezes mais, porque nessa fase andava entretido com um namoro excitante, que acabou depressa. Como sempre. À medida que a química crescia, na cabeça de Gabriel o romance diminuía. Apaixonava-se por mulheres que nem sequer desejava, e desejava mulheres pelas quais nunca se deixaria apaixonar. Gostava de olhar para uma mulher e pensar que por ela seria capaz de largar tudo, imaginando os beijos que trocariam, as viagens que fariam, a cumplicidade que experimentariam.

Deixava essa porta entreaberta, sabendo que a mãe dos seus filhos teria mais força do que todos esses sonhos. Olhava à sua volta e via um panorama de casamentos destroçados, um cenário de pós-guerra cheio de solidão. Bastava-lhe a solidão procurada dos livros. E um amor de papelão.

— Salva-me, Princesa Lina.

A voz de Rosa Cabral infiltrou-se nessa mesma solidão controlada e desarrumou-a. Muito mais do que ele julgava possível. Gabriel Santos não se deixava vencer pelas circunstâncias: no colégio Armas do Orgulho aprendera essa disciplina. Aprendera também outras coisas, segredos pavorosos que só com Penélope partilhara. Ela acariciava-lhe os cabelos finos, macios, de menino pequeno, e pedia:

— Conta à mãe que mal te fizeram, vá, conta. A mãe fica para sempre contigo, podes confiar.

Cansado de suportar o peso da humilhação desde os dez anos de idade, Gabriel contara. Depois de contar tudo sentira-se mais leve — embora não tão livre como pensara. As palavras ficam sempre aquém da dor. Podemos lançá-las como pedras, mas não ferem como as mãos de um grupo de rapazes sujeitando-nos braços e pernas, despindo-nos. Nenhuma palavra pode exprimir a violência de um cabo de vassoura dilacerando o ânus de um menino de dez anos. Depois vários paus humanos entraram no mesmo orifício até se satisfazerem. No fim, fizeram-no lavar o chão e as sanitas do balneário. Enfiaram-lhe a cabeça numa das sanitas e descarregaram o autoclismo, rindo, dizendo que agora estava limpinho. E que nem pensasse em chibar-se. Far-lhe-iam pior.

Decorreram muitos anos até que Gabriel conseguisse escrever esta história no seu diário. A cabeça ardia-lhe só de pensar nela. Penélope revistava-lhe roupas, telemóveis, livros, cadernos — e assim descobriu aquela humilhação inclassificável. Transfigurara-se de

amante em mãe para conseguir arrancar a confissão a Gabriel. Ele acreditou sempre que fora sápiante intuição o que a levava a puxar-lhe pelas palavras — e amou-a mais por isso. Penélope conquistou assim um ascendente inexpugnável sobre aquele que definia como “o seu homem”. Um segredo daquele calibre era um seguro vitalício. Um poder.

O mundo ocidental dizia-se agora livre e democrático, despojado de preconceitos. Mantinha um respeito religioso pelo segredo que garantia a fragilidade de todos os poderes e a supremacia puritana do espírito inquisitorial. Sem segredos nenhum poder teria capacidade para assustar deveras. O poder económico precisava de segredos financeiros, o poder político de segredos íntimos, o poder das mãos de segredos de humilhação. O próprio conceito de humilhação instaura a necessidade do segredo — o segredo do chichi na cama, o segredo de uma violação. O segredo preserva o criminoso, tornando a vítima sua cúmplice. Gabriel não quisera conceder esse poder absoluto à sua mãe, até porque a via também como sua filha, dependente dele para experimentar orgulho, esperança e alegria. Menos ainda à sua irmã, que se apaixonava definitivamente de três em três meses e contava a vida inteira a cada novo namorado. Numa breve fase da sua vida, enquanto estudante universitário, Gabriel acumulara namoros inconsequentes — em parte para fazer ver a Penélope que era um homem muito desejado, em parte para aperfeiçoar os seus dotes sexuais. Chegou ao ponto de seduzir uma amiga da irmã na festa de aniversário dela, dormindo nessa mesma noite com a seduzida debaixo do teto familiar, nos mesmos lençóis onde na véspera dormira com outra, que rejeitara ao pequeno-almoço. Toda esta animação era permitida porque o pai estava fora, e a mãe de Gabriel jamais fora capaz de lhe negar um prazer. A promiscuidade do filho enervava-a mais do que seria capaz de admitir. Despejou o nervosismo sobre a filha, à qual acusou de usar um decote “escandaloso”, arrastando-a para as compras, propondo-se comprar-lhe “um balandrau” que lhe escondesse as formas fartas.

— Não tens corpo para essas coisas, Madalena.

— O corpo é meu, mãe. Balandraus não visto. Guarda-os para o clube de namoradas do teu filho.

— Não tens nada que te meter na vida do teu irmão, Madalena.

XV. Culpa

Nos primeiros anos do terceiro milénio, o mundo estava a ser invadido por um exército de filhos. Nos sítios onde os pais desapareciam surgiam de imediato brigadas de integração que impediam que os filhos deixassem de ser filhos. Havia os pais biológicos, os pais adotivos, os pais de acolhimento — todos os seres humanos passaram a ter direito à paternidade. Quando enterrou a mãe, Rosa Cabral experimentou uma sensação de alívio: aos trinta anos conquistava a brutalidade da infância. Já não tinha de cumprir expectativas. Ninguém esperava dela a salvação. Do pai não tinha sequer memória; a mãe dissera que Joaquim Alves emigrara para o Brasil e que nunca mais quisera saber delas. Não havia uma única fotografia do pai com ela ou com a mãe — apenas uma imagem em que ele sorria, num relvado, agarrado a um *labrador*, tirada antes do nascimento de Rosa. Em criança escrutinava a fotografia, procurando parecenças. Cedo deixara de fazer perguntas, percebendo que essa vontade de conhecer o pai feria os sentimentos da mãe.

— O teu pai nunca quis ter filhos. Falta-te alguma coisa? É comigo que contas. Eu é que te desejei.

Como se pode contar com uma mãe que prefere a beleza à própria filha? — pensava Rosa. Eva Cabral morrera ingloriamente, aos sessenta e dois anos, na maca de onde pretendia sair com uma redução de dez quilos e de vinte anos. Embolia. Assinara um termo de responsabilidade, sabia os perigos que corria, tinha um sopro no coração. O canal de televisão ocultou a humilhação daquela morte, menos por atenção à ex-apresentadora do que por cuidado com a sua própria imagem — se a notícia do desespero da mulher corresse, logo alguém recordaria que Eva fora enxotada dos ecrãs dois anos antes, e os diretores da televisão seriam transformados em homicidas na opinião pública. Divulgou-se que Eva morrera devido a problemas cardíacos. Fez-se-lhe um lindo funeral e uma emissão especial, onde aqueles que a haviam afastado do ecrã, entre os quais alguns ex-amantes, falaram emocionadamente do seu talento, da sua comunicabilidade, da sua bondade e do muito que ainda havia a esperar dela.

Rosa sentia-se zangada; a mãe nem sequer a informara da operação. Quando recebeu o telefonema de Luísa Fontanellas subiu-lhe pelo corpo uma onda de raiva. Decidiu que cantaria nessa mesma noite. E na noite seguinte.

— Trabalho é trabalho, Luísa. Não vou cancelar os meus compromissos por causa de uma mulher que se matou sem sequer pensar em mim.

— Está a ser cruel, Rosa. A sua mãe fez o melhor que podia. Estava muito deprimida, coitada.

— Agora já não estás, pois não? E porque é que a Luísa não me disse nada?

— Não queria preocupá-la. A sua mãe não queria que sofresse por causa dela, minha querida.

— Não sofrerei, Luísa. Sempre fui uma filha obediente.

O que lhe dera Eva, além de sustento, dietas, caixas de maquilhagem e conselhos cínicos sobre os homens? Nem uma palavra de incentivo. Durante a infância de Rosa, fazia-se fotografar com ela diante de árvores de Natal ou coelhinhos da Páscoa, para reportagens de revistas cor-de-rosa com títulos ditirâmbicos: “A minha filha é o grande amor da minha vida”, “A maternidade fez de mim uma nova mulher” etc. Quando Rosa se tornou mulher passou a fugir de ser fotografada com ela — o que a filha, aliás, agradecia. Devia à mãe pelo menos isso: o desprezo que nutria pela visibilidade pública. Na idade em que as meninas sonhavam com a fama, Rosa sonhava com o recato de uma vida de família. E com um homem que a amasse e protegesse. Eva dizia-lhe:

— Isso não existe, minha filha. Os homens só querem utilizar-nos.

— Se nos prestarmos a isso, como é o teu caso.

Não se lembrava de uma conversa que não fosse um duelo. Duelos breves, porque Eva suspirava e dizia que tinha mais que fazer do que atender à ingratidão da filha.

Um homem que a protegesse. Gabriel podia pelo menos aparecer no funeral da mãe para lhe dar um abraço. Teresa telefonou-lhe secretamente com esse intuito. Ele não atendeu. Então enviou-lhe uma mensagem escrita, em tom ameaçador: “Fala-me, safado. Ou queres que te entupa o telemóvel de mensagens e anime a tua vidinha doméstica?” Gabriel telefonou logo de seguida gaguejando que tinha uma festa de família, seria complicadíssimo justificar a ausência, e que, de qualquer modo, não seria bom que se encontrassem, nem para si nem para Rosa, porque estavam ambos ainda “muito magoados”. Teresa pregou-lhe um sermão sobre a mágoa, o tempo e a morte que o pôs a cogitar que em má hora se metera naquele imbróglio sentimental e o conduziu a apreciar com maior fervor a tranquilidade da vida com Penélope. Refugiou-se junto à tampa da caixa de chocolate e recitou o mantra:

— Salva-me, Princesa Lina.

No Abrigo da Lua, longe de princesas imaginárias, Nazaré, fadista pragmática, repetia:

— Não é com ralhos que se pescam rodovalhos.

Era pródiga em inventar provérbios de grande utilidade que só ela parecia saber cumprir. Vendera fruta no mercado antes de pertencer a uma banda *pop* e de se dedicar ao fado. Compreendia as

dores do mundo e levava os dias a secar lágrimas de homens e mulheres de todas as idades nos seus ombros largos. Casara com um guitarrista, tivera um filho e era uma mulher feliz. Recomendara dezenas de vezes a Rosa que não terminasse a relação com Gabriel, porque isso só a faria sofrer.

— Menina, descasar um homem casado é trabalho demorado. Não chegas lá com a moral, não penses. Menos ainda com a paixão, que eles pelam-se de cagaço de sentir que a gente os tem presos. Não te rales com a falta das juras de amor — o gajo tem-te uma fominha que se vê à légua, miúda, isso é que importa. O resto são complexos, mariquices.

Segundo Nazaré, o amor dos homens era alimentado pela culpa, elemento que para as mulheres nada significava, tão acostumadas estavam a ser definidas como culpadas e irredimíveis desde a nascença, por todos os séculos dos séculos. Para amarem, eles precisavam de se sentir em falta, e para desejarem, precisavam de sentir que lhes faziam falta, que elas não podiam viver sem eles. A igualdade das mulheres representava um rombo difícil de reparar neste sistema erótico de crime e castigo. Uma mulher que se bastasse a si própria era um ser assustador, e tanto mais quanto mais fascinante se apresentasse, na sua liberdade sem cobranças. Um homem era formado na ideia de ser necessário; suportaria bem uma mulher carente e uma amante ávida. As mulheres pregadoras e exigentes perdiam, para o homem comum, aquilo que verbalizavam como “mistério”, e que outra coisa não era senão fragilidade. Talvez as mulheres nunca tivessem sido tão frágeis nem os homens tão fortes como se apregoava; mas essa encenação fora o fundamento da educação sexual desde que o mundo era mundo. Os homens pecavam e pediam perdão, e entre o pecado e a culpa circulava a lascívia que os animava diante dos combates; as mulheres perdoavam e encontravam no perdão a excitação do poder, de caminhos menos sinuosos do que os do prazer físico. A descoberta do clítoris e dos orgasmos múltiplos das mulheres fora vivida pelos homens como uma derrota inesperada, uma espécie de armadilha acintosa através da qual a ordem das coisas surgia subitamente alterada.

Nazaré não elaborava tanto, não estava na sua natureza: apenas intuía que os homens fugiam das escolhas, porque estas arredavam a culpa que sempre existe nas situações indefinidas. Forçá-los a escolher, lançar-lhes a coerência ao rosto como uma bofetada, era tratá-los como crianças e não como criminosos — o que lhes suprimia o desejo. Nazaré era casada e feliz porque sabia usar o teatro da fragilidade e o engenho do ciúme; na cama, era a amante mais devassa e permissiva com que alguém podia sonhar; na vida quotidiana, dizia ao seu Zé que sem ele não era capaz nem deregar

um prego. Fingia-se ciumenta das outras fadistas e fazia olhinhos aos clientes da casa de fados.

— Dá muito trabalho manter um casamento. É preciso ter gosto nisso, *lingerie* à maneira, chicote, algemas e imaginação. Sobretudo depois de virem as crianças, que fixam os maridos mas tornam as mulheres cornudas.

Rosa nutria por Nazaré uma amizade sincera, tingida por partes iguais de desdém e admiração. Invejava-lhe o desembaraço — mas achava-a limitada pelas convenções arcaicas do masculino e do feminino. Todos os argumentos que a amiga lhe fornecia para que mantivesse o caso clandestino com Gabriel lhe pareciam desculpas bem-intencionadas para aceitar o inaceitável: viver na sombra de um homem, no seu vão de escada, numa poligamia esconsa e ofensiva do seu direito ao amor e do direito da mulher dele ao respeito. Enquanto a história durara, Rosa sentira-se culpada em relação à mulher de Gabriel. E nem sabia o nome dela.

— Culpada porquê, ora essa? Ela deixa-se empalitar por gosto — que solidariedade podes ter tu com uma mulher que pede ao marido que, por favor, use o preservativo quando sair de casa?

Esta era a voz de Teresa, amiga de infância de Rosa, a alta e loura diplomada em medicamentos sem paciência para enredos de submissão.

— A mulherzinha do teu livreiro dava um bom anúncio: “Use a marca X, a preferida do meu marido. Sempre que sai de casa ponho-lhe uma embalagem no bolso.”

Uma noite em que Gabriel olhava para o relógio, aflito, enquanto Rosa lhe contava que um empresário de espetáculos lhe tinha proposto uma *tournee* por Espanha, ela utilizara essa mesma palavra: mulherzinha.

— Vá, não te atrases, vai lá para a tua mulherzinha.

— Não lhe chames mulherzinha.

A resposta ríspida de Gabriel, sem um só laivo de gaguez, atingiu Rosa como uma punhalada. Era evidente que os filhos não eram a única razão que o prendia ao casamento. De resto, ele nunca lhe dissera que eram. Teresa é que pensava que sim, porque o confrontara com a visão do seu futuro pós-paternal e ele retorquira que nunca pensara nisso.

— Então pensa. São mais três ou quatro anos, e os teus filhos deixarão de precisar de ti e de querer sair contigo. Depois vais ficar em casa sozinho com a tua mulher. É isso que queres?

Gabriel balbuciara que, quando os filhos crescessem, continuariam a contar com ele como um amigo. Teresa ironizara sobre a alegria que teriam os jovens em arrastar o velho com eles pelos bares. E antecipou-lhe o aborrecimento tenebroso em que se

encontraria, ao lado de uma mulher à qual mentia e pela qual não sentia desejo, enquanto se consumiria de saudades da mulher pela qual não tinha sido capaz de lutar. Gabriel mantivera-se em silêncio. Era-lhe impossível pensar na sua existência sem os filhos. Depois viriam os netos, e continuariam a percorrer a Europa em família. Penélope era uma boa copiloto de viagem e de vida; nunca o criticava, nunca esperava dele nada de especial, fechava os olhos às suas fraquezas. Orgulhava-se dele e amá-lo-ia para o resto da vida. Não havia muitas mulheres assim, descomplicadas. E ele podia sempre fechar os olhos e voltar a sentir a pele incomparável de Rosa Cabral. Podia fechar os olhos sobre dezenas de corpos e fazer de conta que amava as mais diversas mulheres. Não ia tropeçar no travesseiro do mundo moderno e deixar-se destruir por uma paixão. Os livros que consumia vorazmente provavam-lhe que aquilo a que se chama felicidade é um fenómeno efêmero, e que só aquilo que se constrói nos pode realizar. Ele não seria mais um número na estatística dos homens divorciados empenhados em persistir nos mesmos erros, perdendo tempo, sossego, dinheiro e confiança em amores sucessivos. O amor era uma ilusão breve da qual sobravam inevitavelmente contas e relatórios de culpa. O único amor verdadeiro, imune à erosão dos dias, era o que sentia pelos filhos. Esse amor era o seu esteio. Um dia Rosa seria mãe e perceberia isso. Mas a imagem de Rosa grávida perturbava-o. Por muito que racionalizasse, não suportava a ideia de que outro homem pudesse obter dela a rendição. Dissera-lhe muitas vezes que seria bom que ela também fosse casada, que desse modo aquela relação poderia ser vivida em justa simetria. Infelizmente, essa ideia não lograva subsistir dois minutos na sua cabeça sem o atormentar: Rosa, na cama com outro? Rosa, gerando o filho de outro? Como poderia abraçá-la, beijá-la e possuí-la com a mesma sensação de soberania, sabendo que ela repetia esses gestos com outro? Como poderia suportar esse fantasma? Um caso a estudar mais tarde, quando o problema se tornasse real.

Por enquanto, bastava-lhe saber que Rosa continuava a pensar nele. O telefonema de Teresa, insistindo para que ele fosse ao funeral da mãe de Rosa, era revelador. Gabriel sentava-se ao computador, punha os auscultadores, desapertava as calças e entrava no Youtube onde Rosa cantava para ele todas as madrugadas. Continuava a ter orgasmos com ela, sem o incómodo da culpa nem qualquer agitação na sua vida familiar. Não era o mesmo que tê-la nos braços — mas quase. E Gabriel habituara-se a gostar da serenidade do quase. Irritava-o a arrogância de Rosa, a sua incapacidade de se submeter ao quase. E a impossibilidade de a controlar, por muito que ela declarasse pertencer-lhe.

— És uma artista. As artistas são complicadas, dissera, um dia,

afagando-lhe o cabelo.

XVI. Funeral

O que fazer com uma caixa de cinzas? Até nisso a mãe lhe atrapalhava a vida. Sempre dissera que não queria ser enterrada. Contava histórias de cadáveres retorcidos, descobertos anos depois, um cortejo de enterrados vivos que a assombrava. Assustava-a a imagem do coveiro cumprindo a ordem do cangalheiro:

— Pode encher.

A Rosa afligia-a mais a ideia do corpo a ser queimado, transformado em pó. Dispensava aquela responsabilidade portátil. Imaginava a casa assaltada, a urna roubada, e o fantasma da mãe a atazaná-la:

— Sempre foste uma descuidada.

Quando lhe depuseram nas mãos a pequena urna, olhou para Luísa, em pânico:

— Não sou capaz de levar isto para casa.

Luísa ofereceu-se para guardar a urna, até que pensassem o que fazer. Deixá-la no cemitério não lhe parecia bem. Eva Cabral não gostaria. Os jornalistas perguntavam:

— Onde vai colocar os restos mortais da sua mãe?

Rosa não respondia. Sempre era uma pergunta ligeiramente menos acéfala do que a outra, que repetiam incessantemente:

— Como se sente com a morte da sua mãe?

Tinha ganas de lhes responder que se sentia feliz, só para os ver empalidecer. Ou de os mandar à merda, mas não podia.

— És uma artista, uma artista famosa, lembra-te disso, sussurrava-lhe Paulo, terno e sensato, com o braço por cima dos seus ombros.

— Eu enxoto-os, não precisas de dizer nada.

Vestiu-se de branco porque não conseguia vestir-se de preto. Parecia-lhe poção — o preto era a sua cor, a cor do fado, a cor do espetáculo, da glória. O branco dava-lhe paz. Também sobre isso os jornalistas perguntavam: porquê o branco? E fixavam-lhe as mãos, numa interrogação muda sobre as suas unhas vermelhas. Não lhe ocorrera limpar o verniz das unhas, e depois? Não. Não é a primeira coisa que nos ocorre quando nos morre a mãe.

— É estranho. Nem sequer sinto que ela fosse minha mãe.

Paulo e Teresa diziam que era natural — o choque, a multidão, só depois começaria a conceber o desaparecimento, a sentir a dor. A morte de Eva não lhe era indiferente — apenas não a fazia sofrer. Sentia-se apática. Alheada.

— Luísa, sabe dizer-me se o meu pai está por aí?

— Que disparate, Rosa. O seu pai nem deve saber ainda da morte de Eva. Ele mora no estrangeiro. E ele nunca foi seu pai. Pode viver-se muito bem sem pai. Eu vivi sempre sem mãe.

Beijavam-na. Sempre as mesmas fórmulas. Os meus sentimentos. Força. Estou consigo. Estão comigo em quê? Saudades de Gabriel. Podia pelo menos ter-lhe enviado uma mensagem — se alguma vez tivesse gostado a sério dela. O que é gostar a sério? Gostaria ele a sério da mulher a quem traía? Tudo era tão pouco. A seriedade officiosa daquelas pessoas dava-lhe vontade de rir, e sussurrou-o a Paulo.

— Isso não, amiga. Não podes rir-te. Olha a comunicação social.

— Quero que a comunicação social se foda.

— Já está fodida, amiga, não te preocupes. Mas não te rias. Tens uma carreira a defender.

Uma carreira na música das lágrimas não podia comprometer-se com atitudes levianas. “Inconsolável, a nova diva do fado acompanhou o féretro de sua mãe, a popular apresentadora de televisão Eva Cabral.” Era fácil adivinhar os títulos das revistas. Já há muitos anos que Eva Cabral não merecia a atenção de um público tão vasto. O sol ajudava: o dia nascera azul, uma euforia primaveril perfumava o ar.

— Os meus respeitos, senhora. O meu nome é Mandela da Silva, devo tudo à senhora sua mãe. Tenho muita honra em apresentar-lhe a minha homenagem.

Quem assim falava era um rapaz alto, magro, de pele castanha, *jeans* rasgados de acordo com os ditames da moda, cabeloira densa de rastas bem tratadas e uma *t-shirt* vermelha com dois versos de Keats: “*A thing of beauty/ is a joy for ever.*” O pormenor da *t-shirt* vermelha divertiu-a. Apurou que Eva conhecera Mandela há um par de anos quando ele fora fazer um *casting* para uma telenovela. Não ficara com o papel, mas Eva arranjava-lhe um lugar na produção do *talk-show*. Mandela nascera na Amadora, filho de mãe cabo-verdiana. Do pai já não se lembrava, voltara a Cabo Verde quando ele era bebé, e arranjava por lá outra família. Um dia pretendia conhecer esse país que nunca vira mas considerava seu — porque, apesar de a nacionalidade portuguesa estar inscrita no seu bilhete de identidade, sempre se sentira tratado como estrangeiro. Na escola chamavam-lhe preto ou escarumba, e a mãe tivera de batalhar para que o deixassem aprender informática em vez de crioulo, nas aulas dos tempos livres.

— Não tens saudades do teu pai?

— Não, senhora. A gente não pode sentir saudade do que não conhece. Há pais que batem tanto, que eu para dizer a verdade até me dou por muito feliz por não ter esse problema. A minha mãe diz que o meu pai bebia e batia. Melhor assim.

Rosa simpatizou instantaneamente com Mandela, que devia o seu nome de batismo à admiração que a mãe tivera, desde pequena,

por Nelson Mandela. Dizia que um homem assim é que lhe fazia falta. Não lhe chamou Nelson porque esse era o nome do pai, do qual não guardava boas memórias.

— Se calhar eu não devia dizer isto hoje, senhora, mas de pai ninguém precisa mesmo. O que importa é ter mãe, e a sua mãe foi uma senhora valente. Os meus parabéns.

Em vez de pêames, parabéns. Eva ficaria contente. Rosa deu a Mandela um cartão da casa de fados e disse:

— Apareça.

XVII. Ubiquidade

Fernanda estudara cuidadosamente a encadernação com que se apresentaria no palco final de Eva, ciente de que se cruzaria com Quico. Retalhada pela dor da morte da amiga, como tivera cabeça para esse estudo? O sorriso de Eva preencheu-lhe os espaços em branco da culpa. Pensar em Quico era sofrer menos a ausência definitiva de Eva, à qual tão cedo não conseguiria acostumar-se. Quico fora o último dos seus amores. Fernanda ficara amarrada ao momento em que saíra da casa do amante com as suas coisas todas enfiadas no lençol onde se haviam amado, lençol agora transformado em trouxa urgente.

— Não me leves a mal, Nandinha. A Luciana não consegue viver sem mim, e tu és uma mulher forte, não precisas de ninguém.

Se os homens só conseguem ser fortes quando as mulheres são fracas, então que força é a deles? Luciana era uma artista do suicídio encenado. Tomava comprimidos e telefonava a Quico antes de desmaiar. Depois ele levava-a ao hospital, faziam-lhe uma lavagem ao estômago e organizava-se para ocultar a relação com Fernanda. Durante anos viveram assim, sem que Fernanda, a forte, se apercebesse da dupla vida de Quico.

Saída de um sono pequeno, apertado, na madrugada do funeral de Eva, Fernanda dispôs três conjuntos pretos sobre a cama e experimentou-os diante do espelho, tentando decidir qual a tornaria imortal no minuto em que Quico a olhasse. Mantinha o altar do amor perdido, um altar que os perdedores treinados conhecem bem. Estaria agora a sua fotografia no quadro de troféus de Quico?

Nunca o viria a descobrir, mas fica o leitor a saber que sim: depois de casar com Luciana, Quico refizera esse quadro que tinha ao lado da cama com as fotografias de todas as suas conquistas. Ao contrário de Fernanda, que o atirara ao chão depois da primeira noite com Quico, Luciana gostava daquele quadro, que simbolizava para ela o fim da História. Uma versão caseira e tranquilizadora das teses de Fukuyama: a derradeira fotografia era a sua, a da mulher que atravessara e suplantara todas as outras.

Na igreja repleta de gente, Fernanda reconheceu imediatamente Quico — muito mais gordo do que o recordava e com um ar desleixado que a alegrou como uma declaração de amor. Fernanda sofria da doença do sentido; sem essa doença parecia-lhe que a vida não teria graça nenhuma, e não a desmentiremos porque o eco dos seus enredos estereofônicos serviu de fundo a muitas destas páginas, mesmo que a leitora não chegue a escutá-lo porque há coisas às quais convém o silêncio da página e as virtudes da tridimensionalidade foram já demolidas e violentadas pelas técnicas cinematográficas. Basta que acredite que Fernanda atingira um ponto

da sua vida em que as possibilidades eram muito mais excitantes do que as realidades. Gostava de estimular a imaginação dos outros e de fazer crescer hipóteses de sedução. Encantara-se com o seu gestor de conta, um rapaz vinte anos mais novo com o qual brincava como uma menina provocadora. De café em café, o rapaz acabara por lhe pegar na mão confessando que nunca mulher alguma o fizera rir tanto, que quando ela entrava no banco era como se trouxesse o sol dos seus quinze anos.

— Deixe-me levá-la a Barcelona. Deixe.

Fernanda sorriu e disse que não. Estimulado pela rápida negativa, o convite tornou-se insistente:

— Só um fim de semana. Deixe. Não gosta nem um bocadinho de mim?

Fernanda acabou por especificar que nunca permitiria que aquele encanto partilhado se tornasse decepção, como inevitavelmente se tornaria depois do contacto carnal:

— Você é novo, musculado, ágil. Eu tenho a carne flácida, sou uma mulher de sessenta anos que nunca fez exercício. Acredite, não vai dar certo.

Espantou-a a facilidade com que fora capaz de se descrever daquela forma: dizer que tinha a carne flácida era quase pior, ou talvez muito pior do que o habitual “tenho idade para ser sua mãe”. De qualquer forma, já só as raparigas muito ignorantes se prestavam a ser mães aos vinte anos. Mas o rapaz pareceu ficar ainda mais apaixonado: prometeu-lhe que fecharia a luz, que se amariam no escuro, para que ela não se sentisse diminuída, se era esse o problema. Fernanda abanou a cabeça, antecipou o desprazer que o seu corpo mole lhe proporcionaria ao tacto, e o rapaz ofendeu-se:

— Não sou tão superficial como me julga. Acha-me absolutamente incapaz de amar?

Fernanda sorriu ternamente, pediu-lhe que não se zangasse com ela e que, se não fosse capaz de a entender, fosse pelo menos capaz de a aceitar. Propôs-se continuar com aqueles encontros num café de esquina no centro da cidade, continuar a acariciar-lhe os dedos sobre a mesa, a rir e a conversar. O rapaz disse que não conseguiria viver assim, à beira de nada. Fernanda sabia que a vida é uma deambulação sobre essa margem, mas já não lho disse. Deixaram-se depois da explicação final que os levava a abrirem paixões e medos sem sequer terem trocado um beijo. Nunca mais se viram. Até ao fim dos seus dias, Fernanda encontrou conforto na memória desse rapaz que a desejara quando se julgava já despedida da terra do desejo. Foi para ele o seu último pensamento, até porque, quando Fernanda morreu, Quico já há muito estava enterrado numa campa que Luciana esqueceu mais depressa do que ela. A durabilidade dos sentimentos é

muitas vezes ilusória; depois da morte de Quico, Luciana prosseguiria a sua carreira de fria apaixonada, matando-se regularmente e com bastante êxito até morrer de um ataque cardíaco aos oitenta e um anos, sozinha diante de um canal memória televisivo onde assistia a uma antiga emissão de *Atraíçoados*, um *reality show* de Quico protagonizado por Eva Cabral.

A longevidade de Eva foi maior do que ela mesma se atrevera a esperar. *Atraíçoados*, bombardeado com um festival de mísseis da crítica, duraria mais do que o programa de entrevistas culturais que merecera aplauso aquando da estreia, na época em que Eva namorara com um músico conceituado e, porque era nova e tinha gosto no vestir, passava praticamente por uma intelectual de esquerda. Não era preciso muito para criar essa ilusão.

Atraíçoados era um modelo importado dos Estados Unidos da América. A emissão a que Fernanda assistia quando morreu narrava a história real de uma mulher grávida de sete meses que suspeitava de que o marido a traía. O programa contratava um detetive que perseguia o marido e descobria que, de facto, o dito traía a mulher com uma paraplégica que conhecera num supermercado: levava-a às compras, ajudava-a no dia a dia, nunca lhe dissera que era casado. A confrontação entre marido, mulher e amante decorria numa loja de noivas onde a amante, na sua cadeira de rodas, experimentava véus. O programa terminava, depois de gritos e lágrimas, com um apelo moral: “Exerça o seu direito a ser informado: telefone-nos, nós procuramos a verdade.”

A verdade tinha cada vez mais êxito comercial. Depois do ataque às Torres Gémeas, as vendas de livros de ficção baixaram exponencialmente, não só nos Estados Unidos, mas também no resto do mundo. Os livros de autoajuda, em compensação, reproduziam-se como ratos. E a vida real dos habitantes do Afeganistão ou do Iraque tornara-se *best-seller*. Gabriel suspirava: parecia-lhe que a sua livraria se tornara uma espécie de cruzamento entre um campo de refugiados e um centro de *reiki*, cheia de dourados e espiritualidade e quase desprovida de literatura. Crianças de cinco anos diziam às mães:

— Sabias que no Afeganistão não há água, só pedras?

E recusavam-se a lavar os dentes e as mãos para poupar a água do mundo, que estava a acabar.

— Temos que ter um devolvimento assustável, mamã. A professora disse.

A sociedade voltava a ser canibalizada pelo ideal do martírio; Rosa cortou relações com vários amigos que lhe escreveram e-mails eufóricos sobre a derrota dos Estados Unidos e o quanto os americanos “estavam a merecê-las”. Porra. A mãe podia ter morrido debaixo

daquelas torres, como morreram muitas mãos humildes que viviam de lavar escadas e não sabiam nada de política. Leu resmas de livros sobre a situação das mulheres nos países muçulmanos, deitou fora o lenço palestino que o namorado artista lhe oferecera e viu a sua compreensão para com aquilo a que se chamava “multiculturalismo” drasticamente enfraquecida.

— Não me tentem convencer de que a excisão é uma coisa cultural, caraças. Deixem-se de merdas.

Os seus ex-amigos de esquerda murmuravam que o ambiente do fado estava a torná-la reacionária, capitalista e intolerante. Rosa não ligava a estes comentários, que inevitavelmente vinham parar-lhe aos ouvidos, porque em Portugal as confidências circulam como andorinhas. A opinião social era-lhe indiferente: ela própria se espantava com essa imunidade que atribuía à força física da tragédia. Mas era mais do que isso: o sangue refrescava-se-lhe nos fados que escrevia e cantava, lancetados de raiva e paixão. Transformar um conjunto de bandidas num corpo de bailado punha-lhe gasolina nos músculos. Voltar a dançar sem ter de mortificar as pontas dos dedos como as chinesas de pés torturados abria-a aos ventos como um pássaro. Que se fodessem. Dava-lhe gozo declinar baixinho o verbo foder, enumerar todos os palavrões proibidos. Eram dela. O mundo era dela, enquanto nele vivesse, e ninguém podia nada contra isso. “A gente só nasce quando somos nós que temos as dores”, escrevera Natália Correia num poema que Rosa estava decidida a cantar. Para dançar é preciso aprender a contar os passos. E depois aprender a esquecer os passos.

Onde estaria a mãe, da qual pela primeira vez sentia a falta? Onde estaria o pai? As dimensões da existência pareciam-lhe mais abstratas do que até então pensava. Só Teresa compreendia a necessidade de encontrar o pai: aos outros, a demanda parecia-lhes de um biologismo excessivo. Quanto mais se desenvolvia a ciência, maior se tornava o desdém intelectual pelas coisas do mundo físico. A questão da filiação tornara-se uma velharia. As mulheres eram as primeiras a pensar assim; não se davam conta de que a passagem da contracepção, que as emancipara, para a fertilização *in vitro*, os bancos de esperma anónimos e a procriação medicamente assistida lhes retirava de novo o poder da criação. As suas vozes tinham sido abafadas, ao longo de toda a História da Humanidade, para destruir o poder que lhes advinha de gerarem o futuro nas suas barrigas. A maternidade, durante séculos exaltada como um dom menor e exigente, era agora apenas um método de construir pessoas tão válido como outro qualquer, não apenas equivalente à paternidade mas a uma panóplia de conjugações de progenitura possíveis. Criar uma criança era uma manifestação de responsabilidade social e de

generosidade cívica: atrizes, estrelas da *pop* e políticos em busca de ascensão adotavam pretinhos em reportagens comoventes. Os casais homossexuais exigiam filhos como garantes de respeitabilidade. Os tempos haviam mudado muito, mas a noção de reputação apenas mudara de cor e de formato, não desaparecera, pelo contrário: o seu código tornara-se mais complexo e carregado de alíneas. Que alguém tivesse uma vontade incontrolável de conhecer os olhos e as mãos do seu pai biológico era considerado um tique de mau gosto, incomodativo, desadequado. A procura da identidade, das raízes, das origens, era incentivada no campo da cultura e da sociedade e arredada das conversas no que se referia à experiência individual. O individualismo apreciava-se apenas como conceito grupal, político, de ascensão económica.

À porta da capela mortuária, Rosa perguntara de chofre a Alfredo:

— Sabes onde está o meu pai? Diz-me, por favor.

— Querida, estás transtornada, eu percebo-te. Contas comigo para tudo o que quiseres. Faz de conta que eu sou teu pai.

— Não quero mais faz de conta, caraças.

Deixou-se abraçar pelos braços musculados de Alfredo, que lhe repetia que gostava dela como se fosse sua filha. Alfredo lembrava-se das noites loucas que vivera com Eva Cabral e quase tinha remorsos por não ter sido pai dela.

— O meu problema é que tenho um coração *king size*, confessava, muitas vezes, a Eva Cabral.

— Sim, *king size* como uma cama de orgias, respondia-lhe ela, rindo. Durante a juventude Alfredo fora um funcionário ministerial cumpridor, pacato, bom marido e bom pai. Isso mudara quando a mulher lhe anunciara que se tinha apaixonado por outro, e o deixara, de um dia para o outro, com uma filha nos braços.

— Eu fico com o pai,

dissera a pequena Carla, irrompendo pela sala onde o casal discutia, arrastando pela tromba o seu elefante favorito.

Então, Alfredo tornou-se empreendedor. Nos primeiros meses depois da separação chorava entre tremoços e rodadas de cerveja com o seu amigo Quico que, condoído, lhe ofereceu sociedade na empresa de produção audiovisual. Vivia-se o *boom* dos canais televisivos e as produtoras nasciam como soagem no fim do inverno. Quico esmerou-se na instrução sentimental de Alfredo; passava-lhe as namoradas, quando se cansava delas. Dizia:

— É boa rapariga, e uma artista nos lençóis.

Porém, o fundo de uma pessoa não se altera profundamente: Alfredo aceitava as dádivas, gracejava e cumpria, mas sonhava com

uma mulher tranquila que lhe calçasse as pantufas, o ajudasse a criar a filha e se enroscasse no sofá com ele. Encontrou-a, à margem das ofertas do amigo, e sentiu-se mais homem por ter conseguido conquistar alguém que, se não poderia considerar que só lhe tinha pertencido a ele, como a mãe da filha, pelo menos não tinha pertencido ao seu melhor amigo. Que a escolhida fosse também divorciada era aliás um elemento tranquilizador: não seria açodada pela curiosidade de novas experiências. A mania de que tudo tinha de ser novo e diferente estava a arruinar a paz das famílias. Mimi apanhara o marido em flagrante na cama com outra, o que era uma espécie de selo de segurança contra futuras traições. Um trauma simpático.

Alfredo estava casado com Mimi há sete anos quando Quico lhe apresentou Ângela, professora de canto no Porto, garantindo-lhe que aquela, sim, era a cama inesquecível.

— Então porque é que não ficaste com ela?

— Porque eu não sou de ficar, companheiro, já sabes. Quando as coisas começam a tornar-se sérias, lanço o toque a recolher. Não quero ficar nas unhas de gaja nenhuma, por mais que goste delas. Esta é especial, por isso é que a passo para ti. Não é material para um gajo qualquer.

Alfredo deslumbrou Ângela, levando-lhe à escola um cantor prestigiado que devia vários favores e gentilezas à produtora. Começou assim uma relação borbulhante que se prolongaria por toda a vida, de um modo tão perfeito que Ângela nunca tomou conhecimento do casamento de Alfredo. Apresentava-a como “uma amiga especial”; Ângela entristecia ligeiramente, mas o arroubo com que ele a despia em qualquer esconso de festa ou casa de banho de estúdio depressa a faziam esquecer a sua displicência. Nos primeiros anos, Alfredo desculpava-se-lhe com o acompanhamento da filha, à qual, dizia, não queria dar uma madrasta, para não lhe causar traumas. A palavra trauma tinha o poder de estancar a argumentação alheia, por isso era cada vez mais utilizada.

— Meu amor, a tua filha já está na universidade. Quando é que vamos assumir isto?

Neste segundo período, Alfredo adotou uma estratégia diferente. Em vez do trauma, o problema passou a ser o “clique”.

— Vou ser-te sincero: gosto muito muito de ti, mas falta-me o clique.

— Falta-te o quê?

— O clique, Angelinha. Não te sei explicar melhor.

Angelinha esmifrava-se para arrancar o tal clique indefinível. Tirou um curso de dança no verão. Fez dietas e musculação. Reinventou-se, e nisto se foram passando os anos.

— O que é que eu hei de fazer, Rosinha? Gosto muito da Mimi. Ainda há dias, cheguei do Norte às quatro da manhã, feito num oito com os malabarismos da Ângela, e a Mimi tinha posto o despertador para estar acordada quando eu chegasse. Preparou-me um banho quente, fez-me uma massagem relaxante... e queria brincadeira, ainda, mas eu já não estava capaz. Eu era feliz se pudesse ficar com as duas, isso é que era. Gostava de me tornar dois, percebes?

Alfredo desabafava com quem o quisesse ouvir. Gostava de Rosa como de outra filha, tinha orgulho em ser uma espécie de pai de uma artista, e os olhos arregalados da jovem diante das suas proezas lúbricas faziam-no sentir mais novo.

— Achas que sou um grande malandro, Rosinha? Eu não faço por mal. Gosto das duas, o que é que eu hei de fazer. Já por duas ou três vezes pensei em chegar ao Porto e contar tudo à Ângela, e acabar com isto. Porque se me encostassem à parede, para escolher, eu ficava com a minha Mimi. Devo-lhe muito, dou-me bem com ela. Mas a outra põe-me doido. E para quê fazê-la sofrer, se gosto dela e a vida é tão curta?

Rosa ria-se, cúmplice, ao contrário de Eva, que lhe ralhava:

— Não me contes mais. Com que cara é que eu olho para a tua mulher?

— Com a mesma cara linda que tens, e que tantas alegrias me deu.

— Não sejas parvo. Isso foi muito antes de encontrares a Mimi.

Alfredo aprendera a desfazer-se do espartilho da cronologia. Antes e depois, o que queria isso dizer? Não esquecera episódios de há trinta anos e não seria capaz de dizer o que jantara ontem. Esquecia o que o magoara e fixava todos os bons momentos. Construía a vida à sua medida, no seu próprio tempo.

— Querias ter um duplo, é isso?

— Não, Rosinha. Achas que eu gostaria de saber que enquanto eu estou com a Ângela estava outro gajo com a Mimi, mesmo que esse gajo fosse igual a mim? O tanas. Sou muito ciumento. O que eu gostava é que elas pudessem não ser. Gostava de as ter as duas comigo em simultâneo, isso sim...

— Tu e toda a população masculina. Deixa-te de devaneios. Aproveita a sorte que tens.

— É um alívio falar contigo, garota. Um espírito aberto. A maior parte das pessoas não se mede. Está tudo sempre pronto a julgar o parceiro.

Agora, Rosa insistia:

— Alfredo. Tu, que és um espírito aberto, tens de me ajudar a encontrar o meu pai. Não vais fazer como os outros e chamar-me maluca, pois não?

— Deus me livre, Rosinha. Aliás uma mulher sem maluquice não tem graça nenhuma.

O que pensará o meu pai? Saberá sequer que eu existo? Eram estas perguntas que ocupavam Rosa por noites em claro. Sabia que não podia pô-las na rua sem se tornar alvo de troça. Todavia, trazia o pai por todo o lado, como agora a mãe, depois de morta.

— O dom da ubiquidade existe. Há pessoas que têm o poder de materializar a sua imagem num sítio onde não estão.

Isto dissera-lhe uma das suas alunas de dança na prisão. Transportara tantos sacos de droga dentro do estômago que acabara por formar do corpo uma ideia abstrata: em qualquer lugar, o que existia era o amor dela pelo homem que a tornara correio de droga. O psicólogo da prisão dizia-lhe que o amor verdadeiro não era isso e que para amar alguém as pessoas tinham de se amar em primeiro lugar. Mas o amor com lugares marcados como uma sala de teatro parecia-lhe uma coisa ainda mais triste do que ficar sozinha na prisão, por amor.

XVIII. Filhos

A liberdade era, para Leonor, uma tarde de passeio num centro comercial sem os pais. Durante meses, com as duas maiores amigas, planeou todos os pormenores dessa tarde. Sairiam do colégio às quatro e meia e seguiriam de metro para o centro comercial. Comprariam os bilhetes para aquele filme com piratas e sereias do qual já conheciam o enredo, as personagens e as mínimas peripécias das filmagens. Eram especialistas de bastidores, navegavam pela Internet, noite e dia, atrás das suas estrelas de cinema favoritas. Sentar-se-iam as três na sala escura com três baldes de pipocas nas mãos e entrariam no filme. Depois, iriam jantar as três juntas, sozinhas — e os pais viriam buscá-las pelas dez da noite. Tratava-se de um plano simples, o desenlace ideal para mais um ano de escola. Leonor cortava no calendário os dias que faltavam. A princípio, os pais fizeram-se surdos. Depois disseram que logo se veria. A quatro dias do acontecimento, o pai disse que estava fora de causa irem de metro, porque podiam ser assaltadas. No dia seguinte, acrescentou que lhe parecia muito perigoso andarem as três sozinhas no centro comercial durante uma hora e meia; havia cada vez mais relatos de crianças raptadas para negócios de venda de órgãos. Leonor protestou:

— Nós já não somos criancinhas, pai. Temos treze anos. Achas que alguém nos vai pegar ao colo no meio de um centro cheio de gente? Já olhaste bem para mim? Sou mais alta do que a mãe, caso não tenhas reparado.

O pai argumentou. Falou de drogas que põem as pessoas a dormir e de todos os métodos soezes de que os assassinos são capazes. Leonor contrapôs que, por essa ordem de ideias, ninguém estava a salvo. O pai respondeu que infelizmente o mundo se tornara demasiado traiçoeiro, e que só pensava no bem dela. Leonor gritou que estava farta de que o bem dela fosse igual a uma prisão. O pai tentou amaciá-la com palavras ternas, disse-lhe que a levaria com as amigas ao cinema e que depois iria jantar com elas. Leonor respondeu, de lágrimas nos olhos, que não queria o pai naquele jantar que tinha planeado com as amigas. O pai repetiu que gostava muito dela, e que tinha muita pena de que ela não gostasse de jantar com ele e as amigas. Leonor berrou:

— Tu não és uma amiga minha, percebes? És o meu pai. E eu tenho direito à minha privacidade.

O pai disse-lhe que ainda era muito nova, que tinha de perceber que ainda não tinha idade para sair sozinha. Leonor bradou:

— *Get a life!*

e fechou-se no quarto, batendo com a porta, na qual estava escrito, em letras gigantes: “É favor bater antes de entrar. Os intrusos serão mortos.” O desenho de uma caveira servia de assinatura à frase.

Ligou a televisão, estendeu-se na cama, abriu o diário e escreveu: “Querido diário, ontem disse-te que tinha pena dos meus pais, das suas vidinhas tristonhas, mas hoje o que sinto por eles é ÓDIO. Não são capazes de olhar para mim como pessoa. Querem que eu continue a ser um bebé para não verem a merda de vida que têm. Não me dão sequer o direito a umas horas de liberdade. Quando eu tiver dezoito anos ELES VÃO VER. Ou melhor: nunca mais me vão ver. Que morram velhos e sozinhos a emburrar um com o outro. Aposto que os gémeos também se vão fartar deles rapidamente. Ninguém os aguenta.”

Pôs os auscultadores para não ouvir os chamamentos da mãe para o jantar. Detestava ainda mais a mãe do que o pai. Tinha as mamas descaídas e quase nunca usava *soutien*, a pretexto de que não gostava de se sentir apertada. Usava roupas demasiado largas que lhe davam um ar desleixado. Envergonhava-a o modo como ela gesticulava. E irritava-a que preferisse Luís a todos os filhos. Leonor estava determinada a não ter filhos: os bebés babavam-se, cheiravam mal, gritavam, davam muito trabalho. Seria atriz ou advogada, ou ambas as coisas, se possível. Teria uma vida só dela, em vez de viver por procuração, através dos sucessos da descendência. Parecia-lhe que os adultos não sabiam ser outra coisa senão pais e mães — e isso era muito pouco. Bastava-lhe olhar para a mãe para perceber que não queria casar-se — por mais discursos de igualdade que o pai fizesse, as coisas chatas sobravam sempre para a mãe, até porque o pai estava sempre em reuniões. Sabia que o pai tinha namoradas — ouvira-o uma vez ao telefone, quando ele pensava que ela já adormecera, e tinha sentido pena dele. Porque não se atreveriam os adultos a ser livres? Podiam tudo, e não faziam nada do que podiam. De que tinham medo? O que é que esperavam, para começar a viver?

Quando olhava para os filhos, Gabriel sentia-se um homem completo. Aquelas três crianças bonitas, bem-comportadas, sorridentes, eram obra sua. Tinham boas notas: oxalá fossem médicos, engenheiros, gente bem resolvida. Fazia-lhes discursos sobre o futuro, exortava-os a que pensassem bem na carreira que iam escolher, repetia-lhes que a vida lá fora era muito difícil. Do catálogo da paternidade moderna fazia parte este discurso, bem como mesadas lautas e o transporte casa-escola, para evitar assaltos ou contactos com meliantes. Escutavam-no com enfado mas Gabriel sabia que alguma coisa lhes ficaria. Gostava de pensar que se sacrificava por eles: escolhera ser um homem de família, com encargos e rotinas, por causa deles, porque eram a sua verdade — a sua única verdade, embora não se detivesse a pensar nisso. Dera-lhes tudo o que lhe fora negado: havia maior generosidade? Mostrava ao seu próprio pai o que era ser-se um bom pai. Outro pormenor não despreciando, neste exercício aplicado da progenitura, era o fraquinho que as mulheres modernas

tinham por homens que se exibissem como bons pais — mesmo que em detrimento delas.

— Hoje não posso, Rosa, prometi ler uma história aos meus filhos antes de adormecerem.

O homem que lia histórias às crianças era a versão contemporânea do D. Juan. A infância, durante milénios desprezada e abusada, tornava-se pretexto delicado para a imaginação de relações impossíveis entre adultos. Quando uma mulher temia que um homem a abandonasse, fazia-lhe um filho; desse modo ficaria para sempre ligada a ele, ainda que ele não o quisesse. Quando uma mulher não queria encontrar-se com a indiferença nos olhos do seu amante clandestino, escondia esse olhar atrás do biombo dos filhos:

— Se não fosse pai, era comigo que ele escolheria viver.

Rosa, que se julgava capaz de encarar todas as suas verdades, andou mais de um ano a enganar-se com reflexões destas, que lhe serviam de cenário para as ausências de resposta de Gabriel, os encontros marcados e desmarcados, a ligeireza às vezes brutal das suas palavras. Nunca pensou fazer-lhe um filho, isso não, porque seria admitir que o amor que circulava entre eles não se bastava a si mesmo. E porque sentia pavor da maternidade, ela que nem sequer se sentira ainda filha.

Queria, acima de tudo, conhecer o pai. Desistira de o conseguir através da mãe. Quando a mãe morreu, esse desejo tornou-se muito mais forte. Disseram-lhe que era normal, uma consequência do luto.

— Isso passa-te,
vaticinou Paulo.

Estava exausta de passamentos. Não queria que aquilo passasse. Queria um pai, qualquer que fosse — criminoso, boçal, indiferente, estúpido. O homem em cujo olhar se reconheceria. A sua identidade. A sua pátria, ainda que enlameada. Só no homem que lhe dera origem poderia encontrar essa relação de terra, sem a contaminação de entranhas e vísceras que atrapalhava o amor das mães.

— Pai, pai, porque me abandonaste?

XIX. Amor

Farimah Farhadi e Mandela da Silva apaixonaram-se à primeira vista de um modo fulminante no funeral de Eva Cabral.

Ao contrário do que se pensa, haverá decerto mais casamentos talhados em funerais do que em cerimónias nupciais. A alegria favorece mais o companheirismo do que a atração erótica. Acresce que a ironia que, no século XXI, faz parte do ritual de elegância de qualquer celebração da eternidade do amor, é uma poderosa dissuasora dos encontros fundamentais.

Um cruzar de olhos bastou para entenderem tudo o que precisavam um do outro; espantar-se-á a leitora com semelhante milagre num romance decorrido na Era do Corpo e dos ludíbrios fantasiosos da Internet. Sucede que este par lograra manter o olhar transparente dos tempos de antanho, em que os contactos eram mais difíceis, a existência durava menos e pedia mais intensidade. Na verdade, afeiçoamos o passado ao molde dos medos do presente; os olhares puros não têm data, sobrevivem ao cinismo contemporâneo como à maldade lisa que supomos ser sua avó. E o desejo é uma questão de cheiro e de pele, coisa animal que transcende a elaboração das transcendências. Farimah e Mandela amaram-se como estranhos e iguais, porque são essas as matérias do amor, relâmpago que tudo abre. Olharam-se e souberam. Acertaram o passo um pelo outro, no meio da comitiva fúnebre, discretos — não estavam ali para ser vistos mas para acompanhar uma filha e a mãe acabada de morrer.

Depois de abraçarem Rosa, percorreram o cemitério devagar e em silêncio. À saída, Mandela disse:

— Temos de tomar um café.

— Sim — disse Farimah.

Conversaram longamente, primeiro no café, depois pelas ruas da cidade, descendo até ao rio, depois diante de uma garrafa de vinho e um peixe grelhado, depois, de mão dada, pela margem, depois no táxi. Só no quarto de Mandela fizeram silêncio para escutar o som do desejo, dos beijos, dos corpos entregando-se com vagar e deslumbramento. Farimah ria-se, nos intervalos em que se deslaçavam, magicando que a experimentação tão valorizada pelo Ocidente não significava nada: para que o sublime tivesse possibilidade de aparecer apenas importava a verdade. Ria-se de si mesma e da sua desconfiança face ao amor; ria-se do prazer que descobria em locais do corpo que nem imaginava sensíveis. Mandela surpreendia-se com o riso e amava-a ainda mais por essa surpresa; sentia que aquela era a mulher com a qual poderia fazer amor durante toda a vida com o mesmo desejo. Começara cedo a ter intimidade com mulheres — e nunca se sentira tão próximo e tão distante de nenhuma. Farimah era a sua fonte inesgotável, a resposta e a

manutenção da sua sede. Um ser infinito que o tornava infinito. Ela percebia essa surpresa nos olhos dele, onde passavam como aves em debandada todas as mulheres que conhecera antes de a ter encontrado. E amava cada uma dessas mulheres que conheceria através das palavras de Mandela ao longo do tempo, amava as mulheres que o tinham ensinado a amar sem lhe tornarem ácido o coração ou bruscos os gestos.

Quando acordaram, manhã alta, sorriram em simultâneo e disseram amo-te ao mesmo tempo, em duas línguas diferentes.

XX. Testes

Teresa escrutinava a fotografia do homem com o cão.

— O cão é parecido com ele. Nenhum deles é propriamente parecido contigo.

— O que queres tu dizer com isso?

— Quero dizer que este homem pode não ser o teu pai, Rosa. Não te zanges comigo. Não estou a sugerir que é um disparate procurares o teu pai. Mas era mais saudável que não pensasses tanto nisso.

De cada vez que alguém desvalorizava a necessidade de encontrar o pai, Rosa sentia-se revoltada. Querendo consolá-la, os amigos desfiavam rosários de queixas dos respectivos progenitores. Porque não teria ela, pelo menos, direito à mesma experiência de guerrilha? Um pai que a decepcionasse. Um pai contra o qual pudesse argumentar. Um pai que a deixasse fora de si, que lhe gritasse, que se impusesse. Um pai que lhe desse ordens contra as quais se rebelasse.

— Tem paciência.

A paciência consistia agora numa máquina de desativar expectativas. Na era do acontecimento, tudo se podia esperar da ciência, da arte, da economia, do clima — mas nada se podia esperar das pessoas. Nada de bom, pelo menos. A frustração era a escola do mérito: não contar com nada de ninguém. Quantas vezes se perfumara e cozinhou em vão para Gabriel? Duas horas depois do combinado, os fósforos pousados junto das velas, o odor da espera a derreter-lhe o perfume almiscarado do corpo, ele enviava uma mensagem de telemóvel dizendo: *“Sorry. Complicações inesperadas. Não vai dar.”* *Sorry*. A simplicidade compacta da língua inglesa.

Dias depois aparecia-lhe sorridente e dizia:

— Sou um otimista horário. Tenho sempre a esperança de conseguir fazer tudo num efficientíssimo tempo.

Tão contente se apresentava dizendo este tipo de coisas. Não parava um segundo para pensar no desconcerto que o otimismo horário poderia causar nos sentimentos da mulher que se organizava para estar disponível quando ele a desejasse. No início, Rosa empenhava-se em fazer-lhe ver o quanto o cancelamento de sucessivos encontros a magoava — mas depressa desistiu disso, porque Gabriel a castigava de imediato com acusações de intolerância e com ausências ainda mais prolongadas.

— Estás a precisar de uma pausa,

dizia. Rosa entristecia como as árvores no inverno; durante dias seguidos não comia nem saía da cama, ligava o rádio e ouvia sinfonias, tentava esquecer-se de que existia para tornar suportável o vagaroso pingar das horas.

— Tu não és o grande amor da minha vida.

Isto dissera Gabriel numa das ocasiões em que reataram. Começara por lhe dizer que as saudades eram um suplício e um par de horas mais tarde, nos lençóis manchados de desejos satisfeitos, lancetara-a:

— Não és o grande amor da minha vida.

— Então, quem é o teu grande amor?

— Os meus filhos, claro.

Gabriel também era pai. Parecia que toda a gente tinha um pai, menos ela.

— Estás a tomar a pílula?

Nunca se esquecia da pergunta, ou não fosse Gabriel um pai consciencioso. Não lhe ocorria sequer que Rosa pudesse mentir, o que a comovia e a impedia de mentir. E se engravidasse e o obrigasse a reconhecer o filho? Mas Rosa nunca seria capaz de ter um filho que o pai rejeitasse, disse Gabriel estava certo. A moral sobrepor-se-lhe-ia sempre a todos os ímpetos de paixão. Enervava-o que ela não compreendesse que fazer amor sem proteção era a maior prova de confiança e de afeto que poderia dar. A demonstração da entrega, da fé que tinha em que não o trairia. A paixão de Rosa metia medo. Gabriel repetia aos pelos do peito que a intensidade tinha um preço, mas era suficientemente homem para a pagar. Nos olhos dela brilhava uma verdade que o seduzia mais do que seria capaz de admitir. Passava noites em branco a procurar-lhe o rasto na Internet. Colecionava as entrevistas, os videoclipes, tudo o que sobre ela se dizia ou escrevia, mas jamais admitiria que estava apaixonado, pela simples razão de que não acreditava que a paixão pudesse ser algo de material, incluído na vida de todos os dias.

Quem poderia viver no meio de um tufão permanente? Os vídeos e os textos não chegavam a matar a sede que tinha de Rosa — em certas madrugadas a memória das carícias sôfregas, atabalhoadas, comovia-o quase até à loucura. Embriagava-se; só o vinho anesthesiava a ânsia pelo cheiro e pelo toque do corpo daquela mulher.

Rosa decidira que, quando encontrasse o pai, deixaria de pensar em Gabriel. Estava convencida de que o próprio ato de procurar o homem que a gerara a afastaria da obsessão por aquele outro homem. Procurar era o contrário de permanecer. E se Joaquim não fosse, de facto, o pai? Se fosse apenas uma história inventada pela mãe para a sossegar? Na adolescência deixara de sonhar com o pai. Em criança, o pai aparecia-lhe durante a noite com a capa do super-homem e salvava-a. Quando se zangava com a mãe, imaginava que o pai chegava num descapotável azul-céu e a abraçava, dizendo que sempre a quisera e que a mãe a roubara. E depois voavam os dois sobre rodas, para o Brasil. Esse pai imaginário não tinha o rosto de Joaquim, nem rosto algum — só recordava uns olhos negros, meigos,

iguais aos seus, e uma voz em ruínas, semelhante à do Humphrey Bogart em *Casablanca*, quando fala com Ingrid Bergman. *We'll always have Paris*. O pai seria esse Paris mítico ao qual o avô a apresentara. Por muitas decepções que lhe desse, teria o seu sangue e defendê-la-ia quando fosse necessário. O que era isso de ter o mesmo sangue? Nos encantadores olhos cinzentos de Eva Cabral não encontrava um pingote de sangue. Pareciam feitos de vidro.

— Mãe, como é que eu nasci?

— Como toda a gente. Que raio de pergunta.

Ninguém nascia como toda a gente; cada parto era uma odisseia individual. Lembrava-se da mãe saindo a correr para acudir a Fernanda, com umas calças de ganga velhas e uns sapatos de ténis que só usava por casa. Esquecera-se até de pôr rímel e brincos nas orelhas, duas coisas sem as quais dizia sentir-se nua. A amiga engravidara aos trinta e nove anos e fizera uma amniocentese para se assegurar de que a criança não sofria de malformações. Tratava-se de um exame muito sensível, depois do qual a grávida teria de permanecer dois dias deitada, sem se mexer. O marido de Fernanda saíra deixando-a sozinha em casa, e Eva largara tudo para lhe ir dar uma sopa e consolo. O marido de Fernanda estava apaixonado por outra mulher. Eva fez o que podia para o substituir durante toda a gravidez, acompanhando as consultas e as aulas de preparação para o parto, e segurando-lhe na mão durante as largas horas de sofrimento que antecederam o nascimento da criança. Nessa época, o marido de Fernanda já desistira da sua grande paixão, mas dizia que não podia ficar junto dela porque lhe custava ver o sofrimento.

— A tua mãe é o meu anjo da guarda,
dizia Fernanda. Eva sorria:

— que seria de nós se não nos guardássemos umas às outras?

Rosa tinha pena que a mãe nunca lhe tivesse concedido essa liberdade de ser fraca, medrosa ou dependente. Esgotava com as amigas todas as reservas de doçura e a compreensão.

— Havemos de vencê-los,

era o lema de Eva Cabral. E tanto assim era que Rosa acabara por se tornar uma vencedora. O certo é que se sustentava, era aplaudida e não dependia para nada de homem algum. Mas assim que parava de cantar e o público desertava da casa de fados invadia-a uma angústia impossível de travar, e a memória dos olhos acrobáticos de Gabriel Santos derrotava-a. Sabia que o olhar de Gabriel era uma caçadeira sempre em busca de peças a abater. Observara a delicadeza com que ele despia, num bater de pálpebras estudado, as clientes da livraria. Observara o modo como elas se lhe rendiam, em sorrisinhos nervosos, e aceitavam todas as propostas de leitura. Era um vendedor nato. Sentia-se ridícula por se deixar enredar por um predador tão

evidente — e presunçosa por acreditar que, com ela, se transformaria.

— Devo ter falta de pai. Deve ser isso.

Enquanto tivesse uma explicação manter-se-ia à tona. Já só os iletrados acreditavam em fenómenos inexplicáveis ao ponto de se deixarem conduzir por eles. O absurdo da fé estava a abandonar o mundo.

Rosa decidiu fazer uma lista dos amantes da mãe. Alfredo jurara-lhe a pés juntos que nunca dormira com Eva:

— pela saúde da minha filha Carlinha, da Mimi e da Ângela.

Por fim, Alfredo admitiu que tinham tido um caso de uma noite, muito antes do nascimento dela:

— Estávamos os dois com os copos e um bocado em baixo, foi só isso, e nunca se repetiu. A tua mãe e eu éramos muito amigos e nunca quisemos perder essa amizade. Mas atenção, miúda, se vais ficar com caraminholas na cabeça eu faço já o teste, não quero que a nossa relação fique perturbada por causa disso.

Uma noite, duas, três, que diferença fazia isso agora? Confessara apenas uma para preservar um resto de mistério com Eva. E para proteger Rosa de uma imagem demasiado sexualizada da mãe. O teste de Alfredo deu negativo. Rosa procurou então um administrador de uma empresa pública que fora ministro e com o qual, por volta dos sete ou oito anos, percebera que a mãe tivera um caso. Foi difícilimo marcar reunião com o homem, o que fez com que as suspeitas aumentassem. Na verdade, o político escapava-se como podia a encontros com artistas, porque todos queriam a mesma coisa: subsídios, dinheiro, guto, cacau, massa, papel. Era um país de pedintes, com mais artistas do que público, com a agravante de que não se podia dar uma nega a um artista sem que o dito se fosse gabar da tampa nos jornais e anunciar o regresso da censura, do fascismo e da Inquisição em altos brados, sujando o nome da pessoa que lhe recusara o pecúlio. O melhor era não dar resposta, não tomar conhecimento — os calados passavam incólumes entre os pingos da chuva. Tinha mais de setenta anos, conquistara o direito de viver em paz. Mas Rosa descobriu o número de telemóvel do suspeito e escreveu uma mensagem:

“Desconfio que o senhor é meu pai. Se não me receber, tornarei pública esta desconfiança.”

Não tinha nada a perder, ao contrário do cavalheiro — casado há quase cinquenta anos, católico e conservador. Aterrado, o homem foi ao Google ver a idade de Rosa; tinha quase a certeza de que o derriço com Eva Cabral fora mais recente, mas não podia arriscar-se a um escândalo, pelo que lhe marcou a entrevista.

— Ouça, doutora Rosa, eu não fiz mal nenhum à senhora sua mãe.

— Não sou doutora.

Pelo sim pelo não, o político tratava todas as mulheres por doutoras. No princípio da sua carreira interpelava as jornalistas pelo nome próprio ou por “minha senhora”, o que lhe valera críticas ácidas na comunicação social. Ganhara o hábito de pôr doutora à frente do nome de todas as mulheres, como uma espécie de creme lubrificante.

— Como queira, minha senhora. O importante é que entenda que eu e a sua mãe vivemos uma breve história de amor da qual não posso dizer que me orgulho, porque vai contra as minhas convicções e compromissos, mas que resultou de uma atração mútua e consentida. Nunca escondi à sua mãe que era casado.

— nem teria como...

— e sempre ficou muito claro entre nós que se tratava de um entendimento absolutamente privado e sem consequências.

— Compreendo perfeitamente, e acredite que, se fosse sua filha, isso não me daria nenhum especial prazer.

— Então, espero que não leve a mal a pergunta, por que razão estamos a ter esta conversa... embaraçosa?

— Para acabar com o embaraço. Quero que faça um teste de paternidade.

— Se a questão é financeira...

— A questão é que eu tenho o direito a saber quem é o meu progenitor genético.

— Compreende os estragos que uma revelação dessas pode causar?

— Compreendo que, se o senhor se recusar a fazer o teste, os estragos serão possivelmente maiores.

— Peço-lhe então que tratemos deste assunto com a maior discrição.

O teste provou que o ex-ministro não era o pai de Rosa, o que os deixou, aos dois, bastante aliviados. Rosa procurou Luísa, que tentou demovê-la de continuar a busca.

— A menina já não tem mãe, mas tem-me a mim. E muitos amigos. Não está sozinha.

A vida das pessoas parecia resumir-se à companhia; tudo estaria bem desde que ninguém estivesse sozinho. A solidão tornava-se um estigma social pior do que o envelhecimento. Rosa procurava o pai porque precisava de saber de onde vinha para saber para onde queria ir. Atrizes e empresárias ufanavam-se nas revistas de mexericos do modo como a maternidade as transfigurara. Rosa folheava as páginas ilustradas e bufava:

— Lá está esta a fazer de conta que a maternidade é um poema épico.

Políticos e apresentadores de televisão proclamavam a quem

os quisesse ouvir que a paternidade fizera deles homens melhores. A reprodução era uma espécie de coroa de humanidade, enquanto a ideia de filiação desaparecia como coisa retrógrada e antidemocrática. À medida que a ciência genética se desenvolvia, os interesses dos que iam nascer arredavam-se para não perturbar as expectativas dos que os haviam desejado.

O desejo erguia-se como pedra de toque e empurrava tudo o que se atravessasse à sua frente. O desejo era o caminho da perfeição; os pais que pusessem os filhos a trabalhar no campo quando regressavam da escola eram brutamontes, enquanto os que castigavam os filhos por não atingirem o topo das notas eram modelos a seguir. Como Luísa costumava dizer, no campo só se vive bem sendo rico.

As crianças cresciam saturadas de expectativas e enjoadas do conhecimento; criavam um mundo masturbatório para se defenderem da dor que resultava inevitavelmente da partilha. Tinham medo de ficar doentes, medo de ficar em segundo lugar num mundo em que só os primeiros eram respeitados; não queriam irmãos, o que aliviava bastante o coração dos pais de filhos únicos, vistos como egoístas pela mesma sociedade que promovia o egoísmo a qualquer preço.

Rosa voltou a olhar para a fotografia de Joaquim Alves e a pensar que talvez fosse mesmo aquele.

— Este homem é o meu pai, Luísa? Diga-me a verdade.

— A verdade é que a menina está a ser muito injusta com a memória da Eva.

— Não fuja à pergunta.

— Não estou a fugir a nada, Rosa. Não vou trair a sua mãe. Para todos os efeitos, você não teve pai. É triste mas acontece. Faça de conta que ele morreu. Se calhar até já morreu, mesmo.

Rosa insistiu em que Luísa lhe desse a morada de Joaquim Alves. Sabia mais do que lhe dissera, ou não teria aquele olhar de cavalo, aquele cheiro a susto tão impróprio dela. Luísa disse que apenas sabia que Joaquim fora para o Brasil trabalhar num restaurante de uns tios, em São Paulo, há mais de vinte e cinco anos.

— Se não me ajudar a encontrá-lo contrato um detetive. Nem que tenha de ficar sem um euro, hei de descobrir este homem. O homem há de ter família por cá, não?

Luísa disse que não fizesse nada, prometeu averiguar.

— Mas pense noutra coisa, caramba. A menina tem a sua carreira, uma vida.

Só Farimah parecia compreender a necessidade daquela busca.

— Queres a segurança mínima do teu espelho original. Ser completamente livre é impossível, pesa demasiado. Eu percebo-te.

Passavam horas ao telefone, adiavam trabalhos para se encontrarem e rirem juntas. Um dia Farimah agarrou-lhe na mão e

chamou-lhe irmã nova.

— És a minha irmã nova. Não sei o que seria de mim sem ti.

Ao lado de Farimah, até o amor que sentia por Gabriel se tornava uma coisa boa, uma experiência de crescimento. Quase se reconciliava com ele; sentia-o pequeno, quotidiano, transitável. Um caminho, apenas isso. Um caminho que levava a um beco, um caminho por onde tinha dançado.

— Talvez um dia eu consiga gostar dele como de um filho, isto é, sem me importar com o que faz ou não faz.

O amor pelos filhos era irrestrito mas frio — imune à temperatura do ciúme. Um amor belo como um lago coberto de gelo.

Teresa começou a falar de Farimah como “a mascote de Rosa”, e arranjava pretextos para a arrasar. Deixou de aparecer na casa de fados e começou a espaçar os telefonemas. Rosa queixou-se da saudade das conversas entre as duas, Teresa respondeu que agora Rosa era famosa, não precisava dela como dantes.

— Não sejas assim. Não é justo.

— Tu e a justiça; pões umas ladras e drogadas a dançar e pensas que consertas o mundo. Proteges uma iraniana e julgas que acabas com o fundamentalismo. E criticas os americanos pela invasão no Iraque, esquecendo que se hoje vivemos numa Europa democrática a eles o devemos.

— Eu não julgo nada, Teresa. Isto não é conversa para se ter ao telefone.

— Não assinaste um abaixo-assinado contra a guerra do Iraque? Não foste mostrar-te com outros artistas à porta da embaixada americana? É muito fácil ser-se contra as guerras dos outros que nos defendem.

Rosa percebia que o azedume e os ciúmes estavam a intoxicar Teresa.

— Não nos vamos zangar por causa da política, Teresa.

— Eu estou zangada? Quem te disse isso? Olha, tenho a farmácia cheia de gente. Um dia destes falamos.

Tudo era política e a política parecia já não ser capaz de resolver nada. Uma noite Alex apareceu no Abrigo da Lua com duas militantes de uma associação feminista, que queriam falar com Farimah para que aceitasse liderar um protesto oficial contra a situação das mulheres nos países árabes. O texto começava por invectivar os Estados Unidos da América por, em resposta aos ataques do 11 de setembro, “fruto da conspiração entre o poder americano e a Al-Qaeda”, terem criado “uma espiral de violência sem fim”. Farimah disse que não podia assumir aquele papel, até porque prejudicaria a família. As militantes responderam que a família fazia parte do sistema de opressão das mulheres e que ela não podia ser cobarde.

— Quem são vocês para julgar a cobardia dos outros? — perguntou Rosa, interrompendo-as. — Vocês imaginam o que é abandonar tudo o que se conheceu, pai, mãe, irmã, e começar de novo? Porque entendem que as mulheres devem ser cordeiros imolados às estratégias políticas? Larguem a Farimah da mão.

Alex tentou pôr água na fervura:

— Vamos com calma. Os países ocidentais têm de ser capazes de se demarcar desta escalada bélica. Os Estados Unidos têm muitas culpas no cartório, e não podem fazer do 11 de setembro o dia do apocalipse. Esquecem, por exemplo, o 11 de setembro de 1973, quando Pinochet tomou o poder, assassinando milhares de chilenos e instaurando uma ditadura terrível, que matou mais de três mil pessoas e torturou cerca de trinta e cinco mil.

— Essas guerras de números não interessam nada — declarou Rosa. — Estaline matou mais do que Hitler — e que quer isso dizer? Vamos fazer um concurso de torcionários? Dentro dos Estados Unidos há muitas Américas, e muito diversas.

— Mas é importante chamar a atenção para a odisséia em que vivem as mulheres nos países árabes — insistia a militante feminista.

Farimah respondeu, num tom sereno:

— Concordo. Mas então façam um texto sobre isso: os direitos das mulheres, a necessidade de os defender. Não é preciso ir buscar os Estados Unidos para falar disso. Nos Estados Unidos, que eu saiba, há leis que garantem que os direitos das mulheres são iguais aos dos homens.

— Ah, da lei à realidade vai um abismo, minha querida — suspirou a outra militante feminista, uma mulher roliça, de meia-idade, com um olhar cansado. — Nós estamos também a lançar uma petição para que se dê o Prémio Nobel da Paz às mulheres que lutam em prol de um mundo harmonioso.

— Assim por atacado? Isso é uma menorização das mulheres — retorquiu Rosa.

— Dizer-se “as mulheres” já é menorizá-las. Isso é o que fazem os imãs no meu país.

— Mas por algum lado tem de se começar.

— Não me parece. Para começar tem de se alterar os próprios princípios do discurso. Com licença.

Farimah recebeu uma mensagem no telemóvel, e dirigiu-se à porta do Abrigo da Lua para fazer uma chamada. Quando regressou, havia um outro homem sentado na mesa da tertúlia. Eram quase duas da madrugada, o fado tinha acabado mas, como de costume, a conversa prolongava-se. O homem com cabeça de águia e cabeleira vasta perorava, definitivo, dirigindo-se a Alex:

— Meu amigo, o problema são os judeus. Essa é a grande

questão da humanidade, sempre foi. Eles dominam tudo: a economia, a política, as artes. Manipulam e controlam a comunicação social. O chamado Holocausto tornou-os os queridinhos do mundo, e eles aproveitam. Como se eles não fizessem o mesmo ou pior, todos os dias, na Palestina. E o massacre de Sabra e Chatila? Não foi o bombardeamento de Beirute tão mau ou pior do que o de Hiroxima? Eles mancomunaram-se com os talibãs contra os russos, e depois queixam-se. Tenho cá para mim que esta tramoia do 11 de setembro foi combinada com Bush, para lhe garantir a reeleição.

Farimah pensou que aquela conversa não merecia qualquer troco, não ia mudar nada. Enviou uma mensagem: “Não venhas aqui, vou ter contigo a tua casa.” Deu um beijo a Rosa e outro a Alex, disse-lhe ao ouvido que não esperasse por ela. Ia dormir fora. E saiu.

Depois de me desenterrar, ele experimentou-me em todos os recantos possíveis do seu sótão. Não se pode dizer que tenha muito por onde escolher: não há uma única parede que não esteja invadida pelos livros. Paisagem que aprecio; lembra-me o quarto de adolescente onde morei antes de ele me ter esquecido. Na verdade nunca me esqueceu: apenas colou os meus olhos sobre outros olhos, durante um período que acabou por se tornar uma outra vida. Ele pensava pouco, nessa altura. Não me parece que agora pense muito mais. Defende-se. Lê muitos livros, os olhos em maratona sobre as páginas. Fixa-se na cinzelagem das frases, no efeito que terão junto dos potenciais compradores, na inquietação que pode criar através delas no coração das mulheres — pouco mais. Está sempre em trânsito. Nunca tem tempo — percebeu há muito que esse movimento perpétuo atrai as mulheres. E gosta de atrair as mulheres, em bando. Cansa-se de cada uma delas, depois. A ideia de escolher aterroriza-o; quando um rosto, uma voz, uma presença ousam tornar-se dominantes, ele abate-os. Deixa de ter tempo. Gosta de mim porque não me movo nem deixo de olhar para ele. De qualquer ponto deste sótão, os meus olhos seguem-no, sem lhe pedir nem lhe exigir nada, sem o recriminar, sem o julgar. Em bom rigor não olho para ele — olho através dele. Os meus olhos já eram tristes quando me encontrou, enfeitando uma caixa de chocolates. Rasgou a tampa da caixa e pregou-a ao lado da cama, para poder ver-me ao acordar. Gostava do que os olhos dele viam. Os olhos do livreiro Gabriel Santos são um bom espelho. Não lhe direi se o melhor que tive. Não lhe direi quanto ou como fui amada; no século XIX as mulheres da nobreza russa viviam o amor em segredo, com a carga de sonho e decepção que o segredo arrasta. Isso punha-lhes os olhos tristes e tornava-as amadas a título póstumo. Haverá outro amor? Haverá olhos que não sejam abismos de tristeza? Não sei se as coisas verdadeiramente mudaram. Vejo o modo como a filha dele tecla continuamente as letras do telemóvel, reconheço-lhe a tristeza esperançosa da minha juventude. Ela nunca me olha; para ela sou só um retrato antigo, uma coisa poeirenta. Quem se incomoda comigo é a mulher dele:

— Para que trouxeste para aqui esse quadro velho? Nem sequer é um quadro, é uma tampa de uma caixa de chocolates. Que coisa mais pindérica.

— Deixa. Este é o meu espaço, eu gosto desta coisa pindérica. Que aliás é a reprodução de uma tela que está na Galleria degli Uffizi, em Florença.

Nunca quis ir ver-me a Florença. Talvez tenha medo de encontrar uma princesa mais comovente do que eu. Não é a minha beleza o que o comove — a beleza vulgariza os sentimentos. A minha

mãe dizia qualquer coisa de parecido com isto, quando me penteava, em criança. Dizia que ter pena de não ser bonita era o mais importante, porque a pena seduz mais do que a beleza. Eu sempre tive pena. Tive pena do pequeno Gabriel, desde o início. Ainda não tinha sido contaminado pela raiva nem pela sua descendente soberba. Olhava-me como se eu, morta e reproduzida em cartão, fosse uma razão para viver. Olhava-me como se nunca acabasse de me ler. Os livros eram o seu ar, é isso que ele tem de melhor e pior: o que se passa fora das páginas não interessa, não acontece verdadeiramente, em especial quando acontece em precipício. As palavras protegem-nos da queda dentro dos precipícios dos livros. Desabam-nos e erguem-nos.

Gabriel Santos sussurra:

— Princesa. Foste a única mulher que amei.

E isso que ele diz é terrivelmente verdade. Ele ama-me porque sou de papel; não posso violentá-lo com a força do meu amor.

XXII. Brasil

Quando Mandela da Silva transmitiu a Rosa o convite para se apresentar no Brasil, Rosa disse imediatamente que sim. A conselho de Teresa, entendida em negócios e rápida na avaliação dos meritosos, tomara o protegido da mãe como seu agente.

— Eu acho que podíamos puxar esse *cachet* mais para cima. Valorizar.

— Não quero saber de *cachet*.

— Rosinha, o amor à arte é muito bonito mas se a gente não se faz valer, ninguém quer saber da gente. E se baixares muito o preço as tuas colegas não vão gostar. Vão achar que estás a estragar o mercado para elas também.

Rosa sabia de cantoras que telefonavam para os promotores de espetáculos a oferecerem os seus préstimos por um preço mais baixo. Diziam que era a lei da concorrência, mas a verdade era mais sombria: vontade de poder. Aniquilar a memória da existência do outro, barbaridade que excedia a lei da sobrevivência animal. Quanto mais se repetia que o fado estava a renascer maior se tornava o assanhamento de cada fadista na defesa do seu território de aplauso. O país encolhera na máquina de lavar da revolução; depois entrara para a escola da Europa decidido a vencer como prestidigitador, com os bolsos rotos a abarrotar de pombas que ninguém podia adivinhar de onde vinham. O júbilo do engano dava um ar de bondade às pessoas que atraía o turismo, mas não era de fiar.

A ideia de que, no fim, a boa arte venceria não tinha aplicação: já ninguém entendia o que era a boa ou a má arte, se é que alguma vez essa distinção fora executada com o mínimo critério. Amália pertencia ao mundo pré-mimético, anterior à clonagem, à cirurgia estética, ao furor da igualdade. Amália continuou a cantar e a ser aplaudida mesmo depois de ter perdido a voz, porque as pessoas traziam aquela voz dentro delas.

Através da janela da sala de Rosa via-se a montra de uma loja de tatuagens onde estava escrito: “Não se furam menores sem autorização dos pais.”

— Eu preciso de ir ao Brasil, Mandela. Nós vamos.

Voaram para São Paulo. Antes de partir Rosa considerou enviar um e-mail a Gabriel — uma coisa simples chamada *Caixa negra*, título de um fado que acabava de escrever. “De amor deveríamos falar em surdina/frágil cristal entre os materiais humanos./ Um grito e muda-se em instalação de cacos/uma derrapagem do olhar e perde-se na máquina da multidão.” Escrevera-o propositadamente sem rima, queria que a letra transbordasse as margens da métrica e o conforto da redundância sonora. Só os últimos versos, irónicos, sentimentais, aderiam às expectativas consagradas: “O amor adúltero é tão

convencional./ Não me encontras uma coisinha um pouco mais original?”

Preferiu o silêncio. Era isso o que acima de tudo os unia, um silêncio rumoroso como o das lixeiras onde os mendigos vasculham a sobrevivência. Se o avião caísse, o amado ficaria sem uma última palavra sua a que se agarrar. Alguma vez lhe ouvira, ela, uma só palavra de amor?

— Entrar em ti, e dentro de ti ver o mar.

Palavras que passou a escrito na esperança de as tornar quentes e distantes como a História. Rosa vivia com força, não tinha medo de morrer.

Levava na carteira um papel com o nome do restaurante onde Joaquim Alves trabalhara, há trinta anos. Aterraram em São Paulo às dez da noite. O ar cheirava a flores, águas paradas e gasolina, uma mistura inebriante. Atravessaram bairros de lata do tamanho de cidades portuguesas, cujos contornos se adivinhavam apenas através das lâmpadas dos anúncios gigantescos onde adolescentes anoréticas prometiam o direito à beleza.

Arranha-céus iluminados furavam a noite, espectros de uma civilização futura, habitada por seres desprovidos de âncora, flutuantes. O produtor do espetáculo, que os esperava numa limusina diante do aeroporto, explicava a agenda de ensaios e de entrevistas. Rosa disse que, antes de tudo, queria ir ao restaurante Bacalhau com Todos, no Bairro do Bom Retiro. O produtor disse que nunca ouvira falar desse restaurante, mas que estaria disponível para atender a todos os seus pedidos.

Uma das características do Brasil era a afabilidade imediata, uma aparência de acolhimento sem reservas que podia ser bastante enganadora; nenhum país se torna uma potência mundial através do carinho desinteressado. Rosa desconfiava dos arroubos afetivos: “estamos organizando uma feijoada em sua homenagem, com várias personalidades da vida paulista”, disse a produtora, tratando-a por querida. Depois haveria de descontar o preço dessa feijoada nos seus honorários. Assim funcionava o afeto no mundo dos negócios.

Tomou um comprimido para dormir, como sempre fazia diante de uma cama nova. Qualquer cama era um campo de batalha onde lutava contra a inundação das noites, o corpo erguendo-se, sonâmbulo, na ondulação das trevas. Mandela ofereceu-se para a acompanhar na busca do restaurante. “Sepulturas disponíveis” — lia-se no muro do Cemitério do Redentor, no centro da cidade.

O Bom Retiro era um bairro popular, movimentado, com prédios de cores indistintas, safadas pelo tempo. Inicialmente habitado por emigrantes judaicos, italianos e gregos, passara a ser ocupado por comunidades chinesas, coreanas e bolivianas, os novos emigrantes de

classe média baixa. A sua nobreza advinha-lhe da proximidade de vários monumentos culturais, como a Pinacoteca, o Museu de Arte Sacra, o Parque da Luz e a belíssima Estação de Comboios da Luz, onde acabava de ser inaugurado o Museu da Língua Portuguesa, no qual Rosa iria cantar.

Na rua da Graça ninguém se lembrava de nenhum restaurante português: todos os transeuntes indicavam o tradicional restaurante Acrópoles, grego, uma instituição desde o fim da década de cinquenta.

— Quem sabe o seu Trassos lembra desse restaurante.

Seu Trassos, mais propriamente Trassyovoulos Petrakis, sério e enxuto nos seus mais de oitenta anos, recordava-se de Américo Alves, tio de Joaquim e antigo concorrente.

— Sim, estava duas quadras ali na frente. Tinha até um bacalhau com carne que fez sucesso. Mas o filho se mudou para o Rio, e ele foi atrás, por pressão da mulher. Filho único, a mulher ficou moendo ele, sabe como é. De seu Joaquim tenho uma ideia vaga. Não ficou muito tempo, não. Quem sabe no Rio, através de seu Américo, a senhora possa encontrá-lo.

Chamaram os músicos e almoçaram na Grécia paulista do Acrópoles, uma sala não muito grande forrada de fotografias da Grécia, *posters* da seleção brasileira, prêmios e reportagens gastronómicas elogiosas. A conselho de seu Tassos, optaram pela mussaká simples, uma espécie de lasanha grega feita apenas de beringelas, batatas e carne moída. Rosa não resistiu também a provar umas lulas recheadas. Mandela comentou que em restaurantes sem menu sempre acaba por se comer mais — Tassos tinha orgulho desse sistema de painelão aberto, em que cada cliente escolhia à vista o que ia comer: ninguém podia dizer que ia enganado.

No Brasil tudo parecia estar à vista: o fulgor e a miséria, a paixão e o desprendimento. Essa visibilidade escancarada era ainda uma tela, uma projeção espetacular sob a qual latejava a violência. Um lugar sem ecrãs, mediações, distâncias. Rosa mergulhara no corpo de Gabriel porque lhe cheirava o sangue em ebulição, a violência rasa. Transformara aquela violência em entrega, rendição. O amor exigia vítimas e carrascos, o fluxo de energia que trocavam entre si, confundindo prazer e dor. Gabriel não o desconhecia; exercia a violência em doses controladas para que ela não o domasse. O controlo era a vitória e a derrota, implicava uma aceitação de fronteiras e um limite de voo ao qual Rosa não se habituaria. Gabriel, simplesmente, não voava. Dissera que nunca iria ao Brasil porque não suportava a ideia de se meter num avião, isto é, de abdicar do controlo.

O impudor do Brasil advinha do contacto imediato com a morte, da visibilidade solar desse contacto. Rosa pensou que, se

alguma vez conseguisse arrastar Gabriel para o Brasil, nunca mais se separariam, e a violência dele diluir-se-ia no corpo dela como um óleo solar. Mas Gabriel jamais aceitaria essa submissão, ainda que o salvasse. Gabriel não queria salvar-se nem perder-se, experimentava-se na segurança dos livros que lia, comprava, vendia. Portugal era um local quieto como um livro; abria-se à noite e fechava-se ao amanhecer, solene como os poetas que fizeram a sua fama, o branco sobre o branco, a inclemência do verbo, o segredo e as conversas de salão, as caixas de bolachas burguesas, os séquitos dos sábios vigiando o lugar de cada coisa e cada ser, pacatamente.

O fado estava na moda enquanto declinação popular e circunscrita da poesia, e garantia uma renda mensal aos poetas que, quando não o eram já, se tornavam especialistas em finanças e se inscreviam na Sociedade Portuguesa de Autores. Nem todos, evidentemente; à parte mantinha-se a ilha dourada dos poetas-bacteriologicamente-puros, que não queriam confundir-se com escritores de canções e não se misturavam em eventos sociais que não decorressem em bares obscuros apenas frequentados por aspirantes a poetas. À parte estas seitas reduzidas, influentes na imprensa cultural, no orgulho das suas mães, na cada vez mais densa blogosfera e no coração de alguma juventude desamparada, o fado circulava como coisa da noite, admitida como dantes as tertúlias de poemas ao desafio, coisa de exportação e alma, condizente com os reposteiros floridos da democracia. Rosa gostava do xaile porque tinha pontas onde enrolava os dedos como se fossem os cabelos do amante. Praticamente já só as fadistas mais velhas ou anafadas usavam o vestido preto e os brincos largos, de filigrana portuguesa; o fado cantava-se agora de *jeans* ou com roupagens de estilistas iguais às das estrelas da *pop*. Dizia-se que o fado era a *pop* lusitana. Dizia-se o que fosse preciso para aumentar as vendas e os hábitos de consumo. Os artistas eram ou ambicionavam ser gestores culturais e ter convites de primeira plateia para os concertos do Centro Cultural de Belém ou da Fundação Gulbenkian.

Antes de entrar no palco da Casa de Portugal, Rosa descalçou-se. Precisava de chão. Estava exausta de procurar a terra no corpo dos outros. Não havia terra para lá das fronteiras da pele; cada pessoa era um país, quando o conseguia ser. Ela sentia-se terra de ninguém, exceto quando as luzes se apagavam e a voz se erguia, no silêncio, cantando tudo o que não conseguia dizer nem chorar.

Mandela telefonou para todos os restaurantes portugueses do Rio de Janeiro e conseguiu descobrir, não o senhor Américo, mas a viúva dele que, aos oitenta e dois anos, ainda geria o Bacalhau Tropical. Sim, sabia onde parava Joaquim Alves. Tinha um barzinho no Leblon

com um nome estranhamente melancólico, Saudades do Céu.

— Tens de ir comigo, Mandela. Não tenho coragem de encarar o meu pai sozinha.

— Rosinha, atenção: esse homem pode até não ser o teu pai.

— Mais uma razão.

Mandela abraçou-a. Não disse mais nada. Deu-lhe um abraço de quinze minutos, ao fim do qual Rosa sentiu que aguentaria tudo. Um abraço de amigo. Percebia porque é que Farimah, que jurara fugir das rédeas da paixão, se encantara com este homem forte e macio.

Havia qualquer coisa no ar do Rio de Janeiro que cortava a tristeza, por maior que ela fosse. O sofrimento devia ser muito difícil naquela cidade assustadoramente bela, como uma aguarela em permanente recriação. Visto de longe ou da beira-mar, era o paraíso. A escala do corpo humano alterava tudo; bairros afáveis com fiadas de jardins desembocavam em ruas esventradas com prédios precários e a atmosfera social aquecia ou arrefecia num virar de esquina. Os gradeamentos e os homens armados que circundavam as casas dos ricos avisavam quanto à presença próxima da raiva dos que nada tinham ou das máfias que os dominavam. O Rio estava carregado de consultórios de psicanalistas; nos subúrbios, floresciam cartomantes, astrólogos, lançadoras de búzios, mães e pais de santo, e a rede crescente da Igreja Universal do Reino de Deus, alternando com tascas, botecos e motéis. Os *shoppings*, cinemas, livrarias e hotéis da Zona Sul criavam a ilusão de uma vida urbana ocidentalizada e turística, mas a energia da cidade emergia do murmúrio animista, do combate visível entre a vida e a morte causado pela proximidade do luxo e da miséria, um combate que a beleza libidinosa da paisagem levava ao extremo.

Rosa sentou-se com Mandela na esplanada do bar Saudades do Céu, e pediu ao empregado que chamasse o senhor Joaquim Alves.

— Em que posso servi-los?

Rosa olhou para os dedos dos pés do homem, calçados com umas simples havaianas pretas, e reconheceu-os de imediato: aquele pé era o molde do seu: a mesma membrana unindo o segundo e o terceiro dedos, a forma quadrada do primeiro, o modo como as pontas dos dedos arrebavam, a altura do peito do pé.

Ergueu os olhos e encontrou o mesmo nariz fino, com a ponta ligeiramente avançada sobre os lábios, no rosto do homem de barba e cabelo grisalhos, magro e bronzeado. Os olhos grandes, amendoados, de pestanas longas, a boca carnuda, bem desenhada, mostravam que havia sido um homem bonito que o tempo desgastara mas não conseguira abater.

— O meu nome é Rosa. Pode sentar-se um instante? Tenho uma pergunta para lhe fazer.

— Pois não.

— Lembra-se de Eva Cabral?

Joaquim Alves fez um esforço de memória, e disse que, assim de repente, o nome não lhe dizia nada. Rosa tirou da carteira uma fotografia antiga da mãe, e os olhos do homem iluminaram-se.

— Sim, tenho uma vaga lembrança. Era amiga de uma namorada que eu tive em Portugal, acho.

— Só isso?

— Foi há muito tempo. Quase trinta anos. Me lembro que era uma moça bonita. Creio que trabalhava na televisão.

Rosa sentia-se atordoada. Mandela segurou-lhe na mão debaixo da mesa e perguntou como se chamava a tal namorada de outrora.

— Luísa. A sensacional e impossível Luísa. Pensei que morria de amor por ela. A danada me virou a cabeça e depois me largou. O que até foi bom, porque foi por causa dela que eu vim para o Brasil.

— Luísa... Fontanellas?

— Isso. Com dois eles, como ela sempre repetia. E eu era um pé-rapado, o recepcionista da empresa onde ela trabalhava. Ela sempre desconfiou que eu queria dar o golpe do baú nela. Como se ela tivesse algum baú... só tinha mesmo esse nome de grã-fina, como se fala aqui. Mas era uma mulheração.

— Tem a certeza de que nunca aconteceu nada entre o senhor e Eva Cabral? — insistiu Rosa.

— Eva era muito amiga de Luísa, saímos umas quantas vezes juntos. Não muitas, porque Luísa tinha vergonha de namorar um pobre. Aliás, Eva foi a única pessoa a quem alguma vez me apresentou. Dizia que não queria falatório na empresa, que trabalhava ali há pouco tempo... mas a verdade é que não queria que se soubesse que gostava de mim. Ela gostava de mim contra ela própria. Mas porquê essas perguntas? Não estou entendendo.

— Vim de Portugal de propósito para o encontrar. Para lhe fazer essas perguntas. Mas agora nem sei como explicar. Pode jurar que nem uma noite, com um copo a mais, numa zanga com Luísa, sei lá... se envolveu com Eva?

— Juro, pela saúde da minha santa mãe. Amiga de namorada não tem sexo, pelo menos para mim.

— Dou-lhe os meus parabéns. Essa regra só costuma funcionar para as mulheres, no que diz respeito aos homens das amigas.

Rosa ria-se nervosamente. Não sabia o que dizer, nem o que pensar. Luísa?

— Isso é preconceito, minha senhora. Os homens também têm princípios. Alguns deles, pelo menos. E há muita mulher salafrária. As coisas não são tão simples. A senhora é amiga de Eva?

— Eva era a minha mãe. Morreu.

— Os meus respeitos. Não sabia do falecimento de sua mãe. A verdade é que nunca mais soube nada de Luísa, esse mundo desapareceu há muitos anos.

— Sabe se Luísa ficou grávida do senhor?

A voz de Mandela fez-se mansa para esta pergunta, que lançou acariciando devagar os dedos de Rosa. Joaquim Alves arregalou os olhos, surpreso, e respondeu que não, ou que pelo menos, se isso acontecera, nunca soubera de nada. Mandela inquiriu então sobre datas, em que ano e mês se tinham separado. Tudo batia certo: Joaquim emigrara para o Brasil sete meses antes do nascimento de Rosa Cabral. Joaquim não queria ser desagradável para com os clientes portugueses, mas estava cada vez mais confundido com o interrogatório.

— Provavelmente, o senhor é o meu pai. Pelo menos a mulher que eu julgava ser minha mãe mostrou-me uma fotografia sua e disse-me que era. Acho que não me mentiu quanto a isso.

Pai.Pai.Pai. Joaquim Alves repetia a palavra, em choque. Chamaram-no de outra mesa e ele afastou-se, caminhando muito devagar no meio do burburinho. Pai.

— As mulheres não prestam, Quim. Toma um uisquinho aqui com teu amigo, vai. Tou capaz de me matar.

Quem assim falava era o bêbedo residente do Saudade do Céu — um homem que perdera a mulher, os filhos e o emprego por amor ao uísque. Aos cinquenta anos, voltara para casa da mãe, que o sustentava. Mas enquanto o bar estava aberto, era ali a sua morada — e muitas vezes era a mãe quem vinha arrastá-lo para a cama, com a ajuda de Joaquim Alves, que lhe batizava o uísque com doses cada vez mais caridosas de água. De pouco adiantava: a partir de certa hora, o homem tornava-se rancoroso e sentimental.

— Ninguém me quer, Quim. São todas umas putas.

— Não diga isso, amigo. Tantas mulheres que lhe quiseram bem.

— Quem?

— Dona Raquel, por exemplo.

— Essa não conta.

— A Malu da pizaria.

— Essa não conta.

— Assim não vale. Então quem conta?

— A cachorra da mãe dos meus filhos. Me desgraçou. Me trocou pelo patrão, a sem-vergonha.

— Isso já foi há dez anos, camarada. Tem que tocar sua vida prá frente.

— Eu quero morrer.

— Não fale assim. Tanta coisa bonita nesse mundo.

Enquanto consolava o homem com a ladainha habitual, Joaquim Alves digerira o choque da recém-anunciada paternidade. Seria possível que Luísa tivesse tido uma filha dele e não lhe dissesse nada? Luísa não queria ter filhos. Aliás, esse era um motivo de atrito. Isso e a falta de ambição de Joaquim. Luísa queria forçá-lo a estudar; dizia que não andara a queimar as pestanas para sustentar preguiçosos, mas o que a afligia era a diferença de estatuto social. Joaquim pensara fazer um curso de mecânica e, mais tarde, ter uma garagem. Ou isso ou um bar. Luísa retorquia que jamais seria mulher de um garagista, e menos ainda assistente de bar. Joaquim explicava que não tinha feitio para estudos nem vida de executivo.

— Problema teu. Mas não vais arrastar-me para uma vida de merda.

Não tivera sorte com as mulheres, talvez porque se apaixonava demasiado. A tendência humana para o apego ao desapego era uma coisa difícil de entender. E dura de viver. Mas real. Joaquim gostara sempre mais das mulheres que menos gostavam dele. Não diria que as outras “não contavam”, como o seu bêbedo de estimação, porque sentia carinho por elas. A verdade é que só as duas que lhe haviam fugido permaneciam algures no seu corpo como doenças crónicas. A lembrança queimava: Luísa e Fabíola. A que o trocara por dinheiro e a que o trocara por Deus.

Com Luísa, o namoro durara menos de um ano. Com Fabíola, vivera os seis anos mais felizes da sua existência até que ela lhe comunicara a decisão de integrar a Ordem das Carmelitas Descalças. O que levava uma manequim de sucesso a abandonar o mundo, de uma hora para a outra? Em que falhara? Fabíola dissera, sorrindo, que descobrira em Cristo um amor incondicional ao qual não podia resistir e que merecia todo o poder do seu silêncio. Abraçando-o, dissera que lhe estava grata e rezaria por ele até ao Céu. Joaquim fechou-se em casa e urrou de dor, raiva e saudade. Durante meses. Quando voltou a si, entrara no seu Carmelo específico, que consistia em não voltar a acreditar no amor e desistir da ideia de descendência. Luísa escolhera a Terra, Fabíola o Céu — ele escolheria viver intensamente a vida, um dia de cada vez.

— Um dia de cada vez, amigo,

repetia ao cliente que escolhera afogar-se em uísque. E eis que, vinda do nada, pousava no seu terreiro uma mulher morena que lhe chamava pai. Tentou olhá-la com desconfiança — mas o que via era uma versão esguia de Luísa — os mesmos olhos negros, a cova no queixo que lhe dava um ar de amuo. Luísa oferecera a filha à melhor amiga — e nunca o informara de que era pai. Mais uma vez, fora abusado no seu amor. O amor usava-o e deitava-o fora. Sentiu subir

no corpo uma onda de fúria. Deu várias voltas ao bar, gritou com a empregada de balcão, pensou em sair pela porta dos fundos e nunca mais ver aquela mulher que vinha estragar-lhe a vida. Mais uma.

Mas ninguém lhe garantia que ela não voltasse. E se nem sequer fosse sua filha? Se fosse apenas uma maldade inventada por Luísa?

— Farei um teste de paternidade. Não adianta falarmos mais antes disso.

Rosa olhou para dentro dos olhos de Joaquim e teve pena dele. Pensou que tinha de perder a mania de ter pena dos outros quando a dor a ameaçava. Era uma fraca defesa. Quanto mais peças faltavam na sua vida, mais se dedicava a encontrar as peças que faltavam noutras vidas. Acabava ainda mais mutilada, no entanto preferia sentir-se acompanhada nas carências do que procurar enfrentá-las. Cantar era isso: fazer com que a mágoa alastrasse e deixasse de ser sua. Criar um eu abstracto e totalitário que adquirisse a força de um nós. Rosa Cabral nunca fizera parte de um nós.

— Eu sei que ele é o meu pai, Mandela. Vi nos olhos dele.

— Os olhos enganam, Rosinha.

— Muito pouco. Eu sei que parece mal dizer isto, mas soube quem tu eras assim que te vi. E soube quem era a Farimah. A verdade das pessoas transparece no olhar, se estivermos atentos.

— Mas nestas questões mais pessoais ninguém está atento. O teu desejo de encontrar um pai pode perturbar essa visão. Não te precipites.

Rosa não conseguia verdadeiramente ouvir o amigo.

— A minha mãe mentiu-me. Por alguma razão, nunca senti por ela aquele amor de filha. Tão parva que me senti culpada por isso.

— Eva gostava de ti como de uma filha, isso eu sei. As pessoas não são perfeitas.

— Fez um favor à amiga que não queria uma criança. Sabe-se lá para pagar que favores. Foi só isso. Odeio a Luísa. E odeio a Eva.

Mandela abraçou Rosa, em silêncio. Não valia a pena acrescentar que o ódio é ainda um tributo do amor, que o bem e o mal se embaraçam de tal modo que a partir de certo ponto não conseguem destrinçar-se. Não valia a pena repetir-lhe que também ele não tinha tido pai, e que nem sequer lhe sentira a falta. Nem dizer-lhe que aquilo que a atraía de imediato nos olhos dele, ou de Farimah, era a imagem das mesmas ausências que a assombravam. Um abraço longo valia mais do que toda essa conversa. A mãe de Mandela era boa de abraços e isso, de certo modo, salvara-o.

XXIII. Código genético

Durante os dias de espera pelo resultado do teste de paternidade, Rosa e Mandela subiram ao Cristo Redentor, compraram recordações em Santa Teresa, percorreram os bares e as casas de samba, e escreveram e-mails a Farimah.

— Ela é a mulher da minha vida. E devo isso à tua mãe, Rosinha. Por causa dela encontrei-te, e tu conduziste-me a Farimah.

— Eu não tenho mãe, Mandela. E quem trouxe Farimah para Portugal foi a Luísa.

— Vês? Há sempre um sentido para cada coisa. Não sejas injusta contigo. Em princípio tens até duas mães. E há muita gente que não tem nenhuma.

— A Luísa não me quis. E a Eva apenas ficou comigo para fazer o favor à amiga. Sempre gostou de sentir que estava ao serviço dos outros. Foi só isso.

— Filho não é gato, rosinha. Não é assim. Estás muito amarga, menina. Não precisas.

— Achas que aquele infeliz é mesmo o meu pai?

— Se for, não podes dizer que te abandonou. Olha eu. Não tenho pai, e estou bem.

Conversavam, ao cair da noite, num barzinho em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas. As luzes da cidade refletidas na lagoa e a lua branca quase colada à terra compunham um quadro de uma beleza feérica. O Rio de Janeiro era tão bonito que parecia feito do cartão lustroso dos cenários de cinema — um sítio onde a realidade se curvava à alucinação do sonho.

— Entrar em ti e dentro de ti ver o mar.

O regime do sonho era perigoso porque diluía o mal: desvanecia em Rosa toda a memória da frieza de Gabriel, a temperatura do corpo subia-lhe a cada sorvo de caipirinha, sentia uma vontade terrível de o chamar, de lhe suplicar que viesse para os seus braços. Ou, pelo menos, que dissesse que sentia a falta dela como um drogado sente a falta da dose. Por mais que fizesse, não conseguia suprimir aquele desejo. Pediu a Mandela que lhe agarrasse a mão.

— Lembra-me que eu tenho de esquecer o homem que me mata. Lembra-me que ele me faz mal.

Mandela não sabia como responder: nunca experimentara o amor como um mal. A mãe demonstrara-lhe que o amor era calor físico, incentivo, liberdade e respeito. Muitos dias passara a pão e leite, feijão com arroz, massa com legumes. Quisera chocolates que não tivera, brincara com pneus velhos e bolas de trapo, mas não sabia o que era carência de amor. A voz da mãe repetira-lhe, todos os dias da sua vida, que era lindo e que seria tudo o que quisesse ser. Até encontrar Farimah, nunca se apaixonara — e fora sem dúvida bruto

com as mulheres às quais dissera, tranquilamente, que não estava apaixonado por elas. A suavidade pode ser uma forma de violência, mas Mandela não tinha sequer ideia disso. As lágrimas que choravam por ele eram-lhe opacas: nunca chorara por ninguém e a mãe ensinara-lhe que não precisava. Os sentimentos excessivos incomodavam-no, sentia-os como uma invasão ao seu território. Dizia:

— Não me faças cenas. Não mereço.

Era verdade; nunca fizera cenas a ninguém, e dera-lhe muito trabalho ignorar as muitas vezes em que se havia sentido posto de parte por causa da cor da pele ou da exuberância do penteado. Não se deixava vitimizar e fugia espontaneamente de vítimas profissionais. Admirava Rosa e estava-lhe grato, por muitas razões, no entanto tinha dificuldade em compreendê-la. Era jovem, cheia de sucesso, de que se queixava ela? Causava-lhe impaciência.

— Rosinha, nenhum homem pode matar-te. Isso é um disparate. Estás apaixonada pelo sofrimento, não vês isso?

— Cala-te e dá-me um abraço. O teu corpo fala melhor do que tu.

Joaquim Alves mergulhou na Internet, pesquisando a filha. Não tinha dúvidas sobre a sua paternidade: o desenho dos olhos, largo, amendoado; as pálpebras altas; a curva do nariz. A boca era igual à sua: polpuda e pequena. O negro e a profundidade dos olhos eram de Luísa, tal como o andar. Estremecera quando a vira partir; de costas, avançando pelo passeio, era a figura de Luísa, que julgara ter esquecido. A obra humana de um amor perdido. Era em Luísa que pensava, não em Rosa; não pensava em si mesmo como pai, mas como namorado renascido. Deveria sentir raiva contra a mulher que lhe mentira; o que sentia era comoção por ela ter levado aquele amor às últimas e inapagáveis consequências. Luísa aceitara gerar a sua filha. Depois entregara-a — até isso o comovia. Talvez o amasse demasiado para ser capaz de criar alguém que era dele. A rejeição marcara-o como um ferro em brasa: o rapaz pobre usado e abusado pela menina que queria ser rica. O país borbulhava em festas de fraternidade e atividades comunitárias, os ricos fugiam para o Brasil ou procuravam disfarçar-se de proletários, e ele experimentava a crueza da discriminação de castas. Acabara por fazer como os ricos da ditadura, e emigrar para se tornar livre.

Não tivera sorte com as mulheres. Isso já não o perturbava. A sorte era uma aragem passageira, na qual alguns contraíam pneumonias que se agarravam ao corpo e o impediam de sossegar. Via a humanidade como um rebanho de incuráveis, chafurdando num pântano de sentimentos apodrecidos por falta de coragem para se desembaraçar dos limos e avançar até outras paisagens. O bar comprovava-lhe diariamente que era um homem feliz: não o

atrormentavam culpas nem remorsos, não tinha pensões de alimentos para pagar nem discussões eternas. Estava em paz. Tocado por uns fumos de tédio e melancolia, um ou outro travo de solidão ao acordar de um pesadelo a meio da noite, às vezes a sombra do pânico no rasto de um tiroteio urbano ou de uma tempestade tropical. Todavia, não tendo muito para que viver, a morte não o assustava por aí além. Contava com a proteção celeste de Fabíola. Não acreditava em Deus, mas acreditava na força das conversas que a sua ex-amada mantinha com esse grande rival.

Procurava concentrar-se em Rosa e pensava em Luísa. As imagens daquele namoro de juventude ressurgiam, intactas, obsessivas. Onde as teria guardado durante todos aqueles anos? Mudara de continente. A princípio arrastava consigo, como grilhetas, as saudades de Portugal. No Brasil a saudade não dura muito; o presente é vertical — por isso essa terra dá música; a História possível num país que vive na síncope do hoje. As canções de Luísa eram todas em inglês; esse baú dos anos setenta escondera-se nas caves do seu coração e agora emergia, como um salvado de naufrágio. Via Rosa cantando o fado na Internet e da boca dela saíam canções dos Beatles, dos Rolling Stones, Luísa de *jeans* e camisas floridas dançando diante dele, numa outra vida.

Abriu o envelope e mostrou-o à filha, em silêncio.

Rosa viu os resultados do teste, olhou para o pai e não sentiu nada. Aquele homem não lhe era nada. Ninguém lhe era nada.

— Nada.

— O que é que você quer dizer?

— Nada. Não tenho nada para dizer.

— Eu te entendo.

— Não, você não pode entender nada. Você é apenas outro enganado, como eu.

— Vamos almoçar?

Rosa assentiu com a cabeça. Tinha vontade de bater em alguém. Não conseguia falar. Sacudiu Mandela quando ele tentou pôr-lhe o braço sobre os ombros, na rua. Ouviu a voz do pai:

— Deixe a menina.

E essa ordem amaciou-a como uma carícia. Respirou fundo. Caminharam em silêncio através da confusão da rua Visconde de Pirajá, sentaram-se numa esplanada, pediram bebidas. O ruído das conversas e da música confortava-os. Rosa despejou uma caipirinha antes de perguntar:

— Foi você quem acabou o namoro com a Luísa?

Joaquim respirou fundo e olhou-a frontalmente:

— Tem a certeza que isso importa?

— Acha que eu posso ter a certeza de alguma coisa? Eu nem

sei se existo.

— Existe, sim. Ponha o seu nome no Google e vai ver.

Comoveu-a que o pai a tivesse googlado.

— Tenho o direito a saber.

Joaquim explicou como Luísa terminara a relação de forma abrupta, precisamente quando pareciam mais envolvidos. Percebera que a assustava a pobreza dele; emigrara para o Brasil na esperança de fazer fortuna e voltar para a reconquistar — mas quando chegou ao Brasil perdera a vontade de regressar. Perdera, acima de tudo, a vontade de continuar a amar uma mulher que o repudiara por dinheiro.

— Hoje já não lhe guardo rancor. Viver sem grana é complicado. Ela foi tratada como Gata Borracheira pela família. Éramos muito jovens. Hoje só tenho raiva dela por não me ter dito que havia uma criança.

— Ela não quis essa criança, Joaquim.

— Experimente chamar-me pai.

— Não sei. Nunca usei essa palavra.

— Por isso. Experimente. Não vai doer.

— Tudo dói. Cada palavra traz uma dor.

— E cada silêncio também.

Mandela disse que estava farto de conversas de tristeza: então e a alegria, não podia ser o tema das palavras e do silêncio? Tudo tinha de ser um ajuste de contas?

— Tenha dó, Rosinha. Cada um faz o que pode, quando pode. É só isso.

Riram os três, em conjunto e sem saber exactamente de quê.

— Pai. Pai. Pai.

— Viu? Fácil, filha. Questão de hábito.

Joaquim pediu a Rosa e Mandela que ficassem mais uns dias, na sua casa. Combinaram fazer a mudança no dia seguinte. Rosa chegou ao hotel e escreveu um e-mail curto a Luísa:

“Fizeste da minha vida uma mentira. Não tenho como te perdoar. Não voltes a falar-me. Nunca mais.”

Só depois de o enviar reparou que, pela primeira vez, tratara Luísa por tu. Sem sequer escrever o nome dela. Não era capaz. Deitou-se, mas não conseguiu adormecer. Levantou-se de novo e escreveu a Gabriel. Sabia que não devia, mas o dever parecia-lhe de repente uma coisa acessória, irrelevante, sem lógica alguma. Nada na vida correspondia a uma qualquer lógica. Havia a verdade e a mentira. Sujas, misturadas. Só o desejo parecia fazer sentido.

XXIV. Correspondência

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: quinta-feira, 4 de novembro de 2004 02:27

To: Gabriel Santos

Subject: Saudades

Boa noite, Gabriel

Estranharás este e-mail — eu também. Quase um ano sobre a nossa despedida — um ano em que não me procuraste, nem sequer quando a minha mãe morreu. Terás tido medo da minha reação, julgo eu, sempre a querer desculpar-te, de maneira a pensar que fui mais do que uma das muitas mulheres em que vais entretendo os teus dias.

Presunção. Descobri o meu pai e quis partilhar isto contigo. Nem sei se querer é a palavra exata; apenas tive de te dizer. Porque morro de saudades. O meu pai chama-se Joaquim Alves e tem um bar aqui no Rio de Janeiro. Não sabia que eu existia: quando a namorada o deixou não lhe disse que estava grávida. A namorada não era a minha mãe, mas uma amiga dela: a Luísa Fontanellas, de quem te falei. Sim, é essa a minha mãe. Devia estar feliz, não é? Já não sou órfã, tenho uma mãe e um pai vivos... E tenho uma vida de mentira. Tudo na minha vida é uma mentira. Talvez por isso tenha tantas saudades tuas. O sexo é verdade. E tu, pelo menos, nunca me disseste que sentias por mim mais do que isso: atração física. E ternura e amizade, não é assim? É pouco, mas é verdade. Foda-se: eu preciso de um bocado de verdade. O Rio de Janeiro é sensualidade pura. A luz desta cidade não tem igual — e a beleza das baías é de entontecer. Impossível que tu não gostasses desta cidade e dos seus habitantes. Podes até não gostar do Brasil, mas o Rio é irresistível. Gostaria de to mostrar. Hoje ao chegar ao quarto encontrei um ramo de rosas (simpatia do meu recém-descoberto progenitor) e pãozinhos de queijo com doce de leite (simpatia do meu agente, sabe que eu adoro estes pãozinhos — ou melhor, adoro doce de leite). A minha varanda dá para o mar, onde conto meter-me amanhã de manhã, antes de ir almoçar com estes dois homens da minha vida. Para arrefecer a angústia. Angústia de quê? Não sei, não quero pensar.

Não te digo mais nada, o que tenho para te dizer não são palavras — o meu corpo geme de fome do teu. Abro-te o meu corpo, sonho que o tomas, suplico-te que me possuas toda, sinto o teu sexo entrar em mim com força enquanto os teus olhos se rendem aos meus e o meu peito estremece de prazer debaixo dos teus dedos. Concentro-me em esperar por ti e derramarmo-nos um no outro, de olhos abertos, felizes por estarmos de novo juntos. Misturados.

Beijo-te, muito e muito devagar,
R.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: sexta-feira, 5 de novembro de 2004 01:36
To: Rosa Cabral
Subject:

Boa noite minha querida,

Falas-me da luz do Rio, e eu faço um esforço por imaginar. Mas não serei muito eficaz, porque nem Nova Iorque me atrevo a pensar que conheço, sem ter lá ido, e ela entra-me pelos olhos quase todos os dias. Quem sabe se um dia me mostras essa paisagem. Ainda estou atordoado com este teu regresso, estas tuas notícias... por isso deixo passar a maldade sobre as “muitas mulheres”. Sabes que não é assim. Um ramo de rosas, que galante o teu pai, não lhe chames progenitor, vá... Não sejas precipitada no julgamento sobre a Luísa e a tua mãe. Sabes lá o que terão sofrido. E a Eva, para todos os efeitos, assumiu ser tua mãe. Imagino que te perturbem todas essas revelações — mas tem calma, respira fundo, pensa melhor. Gosto de te saber acarinhada. Não deixei de pensar em ti nem de ter saudades tuas. Acatei a tua decisão — recordo que foste tu quem decidiste, unilateralmente, acabar com o que tínhamos. Hoje o calor estranhamente também andou por aqui, mas não a esse ponto. De qualquer forma passo o dia agarrado aos livros e às contas. Gostava de me teletransportar até aí e te abraçar por trás nessa varanda. Tenho-te pensado muito nesse teu quarto de que tanto gosto, revejo-nos, as horas de desejo e de entrega, o azul pela janela, a doçura dos teus lábios, a suavidade da tua pele, o sabor do teu sexo, quando me alimentas a boca. Em breve vou passear de novo pelo teu corpo. Percorrer cada centímetro que escondes debaixo da roupa até te doer o desejo. Depois vou mandar que te montes em mim, como tão bem fizeste da última vez, no carro.

Estou tão duro de vontade de ti. Beijo-te,

Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: sexta-feira, 5 de novembro de 2004 04:35
To: Gabriel Santos
Subject:

Boa noite, queridíssimo

Lembrei-me de Nova Iorque, quando te escrevi sobre o Rio. Queria dizer-te: não é como Nova Iorque, onde chegas e sentes que já conheces, por causa do cinema. Aliás, a primeira vez que cheguei a Nova Iorque, no pino do verão, odiei: calor imenso, filas para tudo, encontrões na rua, cidade muito suja e agressiva. Por alguma razão os

filmes nova-iorquinos de Woody Allen são no outono: as folhas vermelhas e douradas, uma doçura na luz. Depois voltei a encontrar a beleza de Nova Iorque, em qualquer estação — quando fui visitar uma amiga que morava lá e conheci os barzinhos, as livrarias, os jardins, a vida não turística. As cidades têm de ter pessoas como cicrones, de outro modo não passam de museus. Mas o Rio de Janeiro tem essa qualidade de ser sempre mais estarrecidamente belo do que qualquer imagem. Não é uma cidade a preto e branco. E as pessoas têm uma doçura, uma disponibilidade, uma admirável disciplina da alegria. Adorarias a Livraria da Travessa e a Livraria Argumento, belíssimas — e ambas com cafés/restaurantes muito acolhedores. Adorarias o Trapiche Gamboa, no centro da cidade, com samba cantado ao vivo por grandes e velhos nomes do samba.

Descobri de onde venho, isso tranquiliza-me.

A maioria dos meus amigos não entende isto. Tantos anos depois de termos acabado com a humilhação dos “filhos ilegítimos” ninguém parece interessado em defender o direito à identidade. É fácil dizer que isso não importa quando sabemos de quem herdámos o quê — porque a herança genética existe, para o melhor e para o pior. Há semanas um tribunal de Paris autorizou um casal de lésbicas a criarem conjuntamente os três filhos que uma delas teve por inseminação artificial. A Esquerda festejou, e muito bem — a ideia de que as crianças precisam de “modelos do feminino e do masculino” é um disparate, qualquer pessoa de bom senso o verá. O que são esses modelos? A mãe carinhosa e o pai ausente? O pai que bate numa mãe resignada? Parece-me que as crianças precisam de amor e exemplo, simplesmente. Só estranhei que ninguém criticasse o segredo sobre o pai biológico, neste caso francês. Acabar com o anonimato dos bancos de esperma parece-me uma parte essencial da luta pelos direitos da criança. O pai biológico pode não ser o pai efetivo — mas cada um de nós tem o direito a saber quem são os seus antepassados. Imagina, sei lá, que eu era tua irmã. E que engravidava. Bom, melhor será deixar de te aterrorizar... Sim, quem me dera que o teletransporte já tivesse sido inventado, e que tu quisesses mesmo, mais do que tudo, ficar comigo numa qualquer varanda do mundo. Quem me dera que, pelo menos, eu soubesse conjugar o verbo querer de um modo transitivo, adequado ao tempo e ao espaço da vida real.

Voltei ao computador com a esperança de encontrar uma palavra tua. Foi muito bom encontrá-la, meu querido.

Abraço-te, beijo-te,

Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: sábado, 6 de novembro de 2004 02:24

To: Rosa Cabral

Subject:

Boa noite minha querida,

Espero que a noite tenha sido terna, como tu mereces. Conta-me o teu dia, dá-me prazer sabendo-te feliz e mimada. O meu dia foi de muito trabalho cumprido com competência, mas sem entusiasmo. De manhã fui levar a vacina da gripe com os meus filhos, e acabo o dia com uma enorme constipação. Fui o único, felizmente. Não sei se concordo contigo quanto à adoção por casais homossexuais: o casamento parece-me muito justo, claro... mas acho que há algum fundamento nessa ideia de modelo feminino e masculino. Digo-o sem qualquer laivo de machismo, até porque não sofro da miopia do sexismo, como sabes. Homens e mulheres devem ter direitos iguais... e as crianças um pai, que não é a mesma coisa que uma mãe. Não me peças que te explique mais; em última análise, posso dizer-te que os miúdos seriam trucidados pelos colegas na escola. Sabes como é a crueldade e o preconceito das crianças. Quanto aos bancos de esperma, entendo-te muito bem. Não sei como um homem pode viver sem ter orgulho nos filhos, nunca me passaria pela cabeça semear filhos que não conheceria. Mas o mundo está esquisito. Cada vez me sinto mais estúpido a ver noticiários. Não sei onde procurar bom jornalismo. Hoje a pesquisar sobre um livro vi num diário digital o *press release* estampado na íntegra, com asneiras do género “um clássico da literatura”. O livro tem vinte anos e é um *thriller* para ler na praia. Entretanto, a política parece reduzida a maquinações de ladroagem.

O mundo fica tão pequeno e medíocre pelos olhos da imprensa.

O que queria mesmo era entrar em ti, lambe o teu corpo todo, sentir as tuas mãos no meu, e a tua boca. Acariciar essa liberdade que tatuaste na nádega direita, o sol que se esconde atrás do teu joelho. Dito isto, não te atrevas a adormecer sem estares molhada de mim e a fazer dos teus dedos a minha língua.

Dorme bem. Dorme tranquila. Dorme muitas horas.

Beijo-te, e desço por ti o meu beijo.

Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]

Sent: domingo, 7 de novembro de 2004 02:45

To: Gabriel Santos

Subject:

Boa noite, meu querido

Trinta e cinco graus, às duas e meia da manhã.

Temperatura mais alta do que ao fim da tarde. Tenho a cabeça a borbulhar — muita emoção e muitos copos, num jardim alcandorado no morro, o jardim da casa do meu pai Joaquim (não consigo escrever

ainda simplesmente meu pai), que me ofereceu um jantar, para me apresentar aos amigos daqui. Mandela e eu mudámo-nos há dias para casa dele. Agora tenta convencer-me a fazer um pequeno espetáculo no bar. Digo que fado num bar do Leblon não faz sentido, ele diz que pelo contrário, será chiquêrrimo. Vamos ver. Só não consegui ir muito à praia, os homens não são muito de praia, e eu estou rodeada deles. Sabe-me bem este intervalo no costumeiro desalento de Portugal. O Brasil é todo para cima — sempre foi. É verdade que o jornalismo está de rastos — isso, um pouco por toda a parte. Aqui também tenho ouvido histórias muito pouco edificantes.

Mas custar-me-á sair do Rio. Quando cá vieres, perceberás bem porquê. Apeteceu-me muito ter a tua mão na minha, ao longo deste serão animado e meigo, com excelente música e boa conversa. Estou com a cabeça tonta de tantos copos. Nunca bebo vinho sozinha porque acho que, se comesse, rapidamente me tornaria alcoólica. Tenho uma geringonça compulsiva dentro do sangue.

Sinto o teu beijo descendo por mim, procuro-o, fecho os olhos e encontro os teus, os teus dedos no lugar dos meus. E encho-te de beijos, como se estivesses aqui.

Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: domingo, 7 de novembro de 2004 02:56

To: Rosa Cabral

Subject:

Olá, garota bonita

Percebo bem quando dizes que é importantíssimo um cicerone local para conhecer os lugares. Mas não concordo que de outra forma sejam um museu. Acho que outra forma de conhecer e sentir é perdermo-nos. Foi isso que desde sempre tive gosto em fazer, às vezes com sérias dificuldades em encontrar o caminho de volta. Tu não estás perdida no Rio, mas deves estar estonteada de tanto afeto. Espero bem que o estejas. Importas-te de dormir, aí, pelo menos?

Dormi mal, eu, e a minha constipação prefabricada para idiotas que se deixam inocular com um sorriso.

Não conseguia trabalhar, fui ver episódios dos *Sopranos* e beber vinho tinto. Tenho pouco respeito pelos medicamentos para as constipações. Gosto tanto da série que me deixei estar até às seis da manhã. Às sete acordei e estava um farrapo. Lá tomei os medicamentos pelos quais não tenho respeito. Hoje troquei o vinho pelo chá, com pena. Dizes tu que não bebes sozinha porque achas que te aproximarias do alcoolismo? Eu gosto muito de beber sozinho, e espero não ser um alcoólico. Sou capaz de passar dias sem beber, quando necessário. Mas tal como quando fumava (sim, lá para trás), sinto que preciso de coisas que me acalmem. Beber, e falo só de vinho tinto, acalma-me. Acalma-me, dando prazer. Porque é que o prazer é sempre

tão complicado? Ah, é verdade, por causa da culpa. Gostava de ter sido Sol, hoje, e ter coberto o teu corpo na praia. E aí, no teu quarto, chegar onde ele não chegou. Sim, saber-te ansiosa por mim é melhor que uma caixa de antigripais. Sendo que me dá vontade de destapar uma parte do meu corpo, o que não é aconselhável, porque aqui não estão nem metade desses trinta e cinco graus. É estranho isso de os homens não serem muito de praia. Eu acho que só a visão da praia já nos torna pessoas melhores. Enfim, não me refiro às praias da Linha, no verão. Como é a água aí? Gostava de fazer amor contigo nesse mar.

Beijo-te,
Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: segunda-feira, 8 de novembro de 2004 04:35
To: Gabriel Santos
Subject:

Meu querido,

Cheguei agora de um clube de samba, Carioca da Gema, onde fui com um músico muito simpático que conheci ontem no jantar, um dos amigos do meu pai. Primeiro fomos jantar a um restaurante lindo no porto. Foi muito bom, este Antônio tem imensa graça, mas bebi duas caipirinhas (em copos grandes, que devem valer por quatro das normais) e estou com a cabeça levíssima. O afeto que recebo aqui é qualquer coisa de avassalador, sim — mas não me estonteia, apenas me comove e me dá vontade de ser e fazer mais e melhor. Não me parece estranho, porque assim que aqui aterrei, ainda sem conhecer ninguém, senti-me em casa. Há um espírito de futuro e uma capacidade de exprimir os afetos que tem tudo a ver comigo — e muito pouco com Portugal. Sinto-me muito mais mulher do que em qualquer outro lugar: sinto desejo nos olhos dos homens. Sinto-me apetecida, bonita. É-me difícil dormir bem por uma série de razões, entre as quais o facto de estar aqui pouco tempo e querer aproveitar tudo, a sensualidade do lugar, das pessoas e dos meus sonhos e devaneios...

O mais eficaz tratamento das constipações é o seguinte: uma chávena de leite quente com mel, casca de limão e um bom bocado de uísque. Tomas isso com uma aspirina e deitas-te. Dormes bem, transpiras muito e acordas curado, ou quase. Olha que quem me ensinou isto foi uma médica, e resulta mesmo.

Uma das coisas que tenho vindo a aprender é a dissociar o prazer da culpa. Tinha medo de acabar com o prazer, percebi que, pelo contrário, o intensificava. Não é por causa da culpa que tenho tanto

prazer contigo — é apesar dela. Quando sinto a culpa dentro de ti o meu prazer diminui automaticamente.

Pensar em fazer amor contigo, com o teu corpo escaldante, dentro deste mar azul e quente, excita-me muito. Acabei de me despir, está demasiado calor para usar camisa de noite ou o que quer que seja. Começo a acariciar-me. Gabriel, meu querido Gabriel, sinto-te em todos os meus recantos mais íntimos.

Beijo-te, centímetro a centímetro, pela noite dentro.

Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]

Sent: terça-feira, 9 de novembro de 2004 03:37

To: Rosa Cabral

Subject:

Boa noite querida Rosa,

Os médicos surpreendem-me. Vou envelhecendo, e de seres de extraordinária sabedoria que os julgava em juvenzinho, agora tenho-os na conta de uns marrões que a partir de exames tecnológicos cada vez mais conclusivos aplicam umas coisas que decoraram. Sou um bocado esquisito com certas coisas: maionese levada ao forno, fiambre a rechear carne crua. Leite com uísque e aspirina (já dou de barato o limão) acho que me deixaria agoniado ou taquicárdico. Foram médicos que me disseram que os medicamentos para a constipação valem tanto como sumo de laranja (deve ser verdade). O meu médico até aos vinte anos garantia que fumar um maço de tabaco não fazia mal. Ele fumava isso, com muitos cafés. O ataque cardíaco só o afastou durante uns meses do consultório. Um médico xpto não detectou uma infecção urinária à Bárbara, outro causou um mau jeito ao ombro do Luís, quando ele se queixava de dores nas costas. O Robin Cook (sabes, um médico que vende milhões pelos aeroportos de todo o mundo e esteve há anos aqui na livraria) foi peremptório quando me disse que os médicos servem basicamente para passar receitas, a doença é que decide se passa ou mata. Disse-me ele também que se tiver de escolher entre escrever ou ir pagar os impostos, prefere a segunda. Eu também me sinto assim muitas vezes.

Esse espírito de futuro agrada-me. E a sedução, bom, é das coisas mais saborosas do mundo. Claro que és uma mulher imensamente desejável. Claro que te desejo muito, por isso que dizes, também, melhor do que eu serei capaz de dizer. Porque és tu, porque és tu, de quem gosto tanto, apesar de tanta turbulência que já atravessámos. Desejo-te por tudo o que és. Sei que tu me lês nos olhos, que todo o teu corpo me lê, e sente o que eu sinto por ti. Meu Deus, onde irão parar estes e-mails?

Beijo-te, garota. Percorro a geografia de sinais do teu corpo que tanto desassossegam o meu desejo.

Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: terça-feira, 9 de novembro de 2004 18:49
To: Gabriel Santos
Subject:

Boa noite, meu querido

Sorriso diante da tua desconfiança dos médicos. Lembro-me da Mariel Hemingway no fim de *Manhattan*, dizendo a um cético Woody Allen: “Temos de ter um bocadinho de fé nas pessoas.” Quem te conduziu a ser tão sozinho? Claro que falham muitas vezes: estive à beira da morte, aos onze anos, porque um pediatra passou semanas a dizer que a apendicite que eu tinha era um problema intestinal (até que quis ir à casa de banho e cáí, já não mexia as pernas, e a minha mãe — ou, melhor dito, a minha falsa mãe — agarrou-me ao colo e levou-me para o hospital onde fui operada de urgência. O apêndice tinha já rebentado. Estive um mês internada com uma infecção generalizada). Antes disso, aí pelos oito anos, um dermatologista disse que a comichão que eu tinha no corpo era alergia a chocolate, ovos e laranja — e uma semana depois metade das minhas colegas de escola tinha a mesma “alergia”, que afinal era... sarna, imagina. Não penses onde irão parar estes e-mails. A turbulência que já atravessámos aconteceu precisamente por medo do desejo que temos um pelo outro. Hoje o meu pai Joaquim disse-me que via a saudade de um homem dentro dos meus olhos. Somos dois navios numa noite que não começa nem acaba. Beijo-te devagar a boca.

Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: quarta-feira, 10 de novembro de 2004 05:01
To: Rosa Cabral
Subject:

Boa noite minha querida,

Espero que o dia tenha sido bom. É incrível a quantidade de momentos especiais que estás a viver aí. O que me contas do teu pai é uma delícia. Para além de todo o prazer que me dá ler-te, espero que estes mails sirvam de pequenos diários para que não esqueças nada do que vais vivendo. Sei bem que a tua memória é melhor que a minha, mas mesmo assim. São curiosas as ligações que se podem fazer, mesmo do outro lado do oceano. Dizes que ele me estava a ver no teu olhar. Isso é muito bonito. Fico contente. E que empatia extraordinária a vossa. Até me arrepio de pensar no risco que correste em criança. Que imbecil esse pediatra. Que medo tenho dos médicos, sim. E da incompetência das pessoas em geral. Tenho uma

enorme consciência dos meus limites e fragilidades. Mas não durmo se necessário para as corrigir. Pena só mesmo a ausência de teletransporte, porque te queria abraçar muito agora, e derramar-me em ti e tu em mim, a ouvirmos, podia ser, o Chico Buarque. Publicou um romance muito bom, *Budapeste*, aproveita para leres... Gosto muito, muito de ti.

Beijo-te,
Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: quinta-feira, 11 de novembro de 2004 10:48
To: Gabriel Santos
Subject:

Bom dia meu muito querido,

Segundo o meu pai, as abelhas estão a desaparecer do mundo por causa dos telemóveis. Já só me apetecia ser abelha e voar para ti. Picar-te muito devagar.

Wise Up é uma inesquecível canção de um ótimo filme. E Caetano é a vida toda em três minutos. Obrigada pelas canções.

Se fechares os olhos verás que estou contigo, que o meu corpo estremece por ti, abrindo-se ao teu desejo.

Beijo-te, abraço-te
Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: sexta-feira, 12 de novembro de 2004 14:32
To: Rosa Cabral
Subject:

Acordei tarde, leio-te e só me apetece possuir-te, entrar em cada espaço escondido do teu corpo.

Tem um dia bom minha querida.
G.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: sábado, 13 de novembro de 2004 06:00
To: Rosa Cabral
Subject:

Olho deslumbrado para o mapa do Brasil. Acho que nunca o fiz antes com muita atenção.

As abelhas e os telemóveis... tem uma certa lógica, ele disse-o mesmo a sério? É uma questão que me inquieta, não sei porquê.

Beijo-te minha querida, beijo-te sem querer parar de te beijar.
Gabriel

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: sábado, 13 de novembro de 2004 09:08
To: Gabriel Santos
Subject:

Meu querido Gabriel

Esta noite cantei no bar do meu pai — olha, agora saiu-me assim. Fez-se um silêncio total naquele lugar barulhento. E depois um aplauso interminável. Nem sabia como reagir. O que me comove não é o aplauso, o sucesso em si, mas a sensação de ser tão profundamente entendida e amada através do que escrevo e canto, o modo como me abraçam e me agradecem o que encontram nos meus fados, a verdade dessa comunicação.

Por outro lado, agradeço-te o desejo que destapaste em mim. Sei agora que isso é o mais importante. O que vivemos tornou-me melhor e fez-me descobrir quem sou a um nível tão profundo e perfeito que não há nada que o possa mudar, nada que possa ser superior a essa partilha. Recusar isso seria recusar-me — fi-lo, desastradamente, pela ignorância bruta que a dor desencadeia em nós, e sei que nunca mais quero voltar a passar por isso.

Ontem sonhei que fazíamos amor num quarto ao fundo da tua livraria, um quarto com muitas camas e onde estavam várias pessoas a dançar, eu dizia que era melhor pararmos, que eles podiam parar de dançar e ver-nos, tu dizias que não te importava que estivessem ou não a ver-nos.

Um dos homens que lá estava via-nos de repente, eu alertava-te, ele dizia: “nunca vi nada tão belo”, e então acordei.

Beijo-te, beijo-te, beijo-te
Rosa

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: segunda-feira, 15 de novembro de 2004 04:44
To: Rosa Cabral
Subject:

Minha querida,

O Brasil gosta muito de ti. Como eu e o Brasil temos, realmente, tanto em comum. Adorei saber desse aplauso infinito. O Brasil inspira-te, devias escrever já mais uns quantos fados, cortando, sei lá, nas caipirinhas tardias com os teus admiradores.

Vou deitar-me ao teu lado... Carregamos vida fora as mágoas provocadas pelos pais. Podemos ignorá-las, ou deixar que marquem. Cedo aprendi a seguir pelo primeiro caminho. Hoje li uma crónica sobre os grandes criadores e empreendedores, e de como cresceram com algumas dificuldades. Einstein era tratado por “irmão tédio” e “mesquinho” pelos companheiros de escola, o tipo da Apple foi dado para adoção e viveu com dificuldades, o Richard Branson era disléxico. É uma teoria antiga que também eu descobri sozinho. Crescer na adversidade. Aconteceu-me num verdadeiro regime de terror que era o colégio Armas do Orgulho, durante quatro anos. Deu-me alguma inteligência empresarial... O meu pai sempre gostou muito dos filhos. À maneira dele, que passava por dizer-nos muitas vezes que nunca seríamos ninguém. Ainda hoje fui levantar uns exames da minha mãe e passei por lá. E disse-me que devia ir aprender gestão de empresas e lançar um negócio “mais à homem”. Dei uma gargalhada, já há muitos anos que resolvo a coisa assim. Se tenho por hábito emocionar-me com as histórias de afeto entre pais e filhos, ou se me sinto capaz de derrubar uma montanha para proteger os meus filhos, será provavelmente um reflexo de algo que me ficou entranhado. Mas não perco muito tempo a pensá-lo.

Gosto dos teus sonhos. Ontem cheguei a casa, bebi um uísque e desliguei. Dormi dez horas, para compensar as três da véspera. Sei que tu dormes pouco, eu também. Aguento-me bem com alguns dias a cinco horas, mas menos que isso deixa-me de rastos.

Tenho saudades tuas. Beijo-te muito, beijo-te toda

Gabriel

From: Rosa Cabral [rosac@netcabo.pt]
Sent: segunda-feira, 15 de novembro de 2004 15:11
To: Gabriel Santos
Subject: Eis outro fado

Amor-perfeito

Na selva do meu coração
acidentado e suspeito
caiu a flor impossível
um pé de amor-perfeito.

Não acordo nem me deito
fora deste sentimento
meu corpo iluminado
por tua alma de vento.

Sei quem és e sou teu sonho
mesmo que nunca me sonhes.
Este meu amor sozinho
flutua no teu caminho

melodia que componho
sem dó nem dor seduzida
amor de autosserviço
servindo a nuvem da vida.

No meu corpo descomposto
sonho o teu corpo cubista
arranhado e erudito
corpo que arde sem ser visto
fogo frio, arrepio,
flor acesa no meu rosto.

Gostas? É mais descomplicado e melodioso do que os meus versos habituais, parece-me. Tem “bossa nova”, se calhar. Sou bem mandada, como vês...

From: Rosa Cabral [mailto:rosac@hotmail.com]
Sent: quarta-feira, 17 de novembro de 2004 12:27
To: Gabriel Santos
Subject:

Bom dia, garoto

Chego a Lisboa sexta-feira, 18, às 6 da manhã — isto é, o voo sai amanhã pelas 18 horas. O que queres que te leve?

Beijos, muitos
R.

From: Gabriel Santos [mailto:gabrielsantos@hotmail.com]
Sent: segunda-feira, 15 de novembro de 2004 13:07
To: Rosa Cabral
Subject:

Tu. Vem.

XXV. Crime

— Se ao menos tu existisses.

Mal eu sabia, durante as intermináveis horas de pose, que este retrato me tornaria tão viva, séculos depois da minha morte. No século XIX a beleza tinha regras concretas e medidas exatas: a proporção era tudo. E nada no meu rosto era equilibrado: o nariz demasiado grande e pontiagudo, a boca polpuda mas desacertada, as pálpebras pesadas. Salvava-me a dimensão dos olhos e a tristeza de que eram feitos; a tristeza já se usava nesse tempo, era mesmo a maior joia das mulheres. Certas coisas demoram a mudar. Casei com um homem de poder e o meu poder foi esse: o de ser tratada como condessa e eternizada num retrato de Franz Xavier Winterhalter, que fez com que um garoto viesse a apaixonar-se por mim no fim do século XX.

— Salva-me, Princesa Lina.

Gabriel apaixonou-se apenas pela minha imagem — raramente os homens levam a paixão mais longe do que isso. A pertença assustava-os; nascerem através do sexo das mulheres empurra para a promiscuidade, que é uma forma de vingança. As mulheres permanecem limitadas aos lugares de senhora ou serviçal; a libertação deu-nos o direito à voz mas não a prerrogativa de sermos escutadas. Escrevemos romances como se pudéssemos com isso sacudir o tempo, lançamo-nos em vendavais de escrita para esconder a solidão e não desesperar entre o biberão e o relatório e contas. De que nos vale? Vejo os e-mails torrenciais que a apaixonada do meu apaixonado lhe escreve noite adentro, vejo como ele se masturba depois de os ler, os olhos postos nos meus olhos que o fitam de todos os ângulos da sala. Depois fá-la esperar, deita-lhe no dia seguinte a esmola de um par de linhas, migalhas de palavras com que a mantém presa e à míngua, na esperança de um banquete que nunca virá. Diz-lhe que tem a obsessão infantil da felicidade. Diz-lhe, para a humilhar. Tenho a vaga ideia de que o meu senhor me dizia coisas semelhantes, com uma atitude entediada:

— O que lhe falta nesta casa? Porque suspira tanto?

Mas é uma ideia muito vaga, quase não recordo o seu rosto e não tenho lembrança de ter sentido esse desacato interno a que chamam amor.

— Se ao menos tu existisses,

diz-me agora este, pensando no corpo da sua fadista, isolando-o da alma dela, que lhe pesa e lhe estraga a organização da existência. Vai seduzindo outras, envia-lhes canções, faz-lhes festas no pescoço para as deixar arrepiadas. Procura torná-las todas iguais. Precisa de mim para se sentir um homem de bem, capaz de sentimentos duradouros, leal. Para ter a ilusão de que, se eu fosse viva, tudo seria

diferente.

— Salva-me, Princesa Lina.

Gabriel não mente, de um ponto de vista estritamente individual. É sincero em cada momento. Os seus dias são uma coleção de cromos intitulada Verdades Parcelares. Gabriel sabe que a verdade é uma questão de perspectiva. Gosta de História porque se conforta com a possibilidade de uma moral coletiva superior que anule as fraquezas individuais. Se as famílias parecerem carros de combate inexpugnáveis a História avançará para uma harmonia final, pelo menos é essa a sua convicção.

— Salva-me, Princesa Lina. Tu compreendes-me. Só tu me compreendes.

Penélope cansou-se do ensino, conseguiu uma reforma por depressão nervosa. Disse que estava farta de tentar ensinar alguma coisa a miúdos que não queriam saber nada, e arranjou um *part-time* de balconista numa joalharia.

— Assim tenho mais tempo para os nossos filhos.

Gabriel calou-se, porque a regra número um do seu breviário quase desprovido de regras é a educação dos filhos. Penélope sempre tivera uma atração incontrolável por joias. Um dia, aparecera com uma gargantilha de ouro, dizendo que a encontrara caída na rua. Gabriel veio a saber através da mulher a dias que a empregada da limpeza da escola tinha sido despedida depois do desaparecimento de um colar de ouro da diretora.

— Os pobres são sempre os maus da fita. Ainda por cima pobres pretos, como essa moça ou eu. Uma moça que é a honestidade em pessoa, valha-me o Senhor dos Aflitos.

Penélope continuou a limar as unhas como se nada fosse. Gabriel enterneceu-se: casara com uma mulher frágil como uma criança, atraída por coisas brilhantes, vulnerável. Uma mulher que nunca lhe pedia nada e que satisfazia os sonhos de riqueza da forma mais elementar. A injustiça do mundo parecia-lhe difusa diante do desejo concreto e pueril de Penélope. Queria brilhar para ele. Que mal havia nisso? Se ao menos ele tivesse escolhido um negócio mais rentável do que os livros... Os livros eram a fraqueza dele como as joias eram a dela. Não roubara ele tantos livros, quando era estudante? Não comprava ele os filmes em estreia no cinema a um vendedor clandestino, a metade do preço? No entanto, assinava petições a favor da proteção dos direitos de autor. Todos os seres humanos possuíam uma área de clandestinidade; sem isso, seriam previsíveis como os restantes animais.

Gabriel considerou que, perto das joias, Penélope viveria mais sossegada e feliz. Manter a mulher assim era uma das preocupações fundamentais. À medida que fora multiplicando as amantes tornara-se

mais terno: já não lhe exigia provas de perfeição, já não sentia a necessidade de a subjugar.

Entretanto, Penélope fazia desaparecer da joalheria um anel, uns brincos, uma pregadeira. Tinha o cuidado de só subtrair joias quando entrava uma nova balconista para a loja — e entravam sucessivas levas de raparigas prontamente despedidas por suspeita de roubo. Penélope era amiga da dona da loja, fora professora dos filhos, tinha uma aparência de seriedade à prova de bala. E quase não usava joias no trabalho: dizia que não apreciava. Gabriel via que o cofre de Penélope estava cada vez mais cheio, e a mulher explicava-lhe que as empregadas da loja tinham direito a comprar joias a um terço do preço, e a prestações baixas. Tratava-se de um investimento, dizia:

— Da maneira como anda a economia, é uma boia para o futuro dos nossos filhos.

Quase todas as conversas do casal começavam ou acabavam com a expressão “os nossos filhos”. Nada havia de mais seguro e bonito no mundo, pensava Gabriel, enquanto olhava para mim, ansiando ter nascido numa corte europeia do século XIX. Tinha vontade de fugir, mas não sabia para onde. O ruído dos aviões angustiava-o; mais do que o medo de voar, sofria a sensação de que estaria sempre cercado pela desobediência do século XXI, um século onde as mulheres respondiam com altivez aos arroubos de amor, distantes da gratidão devida ao amor dos homens, por mais fugaz que fosse.

Numa tarde límpida de novembro de 2004, entrou na livraria de Gabriel Santos uma mulher à qual seria impossível atribuir idade, posto que tinha a pele transparente como um girino e olhos opacos. Quando se aproximou do livreiro os olhos da mulher cresceram até se tornarem dois espelhos desmesurados onde Gabriel se viu, para seu horror, refletido em duplicado.

— Em que posso ajudá-la?

— Não preciso de ajuda. Vim só olhar-te de perto, e riu, um riso de gargalhadas soltas como pedras que fez com que o sangue se movimentasse dentro das artérias. À transparência da pele.

— Conhecemo-nos?

— Nada do que é humano me é alheio. Interessa-me particularmente a desumanidade do humano. Vês como somos parecidos?

— Perdão?

— O Van Gogh escreveu que preferia pintar os olhos dos homens a catedrais, porque são mais deslumbrantes. Eu diria que são mais surpreendentes. Há quem lhes chame janelas da alma, mas a maior parte das vezes são alçapões para caves cheias de trastes

esquecidos. Gostas de Van Gogh?

— Quem não gosta?

— Hoje, toda a gente, é verdade. Tornou-se um clássico, precisamente o oposto do que queria ser. Antes isso que nada. Não há terceira opção: a imortalidade ou o esquecimento. A morte por consagração ou por desinteresse.

— Quem é você?

— Se eu disser o meu nome, isso altera alguma coisa? O que é que um nome diz de mim?

— É um princípio.

— Se eu disser que te chamas Gabriel, que és casado, tens três filhos e uma coleção infundável de amantes, isso define-te? É isso que és?

— Com que direito? Quem lhe disse?

Gabriel gaguejava e a voz tornava-se-lhe estridente, à beira do pânico.

— Acalma-te. Sou apenas a tua narradora. Vim visitar-te porque hoje em dia não se aceitam personagens sem consistência. Tudo tem de ter cheiro, peso, cor. Toda a gente tem de ser credível. Suspendeu-se o pacto de fé entre autor e leitor, compreendes?

— Eu sou um simples leitor. Tenho os meus direitos. Não quero passar a personagem.

— Esse é outro grande problema,

disse a narradora acendendo um cachimbo que tirou do bolso das *jeans* muito coçadas.

— Aqui não pode fumar.

— Quem disse? Eu posso tudo, é uma das prerrogativas da ficção. Tu tens de ser consistente. Eu posso criar os anacronismos ou universos paralelos que me apetecer.

— Mas os meus direitos,

tornou, gaguejante e agora levemente transpirado. A mulher tirou um lenço de papel do mesmo bolso e ofereceu-lho.

— Limpa a testa. Um predador encartado não larga fluidos corporais a não ser durante o ato sexual. Não me estragues a coerência da personagem.

— Recuso-me a ser sua personagem.

— Eu sei. Até te agradeço. Uma personagem que se identifique como tal torna-se típica e perde a força. Ninguém tem paciência para estereótipos. Pelo menos para estereótipos que se assumam como tal. O verbo assumir, aliás, foi enxotado da literatura. É demasiado sociológico, entendes?

— Não entendo nada,

disse Gabriel, limpando a testa que não parava de suar.

— Vais ficar com a franja colada à testa. E isso já não se usa

desde os anos cinquenta. Mete os dedos no cabelo e respira fundo, vá.

— Exijo o direito à privacidade.

— Ora, ora. Alguém pôs em causa esse direito? A partir do momento em que entras para dentro das páginas de um livro deixas de existir, compreendes? Sais da estreiteza da tua história pessoal. Mesmo que nunca ninguém leia esse livro, estás lá, à espera que alguém um dia se interesse por ti. Ganhas a eternidade. Parece-te que a vida privada tem alguma importância diante da eternidade?

— Os meus segredos são só meus.

— Esse argumento representa uma de duas coisas: infantilidade ou ignorância. Achas-te realmente assim tão especial? És o único homem na literatura a ter relações adúlteras? Pensas mesmo isso? Não me desiludas dessa maneira, por favor.

— O que quer de mim? Dinheiro?

A mulher suspirou.

— Estou aqui a pensar que deveria ter ido buscar um material humano um bocadinho mais trabalhado. Mas os romances de hoje estão já atulhados de intelectuais e pensadores — nem sequer muito brilhantes, valha a verdade. Não posso pôr-te a ter a grandeza cómica de um Dom Quixote ou os epigramas românticos de um Cyrano de Bergerac sob pena de perder completamente a verosimilhança. E ninguém quer saber de romances fantasiosos, a não ser os adolescentes. A fantasia está muito descredibilizada, pelo menos no que diz respeito às personagens. Aquela coisa do minimalismo americano, não parecendo, formatou a cabeça das pessoas.

— Eu não sou minimal. Largue-me da mão.

— Estás a perder o cavalheirismo, isso não pode ser. Tu és aquele que se queixa continuamente da violência do exterior, recordas-te? Uma vítima, nunca um verdugo. Gostas de pensar que não és um daqueles broncos insensíveis que povoam os romances contemporâneos, não é? Largue-me da mão não é coisa que se diga, não achas?

— Recuso-me a deixar-me psicanalisar. Dispensso.

— Eu sei, caro Gabriel. Os psis parecem-te uma cambada de aldrabões. Isso é tão típico, tão português, tão macho, tão cheio de aflição e susto... mas fica bem, não te preocupes.

— Proíbo-a de escrever sobre mim.

— Estamos num país livre, meu caro. Não tens por aí um cinzeiro?

Gabriel teve uma iluminação. Disse

— um momento,

e correu para o escritório. Em cima da mesa havia uma pesada estátua de Dostoievski, que sobrava de uma exposição de bustos de grandes escritores que realizara em parceria com a Escola de Belas-

Artes. Entrou pé ante pé. A mulher tinha-se sentado de costas para a porta do escritório, folheando *A mancha humana* de Philip Roth, com os seus dedos translúcidos como barrigas de peixe. Gabriel aproximou-se devagar, ergueu o busto de mármore e bateu na cabeça da narradora, que caiu enrolada no chão, desfazendo-se em água e linfa. Gabriel não sabia o que fazer com aquela espécie de resto mortal: a pele, os olhos de farol espelhado, o cabelo sedoso com brilho de fibra sintética — tudo aquilo pertenceria a um ser que ainda pudesse considerar-se humano? Fechou a livraria e foi ao carro buscar um plástico de grandes dimensões para envolver o que sobrava daquela ameaça — e era extraordinariamente leve. Meteu o embrulho num saco de lixo e levou-o para o porta-bagagens. Depois conduziu para fora da cidade pela marginal até à praia do Guincho, onde regou o plástico com gasolina e o incendiou.

Sentiu o mesmo alívio que sentia quando se livrava de uma amante demasiado insistente. Pensou nos filhos, concentrou-se na história que escolheria para lhes ler ao deitar. Já nenhum deles tinha paciência para as histórias morais e maçadoras que o pai escolhia, mas aceitavam o ritual, fingindo adormecer de imediato para depois lerem, debaixo dos lençóis, as histórias de feitiçaria que os empolgavam.

Assim me tornei narradora do homem do século XXI que olhava para mim sonhando desfazer-se na pintura de cavaleiro do século XIX. A narração continua para lá dos narradores, em particular das narradoras. Ninguém ousará perguntar a uma narradora inexistente se aquilo que narra é a sua vida. Como se a vida, nas mãos de uma mulher, não pudesse exceder os limites do seu corpo, da casa, da realidade concreta. Nem sequer tenho mãos: o meu retrato acaba num pulso adivinhado entre tules. Supunha-se então que a identidade feminina era um composto de rosto, cabelo, seios, decorado por sedas, joias, flores e tules. Isso a que chamamos a nossa vida não existe — é um enxame. O que distingue uma vida da outra é o murmúrio do sonho, a distância a que cada um se coloca dele, o modo de brincar aos abismos.

XXVI. O apagador de sentimentos

Pausa, sugeriu Gabriel, enquanto deitava fora o fumo do cigarro.

— Precisamos de uma pausa.

Ele precisava, portanto decidiu que era o melhor para os dois. O ardor que pusera nos e-mails para o Brasil desvanecera-se depois do primeiro reencontro. Já não temia a incandescência dos trópicos; reconfirmara a fidelidade canina da amante. Necessitava apenas de a domesticar; cada recomeço vinha acompanhado de um empolamento temperamental da parte dela.

Rosa tentou dar-lhe um beijo, mas ele não deixou. Desde a última vez em que se haviam encontrado no carro dele, para fumar um cigarro, como dizia — ou seja, para se fumarem um ao outro —, ela cometera um erro fatal. Mostrara-se apaixonada. Louca. Pronta a ser metida numa camisa de forças para abafar a histeria. Estava tão longe a primeira noite.

— Quero entregar-me a ti,

dissera Gabriel. Estava disposto a abdicar do sagrado princípio de nunca fazer amor sem preservativo. O sagrado princípio que utilizava fora de casa. Disse que com Rosa a entrega tinha de ser total. Os seus olhos escorriam sobre o corpo da amante como ouro líquido. Dizia:

— És tão bonita. És ainda mais bonita do que imaginava.

Dias depois explicara que essa era a sua verdade naquele momento. De qualquer modo, sabia que ela não andava a deitar-se com ninguém — para que se havia de maçar? Amuou quando Rosa lhe disse isto. Achou-a rude. Bruta. Depois começou a acusá-la de excesso de intensidade.

— Sim, sou intensa, essa é uma das minhas vantagens, lembras-te, Gabriel?

Ele nunca era bruto. Teve a gentileza de ir falar com ela ao fim de uma tarde de muito trabalho, antes de voltar para casa. O seu palácio, como diz. Construído contra todas as intempéries. Com um sótão cheio de livros e janelas grandes viradas para as estrelas. Desta vez não chovia. A chuva é uma aliada quando se quer fazer amor dentro de um carro. Mas Gabriel não queria fazer nada. Fazer amor. Dizia que fazia amor com Rosa porque era um cavalheiro e a palavra foder chocava-o. Para Rosa, a ideia de dar uma foda era apenas triste. Nunca havia sido capaz de fazer isso. Preferia masturbar-se, que sempre era fazer amor com alguém que em certos dias amava. Já nem isso conseguia fazer. Começava a tocar-se, sentia os dedos dele e desatava a chorar. Pensava que devia haver uma expressão intermédia, uma definição para essa coisa tão contemporânea que é muito menos do que fazer amor e um pouco mais do que dar uma foda. Há a palavra queca, mas é apenas um sinónimo de cerimónia

para foda. Os brasileiros usam um verbo simpático, transar. Tem qualquer coisa de dança, um travo de alegria, um vago perfume a relação. Já com os portugueses não há meios-termos: ou fazer amor, ou foder. O que significa que frequentemente não fodem nem fazem.

Fazer amor, dizia Gabriel, que não gostava de mentir. Nem se pode dizer que mentisse: mentia a língua portuguesa por ele. Aquilo que acontecia entre eles também não podia chamar-se propriamente foda. Conheciam-se há demasiado tempo. Rosa ficou paralisada a tentar perceber para onde tinha fugido aquele desejo sôfrego que os empurrava para os braços um do outro. Fugira todo para dentro de si? Era apenas ela a desejante? As luzes da cidade acendiam-se enquanto Gabriel lhe explicava que precisavam de uma pausa. Rosa calava, tinha um nó na garganta, não queria que ele visse o seu coração inundado.

A noite atíça as memórias, atira-as contra o coração como um lobo esfomeado. O coração é um lobo esfomeado. Pelo menos o de Rosa — nunca se fartava de querer. As luzes da cidade têm o efeito contrário; acariciam as memórias, e as carícias trazem o poder do esquecimento, conduzem à névoa da infância.

Quando acaba a infância? Em menina pedia ao avô que a levasse a passear de carro à noite para ver as luzes da cor do sol. As luzes da cidade eram a sua festa. Sempre gostara de viver de noite.

Pausa, disse ele, e Rosa congeminou que a pausa fazia parte da masculinidade. Essa lentidão evita o envelhecimento. As mulheres nascem aceleradas. Querem viver tudo até ao fim. Por alguma razão, o único órgão do corpo humano destinado exclusivamente ao prazer é delas. Clítoris. Do grego “kleitorís”, o que fecha. Pequeno órgão erétil do aparelho genital feminino, situado na junção dos pequenos lábios, na parte superior da vulva. É o que diz o Grande Dicionário da Língua Portuguesa.

Ele ia e vinha e ela era uma criança sentada à porta de uma casa onde ninguém estava. Os sentimentos arrastam-se como malas pesadas cheias de tralha que não sabemos de onde vêm. Rosa sabia que o desejo tem de ser vivido até ao fim. A pausa era-lhe insuportável. Bloqueava-lhe a vida. Viciara-se em conversar com ele, pensar através dele. E em deixar de pensar, deixar de ser, entregando-se.

— O corpo não mente,
dissera. De cada vez que ele repetia:

— eu não estou apaixonado por ti,

Rosa sentia o corpo dele fugindo-lhe da boca e pedindo desculpa por essa mentira. Mentira honesta, porque quando acabavam de fazer amor o cérebro assumia o comando e tomava conta de tudo. Como seria Gabriel aos cinquenta e cinco anos, aos sessenta? O que

lhe ficaria do que vivera? Chegaria a lamentar não ter sido capaz de experimentar a liberdade até ao fim?

Depois daquela ordem de pausa, Rosa deixou de atender o telefone. Não lhe apetecia falar. Não queria ter o telefone ocupado caso ele telefonasse para anunciar o fim da tal pausa. De cada vez que repetia:

— eu não estou apaixonado por ti,

ela desapaixionava-se dele. Com uma navalha no coração. O coração tem algo de réptil; corta-se-lhe uma extremidade e ele volta a crescer. A pele seca-se-lhe, ele abandona-a e cria uma pele nova. O amor encandeia como um relâmpago num primeiro instante, mas depois esclarece: torna-se instrumento de conhecimento.

Rosa sentia que cada dia de pausa os afastava um do outro, de um modo irreversível.

A pausa contribuiria para a amansar, como ele queria — mas destruía-a. Acendia um cigarro por cada momento em que lhe acudia o ímpeto de lhe escrever:

— o meu corpo dói de saudades do teu. Dói-me tanto que não consigo comer. Bebo água e café.

Se bebesse vinho acabaria por arranjar um modo de dedilhar as palavras:

— tenho saudades de ti.

Talvez até chegasse ao ponto de escrever outras coisas. Por exemplo:

— cabrão, sacana, monstro, filho da puta.

E Gabriel, extremamente bem-educado, teria nova ocasião de lhe dizer:

— és bruta.

Estava decidida a sair perfeita do campo de reeducação em que a enfiara. Capaz de lhe escrever coisas doces, bem medidas, como as que ele lhe escrevia.

— Abraço-te na tua noite. Nos teus lençóis, onde abraçar-te nunca me chega.

— Estás muito no meu pensamento e no meu desejo.

— Tenho vontade de ti.

Sentia-se uma mulher do século XIX, a enlouquecer num hospício. Sentia-se abusada. Portara-se mal e ele pusera-a de castigo, até que aprendesse a ser uma senhora e o recebesse quando e como ele quisesse.

Dezanove dias de pausa — dezanove dias em que Gabriel se apagara voluntariamente do computador, do telefone, da vida. Rosa pensava que se já tinha vivido aqueles dezanove dias podia viver noventa. E novecentos. Quando Gabriel respondera aos seus urros de

dor para lhe vir carregar no botão da pausa, já não se viam há quinze dias que a ele lhe pareciam uma semana. A Rosa pareciam-lhe quinze dias, mas não mais. Falavam. Escreviam. Estava calma. Feliz. Sentia-o próximo. Até aquele último telefonema do sábado dos desencontros, em que ele gaguejava ao telefone. Podia ter sido tão simples: ele dizia

— Morro de vontade de estar contigo, mas não posso.

E ela dizia

— Está bem.

Não estaria tudo bem, sobraria a saudade, a vontade, a noite fechada sobre a ausência, mas ficaria tranquila, sentindo-o perto de si, algures. Aquele gaguejar aflito dizia-lhe que estava a incomodá-lo, que era um peso na sua vida. Durante todo o fim de semana chorou como uma vítima, uma mulherzinha estúpida. Experiência inédita. Humilhante. A miséria da dor. Agora já sabia como era. E sabia que nunca mais voltaria a ser assim.

— Se as lágrimas das mulheres fizessem crescer os homens, o mundo estaria povoado de gigantes.

Isto costumava dizer Nazaré, que tinha uma habilidade de ladra para descobrir as combinações do cofre do comportamento e fazer-lhe estalar a fechadura com um toque de graça.

— Defende-te de mim,
dissera-lhe Gabriel.

— Aprende a defender-te de mim. Não quero fazer-te mal.

Dissera.

— O que se diz enquanto se está a fazer amor não conta.

Dissera.

— Tu és forte. Não te esqueças disso.

Dissera.

Por que raio se armava aquele infeliz em professor? E se ela não estivesse disposta a aprender nada do que ele pretendia ensinar-lhe?

Era forte, sim. E por isso fora posta em pausa. Para não atrapalhar um fraco. Para se tornar tão fraca como ele. Para que as palavras que se dizem enquanto se faz amor não existam. Para que o amor não exista. Todas as noites cantava a efemeridade do amor para japoneses fotógrafos e casais enamorados. Fugia do Abrigo da Lua mal acabava o serviço para chorar sozinha. Às amigas, dizia-se compenetrada na escrita de novos fados; não acreditavam nela, mas já não sabiam o que dizer. A felicidade dos outros feria-a como uma ofensa ou como uma regalia a que não tivesse direito.

— Rosa, querida, vamos juntar um grupo para jantar — insistia Farimah.

— Rosa, amor, vamos fazer um baile de Natal — dizia Teresa.

Teresa e Farimah aliavam-se para tirar Rosa do labirinto da

tristeza. A infelicidade voluntária tem limites. Ser feliz deve ser mais fácil. Apareceram de surpresa as duas — e Rosa varreu-as, numa fúria:

— Vão passear, vá, não me chateiem.

Arrependeu-se ainda elas caminhavam rua abaixo, lentamente, sem saber que mais fazer ou dizer. Vestiu uma gabardina por cima do pijama e correu atrás das amigas gritando:

— Desculpem!

Uma chuva fina e fria molhava-lhes as cabeças e as costas sem que as três amigas o notassem, unidas num abraço longo, atrapalhando os transeuntes apressados. Enquanto permanecessem juntas seriam capazes de ultrapassar todos os males.

— Vamos para casa, canário; não podes deixar que a chuva te estrague a voz.

Disse Teresa.

— A voz dela é feita de chuva, nada pode apagá-la.

Disse Farimah.

Riram e tudo ficou de novo certo.

O riso parecia, de algum modo obscuro, convocar Gabriel, que nessa mesma madrugada voltou a escrever um e-mail a Rosa, dizendo que seria bom que se encontrassem, sem pesos nem recriminações. Rosa respondeu, dedos voando sobre o teclado, que estava pronta para o reencontrar em quaisquer termos, e apesar de todas as palavras e atos injustos que recebera dele, porque não tinha decisão, apenas amor. Esperou o sinal de mensagem com o coração num alvoroço de alegria. Mas Gabriel recebeu a declaração dela como um tiro na sua boa vontade e disparou de imediato:

“Encontrar-nos-emos um dia destes, quando perceberes que as minhas palavras não são tão agressivas como as pintas ou quando admitires que fizeste coisas erradas, e não usares os sentimentos como um apagador.”

Estas frases arrastaram Rosa através de um túnel escuro onde o corpo era esmagado enquanto se acendiam as luzes e se escutavam os sinais sonoros dos acidentes irremediáveis. Caíra para a linha ou atirara-se? O objeto vermelho que rolava diante de si era a mala de mão ou qualquer engrenagem que se desaparefusera dentro de si? Onde é que já tinha ouvido relatos onde a sequência de palavras “fizeste-coisas-erradas” e “não-uses-os-sentimentos-como-um-apagador” se repetiam? Porque estariam distorcidas as vozes que narravam as histórias onde aquelas palavras se repetiam?

Vítimas: era isso o que tinham em comum as vozes distorcidas.

Vítimas de abuso que falavam atrás de máscaras ou biombos às reportagens de televisão. Mulheres que ela tinha dificuldade em entender, mulheres que a enervavam: como demoravam tanto a perceber a violência? Como podiam ser a tal ponto estúpidas? A

resposta era simples: os homens que as submetiam eram também criaturas acidentadas. Elas chamavam amor ao medo. Eles chamavam amor ao poder. Poucos eram os homens e mulheres preparados para arcar com as consequências imprevisíveis do amor, que representava uma experiência de vida inédita, uma exigência de ingenuidade provavelmente impossível. Rosa sentiu horror, pena e amor por Gabriel. Um amor subitamente livre, cinzento, desprovido de esperança. Escreveu-lhe:

Eu não uso os sentimentos como um apagador, Gabriel. Já te pedi desculpa das “coisas erradas” (nunca ouvi igual desculpa tua, e teria muito a dizer nesse capítulo...), já te agradei o muito que fui feliz contigo.

Com esta resposta bruta não me fica mais nada para dizer, mesmo. Era escusado, tenho pena. Amo-te, para mal dos meus pecados, e sem querer com isso apagar nada.

Mas assim não dá. Poupa-me, Gabriel, por caridade.

Escreveu “amo-te” sabendo que a palavra abriria a carótida do amante como uma navalha. Ficou a olhar para o modo como o sangue vermelho de Gabriel alastrava pelo ecrã do computador. Imobilizou-se diante do ecrã até sentir os pés e as mãos gelados e dormentes. Esperava ainda uma palavra. Uma palavra que a degolasse e que cumprisse o ritual do suicídio duplo. A palavra não veio e Rosa acrescentou:

Por muitos livros que leias, concluo tristemente que tens a sensibilidade de um camião tir.

Esquece-me, Gabriel. Eu vou de novo, espero que em definitivo porque bem o mereço, tentar fazer o mesmo.

Três frases redundantes. Escrevia-as como se tomasse uma dose dupla de remédio, para acelerar a cura através do veneno. Escrevia-as para o violentar sem atenuantes. Pela primeira vez, prescindia da rede armadilhada da sedução — não havia nada que Gabriel pudesse agarrar para pegar nela e evitar a queda. Não havia retorno.

Gabriel fixou os olhos da princesa morta na caixa de chocolate, ansiando voltar a apaixonar-se por ela. Durante muitos anos o truque funcionara: metia as mulheres de carne e osso dentro da pintura dos olhos dela. Conversava com ela e os seus olhos planos perdiam a tristeza. Fartava-se de todas as amadas menos da sua princesa russa, porque ela não existia. Lina. Condessa Lina Muraviova, nascida princesa Gagarina. Casada com quem? Com um alto funcionário imperial, que provavelmente nunca amara. Guardara-se para ele, para se deixar olhar por ele. Os movimentos das mulheres repetiam-se. Rosa, tal como Penélope, nunca sabia onde metia as chaves,

praguejava nervosamente à porta de casa, de cócoras, espalhando no chão papéis, estojos de maquilhagem, escovas, as tralhas confusas que as mulheres acumulam nas carteiras. Como Penélope, Rosa voltava atrás no mínimo um par de vezes antes de sair de casa, porque sempre se esquecia de alguma coisa.

Nascera para ser solitário, estava convicto disso. Por outro lado, afeiçoara-se ao seu canto, era-lhe insuportável pensar em não terminar o dia no seu covil, com os discos, os livros, o uísque, o computador, o cadeirão. Penélope tinha o imenso mérito de não ser invasora; não o maçava com os tão femininos incômodos da “partilha” de tarefas ou lazeres. Gabriel desprezava os homens que se deixavam arrastar para vidas agendadas pelas mulheres.

Como se atrevia Rosa, a quem tanto se confiara, com quem fora tão sincero, a insultá-lo? Como se atrevia? As palavras dela arrasavam, revolviam o estômago. Nenhuma amante lhe fizera isso. Nenhum dos seus casos se arrastara tanto e tão dolorosamente. Aquela história tinha de acabar. O desejo martirizava-o. Se ao menos pudesse fazer amor com ela até ao enjoo. Se conseguisse tornar a raiva mais densa do que o desejo.

Acariciava-se olhando para Lina e os olhos de Rosa perfuravam-no. O cheiro de Rosa. Uma vez roubara-lhe as cuecas. Metera-as no bolso. Escondia-as numa gaveta fechada, há quase dois anos. O cheiro azedara, depois desaparecera. Mas bastava tocar naquela estúpida peça de renda e cetim para que o perfume dela o embriagasse. Procurava enfiar aquele triângulo de renda preta no sexo da princesa de papelão, que só tinha meio corpo e da qual nem as mãos se viam. Os dedos de Rosa. Procurava-os na Internet, agarrados às franjas do xaile do fado. Parecia-lhe ver ciúme nos olhos de Lina, fixos nos seus, onde quer que estivesse. Os olhos de Rosa eram um mar escuro iluminado por relâmpagos de loucura. Um caos de mar e céu, noite e remorso. Os de Lina estavam mortos. Macios e mortos. Não perdoava a Rosa ter matado Lina, e continuava a falar com ela para iludir essa morte, que era a da sua adolescência.

— Só tu me entendias. Sossegavas-me. Porque desapareceste?

Sabe o leitor que Lina desapareceu para se tornar a narradora desta história. Sabe a leitora que narrador ou narradora é indiferente; os romances acabam por não ter autor, são condensações atmosféricas. Nem têm sexo, a não ser o que flutua no sangue das personagens, matéria inflamável, indiferente às convenções de género. Quando Tolstoi se lançou para os rodados de um comboio nos ossos de Anna Karenina já não era o homem que decidira pegar num escândalo da sociedade do seu tempo para o transformar numa história moral. As histórias não têm princípio nem fim; agarramo-las como náufragos em busca de calor e devolvem-nos uma vida distinta da que julgávamos

viver.

Gabriel acreditava poder manter-se imune à torrente das histórias, folheá-las e organizá-las como troféus numa vitrine. Aconchegara os abismos no olhar liso de uma princesa morta e fizera dela a sua guardiã. Depois perdera-se; tornara-se personagem. Inútil revoltar-se contra o ser exterior que o manipulava como uma marioneta; instalada a ficção, todas as leis do real se encontravam suspensas, e os braços presos por fios possuíam agora o odor do imprevisível. Assassinar o autor nunca liberta a personagem, pelo contrário. Também os autores vão sobrevivendo algemados aos seus mortos; por isso a literatura é um registo de crimes sem igual.

Lina substituíra-se à narradora inicial. Desaparecia nele porque o conhecia por dentro, com a ferocidade e o despojamento de juízo reclamados pela busca da verdade, que é o motor da imaginação. Gabriel inventava-se sem saber como; conhecia-se mais do que seria conveniente para o projeto de uma vida sem sobressaltos.

É demasiado tarde para o avisar, caro leitor; tornou-se demasiado tarde no momento em que se deixou submergir nas páginas do seu primeiro livro; de qualquer modo, é impossível ignorar que as palavras contêm o vírus do sentido e que para esse vírus não há cura, nem vontade de a encontrar. Não se deixe intimidar pelos escritores que pretenderem ocupar o lugar de Deus: as palavras são mais fortes. Sentir-se-á empurrado de um livro para o próximo, abanado em voo por poços de ar, triturado por máquinas invisíveis, desmontado como um brinquedo industrial, eufórico como um general, feliz como uma criança adulada, e muitas vezes acordará entre as páginas sem saber para que lado tem os pés ou a cabeça. Os escritores morrerão, mais ou menos inchados de glória e tão miseravelmente votados às trevas do esquecimento como Rosa ou Gabriel, Eva ou Farimah, Luísa ou Fernanda, Joaquim ou Mandela. Mas entre o berço e o caixão, encontramos nas palavras — ainda que desamparadas, titubeantes, aflitas, imperfeitas — o prazer da imortalidade.

Rosa deambulava pelas ruas cintilantes de luzes de Natal sem notar o frio, as cores, as vozes, o cheiro das castanhas assadas.

— Encontrar-nos-emos quando deixares de usar os sentimentos como um apagador.

A frase triturava tudo o que nela sorria e irradiava. Conseguiria odiar Gabriel mais ainda do que o amara? O suficiente para esquecê-lo? Naqueles dias, descobria que ele a transformara numa coisa, numa experiência laboratorial, num tónico sexual. Via-o agora com os olhos tapados por uma tarjeta luminosa, como os predadores das reportagens televisivas. Sem olhos, a cara era uma máscara, movendo-se com a lentidão do terror. A recordação do sexo tornava-se embaraçosa como roupa suja espalhada na sala. Sentia

vergonha de ter amado um simulacro de homem, sentia vergonha de ser uma dessas mulheres que a impacientavam com ladainhas ignorantes, na televisão. Lembrava-se de como ele vertia o vinho da sua boca para a dela e sentia nojo. Cada um dos gestos e movimentos de intimidade lhe surgia como uma marca de abuso. Estava quase livre do desejo. Quase.

O tempo tem a misteriosa qualidade de afastar o mal e aproximar o bem. Um mês depois da separação Rosa começava a considerar o abuso de Gabriel como uma banal sequência de gestos desastrados. Convencia-se de que se libertara da paixão e deixava-se invadir pelo perfume insidioso da ternura. O que ele destruíra nela reconstruía-se mansamente. Dizia a si mesma que, se voltassem a cruzar-se, seria capaz de ter uma relação física sem implicações sentimentais. Não falava às amigas desta convicção; sabia que não acreditariam. Pior: teriam pena.

— Esqueci o Gabriel.

— Já o disseste muitas vezes, nos últimos dias. Tantas que parece que o lembras muito.

Respondeu Teresa. Farimah sorriu, um sorriso condescendente que enfureceu Rosa:

— Vocês são umas analistas do carações. Até logo.

Respondia com três pedras na mão, fervia em pouca água, não parava muito tempo num lugar. Só Paulo conseguia acalmá-la; como ela, era um perito em amores de humilhação.

— Acho que é bom admitirmos que gostamos de ser maltratados. É uma forma de arte como outra qualquer. Se pensarmos assim já não custa tanto. Ele diz-me coisas terríveis e eu sorrio; faço de conta que é uma *performance*. Uma ficção.

Rosa entendia que uma coisa era o gosto e outra bem diferente o vício, e projetava livrar-se da doença do apego por Gabriel. Passava umas horas sem ver a sua imagem e julgava-se a caminho da cura. Cantar o fado não a ajudava — canção feita de águas passadas que nunca acabam de passar. Trocava e-mails com o pai, que a aconselhava a gozar a juventude abrindo os olhos para outras vozes e outras conversas. Consolava-a a ideia de ter um pai. Luísa procurou-a no Abrigo da Lua; Rosa sacudiu-a.

— Não queira agora contar-me histórias da carochinha, que não tenho idade.

Farimah intercedeu por Luísa; lembrou-lhe que as pessoas evoluem e que o julgamento não traz felicidade.

— Ouve-a, pelo menos. Conversa com ela.

Rosa retorquiu que estava farta de ser tolerante e que não havia conversa capaz de refazer uma vida de mentiras. Farimah dizia

que a mentira pode ser uma expressão de amor; pode até representar o amor na sua nobre forma de abdicação.

— Luísa carregou-te nove meses dentro dela. Pode ter pensado que fazia o melhor para ti, não ficando contigo.

Rosa não queria entender a desistência como forma de amor. Se o amor existia tanto na coragem como na cobardia, na entrega como na abstinência, na palavra como no silêncio, não valia nada, não acrescentava nada, acabava por ser um elemento neutro. Sentia uma ternura inútil por Eva — recordava-se das acusações que lhe fizera, da relação difícil que haviam vivido, e comovia-a que essa que fora a sua autêntica mãe nunca tivesse desistido, nem dito:

— Não tenho de te aturar.

A mentira de Eva era perdoável porque tinha como fundamento o amor. Procurou Fernanda, que lhe jurou que nunca soubera que Eva não era a sua mãe biológica.

— A biologia, minha filha, não é grande coisa. E não se pode pedir às pessoas mais do que elas podem dar.

Fernanda lembrou-se, de súbito, de um velho diálogo com o ex-marido. Estava na cozinha a fazer sopa quando o homem entrou. Vinha buscar o filho para jantar. Disse-lhe boa noite e, enquanto esperava pelo rapaz, disse que se sentia em baixo porque a Valéria tinha morrido.

— Imagina tu. Com quarenta e cinco anos foi-se com um cancro.

Fernanda continuara a mexer a sopa.

— Não estás a contar com os meus pêsames, pois não?

— Não, não... mas é perturbador que alguém com quem tenhas tido uma história de amor morra. Já algum dos homens da tua vida morreu?

— Hum... deixa-me pensar.

Mexeu a sopa devagar, como se demorasse a contabilizar os homens:

— ... Ainda não.

— Pois. Foi a primeira vez que isso me aconteceu.

— Pela parte que me toca, oxalá não volte a acontecer-te tão cedo. É tudo o que tenho a dizer.

— Mas compreendes o que eu sinto?

— Compreendo. Então não. Já quando eu estava grávida e tu me disste que ela pensava que estava grávida também e que sendo assim não sabias se era comigo que querias ficar, eu compreendi.

— Não me lembres isso.

— Pois. Até me perguntaste se eu não percebia o que tu estavas a sofrer.

— Eu sei, eu sei. Não me lembres isso.

— Por acaso quando há uns meses me disseste que a tinhas visto e que ela te disse que estava com um cancro pensei que talvez fosse como quando te disse que estava grávida. Olha, desta vez pelos vistos enganei-me. Não se pode acertar sempre.

— Não digas essas coisas. Isso já acabou há tanto tempo. Coitada, com quarenta e cinco anos.

— Pois é. Imagina se ela tivesse mesmo ficado grávida: lá tinhas tu de ficar agora sozinho com um filho. Que carga de trabalhos.

Fernanda criara o filho sozinha. O ex-marido ficaria ofendido se lho dissesse: então não levava o rapaz a jantar uma vez por semana? Não lhe comprava tudo o que ele pedia? Não pagava metade do colégio? A memória daquela conversa impacientou-a. Fernanda disse a Rosa que estava a fazer uma tempestade num copo de água e que não queria continuar uma conversa que desonrava a memória de Eva.

— Tiveste mais do que ela. Tiveste mais do que eu. Choras por excesso de mimo. Quando quiseses chorar a morte da tua mãe, chama-me; eu choro de saudades dela todos os dias. Para chorares por ti ou dizeres mal de Luísa, tens as tuas amigas. Uma delas até a deves a Luísa. As coisas nunca são só o que parecem. E nunca são só acerca de ti.

Teresa amava Rosa que amava Farimah que amava Rosa que se perdera no trânsito congestionado do amor. Teresa e Farimah resolveram pôr entre parêntesis os ciúmes por amor do amor que precisavam de ver em Rosa. A iniciativa partiu de Teresa; Farimah era demasiado tímida e sentia-se ainda na posição da intrusa. A estrangeira. Mandela fazia-a muito feliz, mas não percebia a que ponto ela se sentia posta de lado nas reuniões com os amigos dele. Acarinhavam-na; porém, não lhes pertencia. Não fazia parte dos episódios de juventude que recordavam. Contavam metade das histórias e riam à gargalhada. Ou evocavam uma frase e diziam, melancólicos:

— Essa noite é que foi... Que espetáculo.

Farimah não assistira aos mesmos espetáculos, não partilhara glórias e falhanços com aquelas pessoas. Falavam de política e ela não conseguira ainda fixar os nomes dos líderes nem as distinções.

— Qual é a diferença entre o PS e o PSD?

Fazia perguntas como esta, em plena inocência, e troçavam dela. Alex explicava-lhe pacientemente a História do País. Mas não com tanto afínco que Farimah conseguisse decorar tudo, ou interessar-se pelos pormenores. Passava-lhe livros de Eça de Queiroz, dizendo-lhe que assim entenderia Portugal. Ela lia e não entendia: a vida portuguesa afigurava-se-lhe muito mais subtil e impulsiva. Nos romances de Eça, tudo redundava num foguetório de riso sobre a vontade de poder e o predomínio das aparências. No início do século ^{XXI} os portugueses pareciam-lhe donos de outros sonhos e, sobretudo, de outro riso. Não se riam apenas de si mesmos nem dos outros. Riam-se quando estavam juntos em volta de uma mesa. Riam-se por amor ao riso.

Os amigos de Mandela perguntavam-lhe como tinha sido viver no mundo do fanatismo, sem perceberem que a pergunta a insultava. Diziam coisas gerais sobre “os árabes”. Farimah desistiu de explicar que os persas não eram “os árabes”. Duvidava até da amizade de Rosa; às vezes pensava nela como uma vedeta de cujo caderno de encargos fazia parte proteger uma vítima da opressão. Estivera a ponto de abandonar a casa de Alex, que a sermoneava sobre o desastre das relações entre aquilo a que chamava “níveis culturais” diferentes, tentando dissuadi-la do namoro com Mandela.

— É um elogio que te faço, Farimah. Tu mereces mais.

— O meu pai também tinha ideias definitivas sobre o que eu mereço. Chega.

Ninguém admitia ter preconceitos; seria o mesmo que admitir-se assolado pela lepra; fazia-se de conta que não havia classes sociais e que tudo era cultura. No caso de Alex, salvou-o o desespero da

solidão: pediu ao casal de amantes que vivesse na sua casa e a Farimah que não se divorciasse dele. Constituíram uma família, com as gripes de ciúme e raiva próprias das famílias felizes. A princípio, Alex resmungava:

— Descolem-se lá um do outro, antes que o melão inunde tudo.

Mandela soltava-se dos braços de Farimah, nervoso. Um dia, a jovem pôs as mãos na cintura e desafiou o marido oficial:

— Qual é o teu problema? Queres dormir comigo ou com o meu homem? Queres o divórcio para poderes dizer que eu sou uma cabra interesseira?

O espanto da descoberta de uma Farimah desconhecida somou-se ao divertimento de a ouvir pronunciar “cabrra intéressira” como se disparasse um canhão; os dois homens desmancharam-se em riso, e acabaram os três, abraçados, a chorar diante do *Doutor Jivago* de David Lean.

Rosa, por seu lado, invejava o amor bom de Farimah e Mandela. Como invejava o casamento de Teresa; por muito que a amiga se queixasse da obsessão que o marido tinha por cozido à portuguesa, da seca de aturar a sogra ou de como estava farta de ouvir Bach todas as manhãs, a felicidade sobrava-lhe. Teresa estaria sempre disponível; uma vez insistira em acompanhá-la com o marido num fim de semana ao Algarve, onde ia cantar — e Rosa não conseguira dormir, porque através das paredes finas do quarto de hotel ouvira Teresa e o seu homem. Não aguentava o chiar da cama. Procurava convencer-se de que estava melhor sozinha do que no meio daquela chiadeira repetitiva. Mas gostaria de ter alguém a quem afagar quando abrisse os olhos, de manhã. Detestava que Teresa e Farimah lhe dissessem que o importante era que estivesse bem consigo e que cada vez mais gente gostava dela. Palmas e solidão. Porque não seguiriam elas tão bela receita existencial? Achavam-na superior a essas coisas. Superior a elas.

— Não te aflijas. Tudo vai correr bem.

Deixou de lhes atender o telefone. Ignorava-as no Abrigo da Lua, sentando-se ostensivamente nas mesas dos fãs.

— Senta-te aqui um bocado connosco.

— Não se preocupem, estou apenas a seguir os vossos conselhos. Não passam a vida a dizer-me que tenho de ter mais mundo? Estou a fazer o que me mandam.

Sentia ciúmes quando via Farimah e Teresa com os seus respectivos homens na mesa do Abrigo da Lua. Dois casais perfeitos. As duas amigas conversando baixinho, provavelmente sobre ela. Ou talvez não.

— Nem tudo é acerca de ti.

Com Gabriel, tudo era acerca dos dois. Não havia mais nada.

Ele dizia que era um solitário e ela dizia que sonhava com uma vida a dois, e nada disto era verdade nem tinha qualquer importância. Gabriel não conseguiria abdicar da ficção de família e Rosa temia a rotina dos hábitos conjugais. A ferida de solidão que ambos possuíam desaparecia quando se encontravam; as coisas do mundo planavam em redor deles, como balões e sóis e flores, a temperatura da existência tornava-se a dos corpos desejantes e os obstáculos desapareciam. Não tinham fome nem frio nem medo de espécie alguma quando estavam juntos. No entanto, estavam separados durante a maioria das horas da vida.

— Teresa. Tenho sido muito injusta contigo.

— Isso não é conversa para se ter ao telefone. Onde estás? Vou já ter contigo.

Os dias transformaram-se em corredores imensos que se prolongaram por semanas e depois por meses através dos quais Rosa começou a distinguir com clareza o amor que Teresa e Farimah lhe dedicavam. Um amor que ia além dos seus próprios amores, um amor que nunca sofreria o desgaste do desejo sexual mas que era também composto por uma erótica de risos, confissões, roupa trocada e companhia nos momentos maus. Um amor que não desaparecia com as rugas ou com a comunhão da casa de banho, um amor à prova de falha. Se não a amassem, não se teriam unido, tão diferentes eram a provocatória Teresa e a tímida Farimah. Mas estavam-lhe gratas por se terem encontrado; Teresa não usava com Farimah o tom paternalista e piedoso que tanto a cansava e Farimah não classificava Teresa como uma executiva irritantemente bem-sucedida. Eram apenas duas mulheres com as suas dificuldades, alegrias e problemas; Teresa com os seus fatos de saia e casaco, decotes opulentos e os saltos altos que a faziam soltar impropérios; Farimah com os seus *jeans*, ténis e túnica amplas: amigas. Concentradas em manterem Rosa à tona do mar do amor impossível. Sabiam que não valia a pena tentarem salvá-la, que ninguém se salva quando o seu desejo é o de se perder. Mas podiam mantê-la a boiar, ajudá-la a respirar.

XXVIII. Traição

Gabriel estava exausto de esperar por Rosa e assustado por não conseguir esquecê-la. Procurá-la significaria desrespeitar a decisão dela e dar um passo em direção a um abismo que lhe agradava circundar mas no qual nunca considerara precipitar-se. Desenhara os contornos daquela relação com as palavras carinho e desejo; tinha de respeitar esses limites. Se ao menos pudesse não pensar nela durante algumas horas por dia. O negócio estava alarmantemente morno; o número de livros publicados subia de dia para dia e as vendas desciam. Começou a criar espaço na livraria para cadernos, lápis, papéis e revistas. Teve de substituir o mais experiente funcionário por uma jovem estagiária. Svetlana, uma jovem ucraniana prestável, espreitada e barata. Economizava e fazia uma boa ação, porque Svetlana aparecera-lhe desesperada: o pai morrera há seis meses e a família debatia-se com dificuldades financeiras sérias.

Um dia, a jovem despediu-se dele com um abrasador beijo na boca. No dia seguinte, fechou a livraria mais cedo, deitou-a no chão do seu escritório e gemeu de prazer com ela. Svetlana disse-lhe que esperara toda a vida por aquele orgasmo simultâneo, informação que Gabriel não tomou como relevante, dado que a vida de Svetlana não excedia os vinte anos, além de que tinha algumas dúvidas sobre a sincronia declarada. Agradava-lhe sentir-se desejado por uma rapariga nova e bonita. Empreender uma cópula até ao fim, dando prazer à parceira, reforçava-lhe a confiança, bastante esfolada pelos tratos de polé a que Rosa a submetera.

O ideal seria apagar o corpo de Rosa naquele corpo mais tenro — mas o desejo não obedece a medidas-padrão. Já se sentia satisfeito quando fechava os olhos e imaginava que era Rosa quem se lhe entregava no chão do escritório. O cheiro, a voz, os gestos — tudo desmentia essa idealização. Gabriel pedia a Svetlana que gemesse mais baixo, ou virava-a de modo a tentar despersonalizá-la — porém o sexo de Svetlana não tinha o toque de Rosa, as suas nádegas eram outras, desprovidas de tatuagens; o seu modo de amar muito mais sôfrego e menos intenso. Gabriel não conseguia misturá-las, o que começava a criar-lhe dificuldades concretas no ato.

— Salva-me, Princesa Lina.

Lembrou-se de a levar para o carro e pedir-lhe que se sentasse em cima dele. Tantas vezes Rosa fizera isso — mas a diferença entre as duas começava nesse gesto inicial; Rosa tomava a iniciativa de se lhe submeter; a Svetlana, era preciso dar todas as ordens: mais do que entregar-se-lhe, preocupava-se em agradar.

A porta do carro abriu-se de repente. Como não se lembrara de a trancar? Com a rajada de vento da noite entrou também a voz económica de Teresa:

— Vim só observar o tamanho da tua saudade de Rosa. Estou informada. Faça bom proveito desse traste, minha senhora. Boa noite.

A irrupção de Teresa deixou Gabriel em choque. Como se atrevera a violentá-lo daquele modo obsceno? Não bastava já a deslealdade de Rosa, que lhe torpedeara as expectativas de uma relação saudavelmente clandestina? Nunca lhe mentira, nunca lhe criara esperanças — e o retorno da sua sinceridade era um tiroteio contínuo. Levou Svetlana a casa, em silêncio. Não acabou ali o caso com ela; seria demasiado cruel, e Gabriel orgulhava-se de não ser um homem cruel. A sua cartilha moral fez com que procurasse alento para mimar Svetlana com um razoável simulacro de desejo físico.

— Diz-me que me amas.

— Digo-te que tenho muito carinho por ti.

As mulheres pareciam nascer viciadas na palavra amor. Ainda que ninguém lhes alimentasse esse vício, persistiam.

— Entrar em ti, e dentro de ti ver o mar.

Gabriel gostava de utilizar as palavras com rigor. Também já não dizia a Penélope que a amava. Há muitos anos que não dizia. Mas Penélope não exigia declarações de amor. Sorria quando o ouvia dizer aos filhos:

— Amo-te.

O amor que concentrara nela multiplicara-se agora naquelas três pessoas que eram também ela. Metade de cada um. Naquelas três crianças cumpria-se o milagre da imortalidade de cada um deles e do desejo que os empurrara um para o outro, há muitos anos. Eram vaidosos dos filhos como de um tesouro e esforçavam-se duramente para que eles viessem a ampliar essa vaidade: haviam de ser bons e bonitos e bem-sucedidos e de ter netos extraordinários e assim sucessivamente. Estavam ambos empenhados nesse projeto de longo curso.

Gabriel pensava em lançar uma pequena editora que chegasse aos seus netos como uma multinacional de prestígio. Gabriel Santos, editora. Usaria o seu nome, como fizera Gallimard. O seu sonho não era menor do que fora o do editor francês, pelo contrário. Havia apenas que aguardar pelo desenvolvimento económico do país e pelo crescimento dos mercados dos países de língua portuguesa. Os filhos estudariam Economia ou Gestão, seriam homens e mulheres mais livres do que ele tinha podido ser. Leonor insistia em ser atriz e os gémeos imaginavam-se biólogos ou veterinários. Mas essas ideias haviam de lhes passar à medida que se fossem adequando à realidade. Tanto ele como Penélope possuíam um forte sentido da realidade. A genética havia de vencer.

Teresa levou Rosa para um bar sossegado, ao fim da tarde, e contou-lhe como perseguira Gabriel. Ocorrera-lhe procurá-lo na

livraria, e chegara a estar diante da montra, mas então vira Gabriel acariciando as costas de uma jovem funcionária e recuara. Esperara pelo fecho da livraria e seguira-o no carro, esperara que ele e a rapariga jantassem num restaurantezinho de Belém e que depois estacionassem o carro à beira-rio, junto da Torre que homenageava a partida das caravelas.

— Como tiveste coragem para isso?

— Amo-te. É só isso. Não suporto que te enganem. Não suporto que te façam sofrer. Espera. Agora é que vem a melhor parte. Dá-me a tua mão. Isto não é fácil. Não te zangues comigo. Tens de tirar aquele gajo da cabeça.

— Já tirei.

— Mas não o tiraste do corpo nem do coração. O tempo passa e o silêncio embrulha-o como um presente. Ele conta com isso: com a força do silêncio e da ausência sobre o desejo. A memória apaga a dor e alimenta o prazer. Sou farmacêutica, sei como é. Todos os dias troço em gente que se esqueceu da dor.

— Vá, diz-me. Ele fodeu a rapariga?

— Fodeu, sim, minha querida. De certeza que não como te fodeu a ti. Pode até dizer-te que a fodeu por causa de ti. Não se sabe se os homens amam. A única coisa que se sabe é que não gostam de amar quem os ama.

— Nisso poderiam ser mulheres. Ele não vai dizer-me mais nada.

— Sabes que isso não é verdade. Mas sabes agora que nunca poderias ter confiança nele. Nunca saberias se ele não te aldrabava. Se um dia ele deixasse a mulher, como tu pensas que deixará, quando os filhos crescerem.

— Hoje ninguém pode contar que os filhos cresçam. Ficam em casa dos pais até terem cabelos brancos. Eu já não contava com isso.

— Comigo não precisas de armar em forte. Chora, se quiseres.

— Já não sei como se chora, Teresa. Até isso ele me tirou.

Teresa abraçou a amiga, afagou-lhe o rosto e o cabelo, contou várias vezes o que dissera a Gabriel e descreveu o seu rosto aterrorizado.

— Garanto-te que hoje aquela queca correu mal. Duvido que tão depressa volte a ter vontade de comer meninas na via pública. Por acaso até eu achava que, depois de ti, ele não seria capaz de se meter com mais ninguém. Mas os apêndices masculinos vivem em autogestão. Não estão conectados à rede. Vivem na pré-globalização, no tempo das pontes levadiças.

Rosa riu-se. Teresa sabia fazê-la rir em todas as circunstâncias.

— Gostava de ser lésbica.

— Todas nós, princesa. Incluindo as que são. O amor é sempre

um filho da puta de um homem: rouba-nos tudo o que temos e deixa-nos sem terra. As mulheres que se apaixonam por mulheres também passam por isto. É a mesma merda. Os homens vivem há séculos apaixonados por eles mesmos. Isso não vai mudar só porque a cabeça deles decidiu ser generosa. Passarão muitos séculos antes que o amor ocupe o lugar do anjo, minha querida.

Rosa e Teresa saíram do bar abraçadas, debaixo de uma chuva miudinha que fazia do rio, lá longe, uma placa de metal.

Gabriel explicava a Svetlana que não poderiam ver-se tantas vezes, por causa do seu “equilíbrio emocional”. Três meses volvidos, ela veio anunciar que estava grávida.

— De mim não pode ser. Sabes que não.

— Não te lembras daquela vez em que te esqueceste? Além disso, os preservativos rompem-se. Não me ofendas. Não dormi com mais ninguém.

— Sabes que isto não pode ter acontecido. Sabes que eu tenho uma família.

— Sei que vamos ter um filho.

— Tu não podes fazer-me isto.

Quando se enervava, além de mais gago, Gabriel ficava com uma voz de falsete. A voz do pânico. Não era preciso muito para a ver chegar.

— Não reconheço sequer a tua voz.

Gabriel procurou recompor-se. Se a intimidasse, não conseguiria demovê-la daquela obstinação de lhe arruinar a vida com um filho.

— Compreende, Svetlana. Eu tenho responsabilidades. O negócio está fraco. Tenho três filhos. Não tenho condições para sustentar mais nenhum.

— A vida não precisa de condições.

— Nunca te prometi nada. Sempre te disse que isto era apenas uma atração física. E amizade.

— Ainda bem que não tenho mais amigos como tu.

— Perdeste o teu pai há pouco tempo. Não estás bem. Quero proteger-te.

— Já me protegeste o suficiente, obrigada.

Gabriel disse que não estava em condições de continuar aquela conversa. Sentia o coração a bater descompassadamente. Tinha suores frios. Precisava de pensar com calma. Com muita calma.

No sonho dessa noite de sono sobressaltado encontrou a solução. Levou uma semana a pô-la em prática. Pediu a Svetlana que o ajudasse a arrumar as prateleiras de cima da livraria. Subiu ele mesmo várias vezes a escada. Quando ela subiu, Gabriel, com os braços cheios de livros, teve um aparente desequilíbrio que o fez tombar sobre a

escada, fazendo-a cair. Svetlana desabou do último degrau. Partiu o braço esquerdo, incómodo que Gabriel ajudou a resolver com uma solicitude patronal sem mácula, pagando-lhe o tempo de baixa médica que o regime precário do contrato o desobrigava de pagar. E a gravidez desapareceu, o que foi uma sorte para a jovem apaixonada, como a mesma viria a considerar mais tarde.

— Fizeste de propósito.

— Fiz de propósito o quê?

— O acidente. Tentaste matar-me.

— Estás fora de ti, Svetlana. Vou fazer de conta que não disseste nada.

— Nunca fizeste outra coisa.

Melhor não lhe responder. Deixar correr o marfim do tempo. Gabriel sentia que uma nuvem de injustiça se abatia sobre ele. Oferecia ternura às mulheres e devolviam-lhe perfídia. Enumerava os homens acolchoados em mentiras que eram bem tratados por cônjuges e amantes. Homens que iludiam as mulheres dizendo que, quando os filhos crescessem, abandonariam casa e passado e seriam delas para todo o sempre. As mulheres diziam-se emancipadas mas continuavam a ter o mesmo sonho pequeno, sufocante: a posse de um homem. Ele pagava o preço de as desejar de igual para igual, com o mesmo direito às delícias do sexo sem amanhã programados nem obrigações de família. Pelo menos era isto que sentia. Enquanto meditava nestas coisas, imaginava o corpo de Rosa nas mãos, e dizia a si mesmo que havia de a ter mais uma vez.

Rosa escreveu-lhe uma SMS em que dizia: “Oxalá tenhas muitos orgasmos com a tua nova amante. E uma menina que se case com um homem tão fiel e verdadeiro como tu.” Enviou-lhe essa mensagem às nove da noite de um sábado, entre dois fados, para ter a certeza de que o apanhava em pleno jantar de família. Gabriel assustou-se mas sorriu. Rosa havia de voltar para os seus braços sem que tivesse de mexer um dedo. O silêncio e a ausência enlouqueciam-na. Não crescera num colégio militar, como ele.

Na verdade, o sinal de mensagem de Rosa passou despercebido, porque Penélope falava ao telemóvel enquanto metia garfadas na boca, Leonor trocava SMS com as amigas, com o telemóvel no colo e a cabeça baixa, um dos gémeos ouvia música com os auscultadores e o outro brincava com um jogo eletrónico, enquanto Gabriel seguia o telejornal.

Agora eram assim os jantares de família.

XXIX. As pessoas normais

Luísa reconheceu Joaquim pelo andar. Trinta anos depois, a mesma passada larga, levemente dançante. Os quilos a mais não lhe perturbavam a elasticidade dos gestos. Amara-o, antes de tudo, por causa dessa forma descontraída de atravessar as ruas e as casas, como se nada lhe pudesse ser estranho ou ameaçador. Joaquim vivia bem em qualquer situação — o que a fazia sentir-se simultaneamente insegura e livre. O pai da filha que durante nove meses sentira crescer dentro de si descia agora a rampa das chegadas do aeroporto, empurrando um carrinho de malas. A filha acenou-lhe e correu para ele chamando-lhe pai. A palavra caiu no coração de Luísa com a força fria de uma faca. No pavimento das chegadas do aeroporto estavam espalhadas aurículas e ventrículos, como rotas aéreas baralhadas. Sobrevoara tranquilamente continentes e mares, oferecera milhas e milhas a pessoas que precisavam de mudar de sítio para se salvarem. Agora, esse coração viajante estava ali, exposto aos seus pés como um mapa vermelho, e não sabia para onde ir. Encenara mentalmente que se aproximaria com o nariz erguido com que enfrentava qualquer contrariedade. Rosa não teria coragem de impedir que ela falasse a Joaquim; a partir daí as coisas haviam de se compor. Escondera-se dentro de um lenço e dos óculos escuros. Num aeroporto é fácil passar-se despercebido. Soubera por Farimah da chegada do pai de Rosa, para a visitar, e pensara fazer-lhes a surpresa no aeroporto. Acreditava em soluções radicais para a vida quotidiana; só no plano político Luísa era conservadora. Por uma questão de defesa e de estatuto.

— Pai!

O grito de Rosa caiu sobre o corpo de Luísa como um soco, imobilizando-a. Viu-os avançarem para o parque de estacionamento. Ficou parada no canto do quiosque de jornais durante muito tempo. Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto. Ninguém estranhava: os aeroportos são choradouros tranquilos. Nem ela mesma, treinada para não chorar, se surpreendia com o imprevisto caudal.

Luísa chorou continuamente nos dias seguintes. Teve de meter baixa no emprego. A dor que desencadeara aquele rio de lágrimas parara. Pelo menos não a sentia. Nem sequer sabia identificar uma tristeza: era como se a vida se desmoronasse de repente em água. Queria conter a corrente e não conseguia, porque lhe desconhecia a origem. Não pensava em ninguém, nada a afligia ou assustava. Desaguava, serenamente. Comia chocolate em frente às comédias de televisão e continuava a chorar, rindo.

Eva saberia estancar-lhe a fonte; Eva resolvera-lhe todos os problemas, só agora se dava conta disso. Viveram como se Luísa fosse a decisora e Eva a sentimental, mas não era assim. Sem a força de Eva,

Rosa não teria nascido. E isso seria pior? Luísa não estava em condições de responder. Entregara Rosa e dessa entrega fazia parte o seu sentimento de maternidade. Luísa pertencia ao mundo de Eva e Rosa era o centro desse mundo. Apenas isso. Duas mulheres de mãos dadas e uma menina garantindo que essa união havia de prosseguir. Mesmo que elas já não vissem o mundo onde gostariam de viver, os olhos de Rosa habitariam esse futuro. Nada se desperdiçava: nenhum amor, nenhuma vontade de mudar a vida. Tudo se cria. Não se criara Luísa sozinha, contra a humilhação advinda da ordem das castas? O sexo era livre mas as castas permaneciam imutáveis. Ela própria se lhes submetera, ao desfazer-se de Joaquim. Era tão nova que acreditara que encontraria melhor; na juventude tudo pode ser transformado numa questão de superação. Quando percebeu que o amor não melhora já não amava ninguém, nem Joaquim. Se tivesse ficado com ele, o amor acabaria por se esgotar, não era? O amor é impensável. Como o mar, que não acaba nem se abre a não ser na ilusão das margens.

— Fernanda? É Luísa Fontanellas. Conhece algum médico que me dê uns comprimidos para deixar de chorar?

Não estava habituada a pedir ajuda. Nunca o fizera. Eva ajudava-a antes que ela mesma identificasse a necessidade de ajuda. Fernanda nem sequer era sua amiga. Luísa tinha centenas de conhecidos mas defendia-se de ter amigos. Farimah era uma protegida sua, como tinha tantos. Precisava de proteger como de usar roupa de marca e de seduzir homens com dinheiro. Não tinha respeito pelo dinheiro nem pelos homens que a enchiam de presentes. Eram cada vez menos, esses homens. Demasiado ricos para darem valor a uma coisa tão pasmada e invisível como o amor. Em torno de um homem rico, como de um cineasta ou um piloto de aviões, havia sempre um enxame de raparigas absurdamente novas. Talvez por isso mantinha Bernardo e até procurava ampliar a dimensão do seu estômago amplo e a flacidez do seu abdômen. Para que ele se sentisse confortável e inapto para a caça.

— Gosto de si assim redondinho. A elegância excessiva torna os homens efeminados. Tenho um amigo que costuma dizer-me que se eu encontrar um homem de mais de quarenta anos sem barriga é porque é gay. E eu tenho verificado que sim.

— Um amigo? Que amigo?

— Lá do trabalho, Bernardo. Você não conhece.

Punha na boca de amigos imaginários as frases feitas que lia nas revistas femininas. Usava-as para atear ciúmes. Começava a sentir-se cansada destas encenações; adivinhava que se tornariam ineficazes com o arrastar dos anos.

Fernanda marcou-lhe consulta no psiquiatra para o dia

seguinte e apareceu meia hora depois em casa de Luísa, com uma caixa de chocolates.

— Coma. Fazem bem ao cérebro e à disposição. É chocolate preto, não engorda. Até as manequins comem disto, no intervalo das saladas. Você está é com uma depressão atrasada. Por isso é que já nem sabe por que chora. Mas tudo se cura.

Duas semanas depois, Luísa conseguira deixar de chorar. Desconfiava da psiquiatria, mas não dos comprimidos. O médico pedia que falasse sobre os sentimentos; ela rebuscava dentro de si e não os encontrava. Como o silêncio a constrangia, falava ininterruptamente de problemas laborais, objetivos por cumprir, a incompetência das pessoas.

Soube por Fernanda que Joaquim estava quase a partir. Não sabia se ainda queria voltar a vê-lo.

— Não se preocupe, eu trato disso.

Fernanda, avatar póstumo de Eva.

— Rosinha, a tua mãe não gostaria que hostilizasses Luísa. Repara bem no que te digo: a tua mãe, Eva. És uma adulta, não podes continuar a ver as coisas só à volta do teu umbigo. Cada um faz o que pode. Põe-te no lugar de Luísa, experimenta.

Rosa sentia que ninguém se colocava no lugar dela. Gabriel assumia tranquilamente que não era capaz disso. Gabriel tinha de deixar de ser a medida da sua vida. Na véspera desta conversa com Fernanda, houvera um suicídio na prisão: uma mulher cujo filho de nove anos fora raptado à saída da escola e aparecera estrangulado numa berma de estrada. A mais alegre das presas; vivia entusiasmada com o futuro regenerado que teria ao lado do filho.

— Acha que posso ir para um grupo de dança, lá fora? Acha que me consegue isso, professora?

Rosa dizia-lhe que sim, alguma coisa se arranjará. Às vezes chegava às aulas com um ar desalentado e aquela mulher sorria-lhe:

— Problemas de amor, professora? Nenhum homem nos merece. A vida é curta. Aproveite o sol, senhora. Tomara eu.

Enforcara-se durante a hora da aula. Rosa entrou na cela com a guarda prisional e encontrou-a pendurada, com um par de meias de *nylon*, resistentes, impossíveis de arrancar do pescoço depois de apertarem a garganta. A guarda agarrou-se com os dentes ao corpo suspenso, mordendo as meias, tentando desfazer o nó apertado — mas em vão. Ninguém estranhara a ausência dela, por causa da morte do filho.

Se tivesse chegado mais cedo, teria ido falar com ela antes da aula, e talvez tivesse podido evitar aquilo. Ficara retida numa entrevista para um jornal espanhol. A produção fotográfica era longa e complicada: maquilhagem, cabelo, vários vestidos. Os costureiros,

agora chamados criadores, escreviam-lhe e-mails oferecendo-se para a vestir. Mandela, esperto como o mercador portuense Afonso Martins Alho que, no século XIV, negociou em Londres o primeiro tratado comercial anglo-luso, assegurava que o cerco dos criadores era um sintoma de que o seu êxito viera para ficar, porque os artistas têxteis não brincam em serviço. Gabavam-lhe a distinção das pequenas tatuagens: notas de música no pescoço, um pássaro no pulso esquerdo, o sol atrás do joelho direito. Cortara o cabelo em escada irregular, acentuara as sobrancelhas, cantava com vestidos de seda e renda, brancos ou de cores fortes, com frases dos seus fados nas mangas ou nas saias fluidas. Deixara que lhe criassem uma imagem “radical e sofisticada” que lhe assentava bem. Entrevistavam-na. Perguntavam se as letras dos seus fados resultavam das suas experiências e ela respondia, num sorriso de guilhotina, que escrevia à homem, em abstrato, sobre a condição humana.

O pai dissera-lhe:

— O fado é para quem leva pé na bunda e chora por isso. O teu fado é de quem fica feliz de levar pé na bunda.

E isso fizera-a rir. Reconhecia a felicidade pelo barulho que fazia quando se quebrava.

As palavras de Fernanda encontraram-na abatida pelo suicídio da sua mais promissora aluna. Quem era ela para julgar os outros? Que sabia ela do que sofrera Luísa? A doçura descontraída do pai tinha a sua quota-parte no amaciamento de Rosa, tal como a desilusão final em relação a Gabriel. Embora não o admitisse, também o sucesso crescente contribuía para aumentar a sua tolerância: o carinho reproduz-se com a mesma eficácia que o ódio. De outra maneira, já nem o mundo existiria.

Arrependia-se de ter dito ao pai que Luísa tinha um namoro firme; sabia que isso não era verdade. Não conseguia imaginá-los juntos e temia que Joaquim fosse contaminado pelo estilo empreendedor de Luísa. Vivera sempre à margem da pertença, invejando as amigas de escola que se queixavam da excessiva supervisão dos pais.

Tomava uma caipirinha com Fernanda num bar à beira-Tejo. Um adolescente passou diante delas voando sobre um *skate*. Era-lhe cada vez mais difícil entender; entender é separar e tudo estava aglutinado. O rapaz do *skate*, a mulher enforcada na prisão, o homem que fugira para o Brasil, o homem que se embriagava de corpos para esquecer a merda de vida que escolhera, as sirenes das ambulâncias sobrepondo-se ao grasnar das gaivotas, os reflexos do pôr do sol no rio, lágrimas e risos, canto e silêncio, tudo fazia parte do mesmo universo provisório e totalitário.

— Chama-os. Chama-os já.

— Agora?

— Agora. Tudo o que temos para fazer é agora.

Luísa e Joaquim chegaram ao mesmo tempo, em dois táxis. Saíram dos automóveis em simultâneo, como numa dança coordenada. Rosa e Fernanda observavam-nos através do vidro do bar transparente. Disseram as palavras banais das pessoas que se contemplam depois de três décadas de ausência sobre um amor suspenso.

— Estás na mesma — disse Joaquim.

— Isso é um elogio?

— Não sei.

— Melhor assim.

— Quem sempre soube tudo foste tu.

— Não tinha outro remédio. Pelo menos era o que me parecia.

Tateavam sem se tocarem. Procuravam as palavras certas para fechar a ferida dos muitos anos. As palavras certas não existem. Os corpos podem sempre mais, com o seu cheiro a sexo, sangue, suor e morte. Os corpos vão podendo cada vez mais à medida que a morte se lhes insinua nos poros. Joaquim comoveu-se quando a viu roer a unha do dedo mindinho, com o mesmo gesto de menina que tanto amara. Calculou que Luísa não o olharia assim timidamente se ele não se tivesse tornado um homem de negócios. Já não era o rapaz sem eira nem beira destinado ao prazer circunscrito dos pobres. Luísa congeminou que ele a confrontava para se vingar, provando-lhe que fora superiormente feliz sem ela. No meio destes pensamentos surgia o caos do desejo, também esse confuso, defensivo: desejo de há trinta anos ou de hoje? Descobriam o desejo como avesso do tempo, segredo de eternidade.

— A nossa filha não me aceita.

— Dá-lhe tempo.

— Tenho medo do que ela vai dizer.

— Tu, com medo? As coisas mudam.

— Não sejas irónico.

— Não estou a ser irónico, Lu.

Ninguém voltara a tratá-la por Lu. As lágrimas que conseguira conter na magia dos comprimidos voltaram.

— Não chores. Nunca te vi chorar. Não sei o que fazer.

— Abraça-me.

Rosa ergueu-se, caminhou lentamente através do bar e abraçou o par abraçado. Luísa disse:

— Minha querida.

Rosa pediu-lhe que não dissesse nada. Que fossem beber um copo e falar de trivialidades, como as pessoas normais. Ninguém fazia a mínima ideia de como seriam as pessoas normais. Suspenderam-se

na memória e voaram sobre ela, conversando sobre tudo e sobre nada até a total invasão da noite. Depois, foram ouvir Rosa cantar.

XXX. A princesa

A princesa russa ardia na lareira. Penélope contemplava as chamas, bebendo um copo de vinho. Pela primeira vez, atrevera-se a abrir uma garrafa de vinho só para si. Quando Gabriel lhe perguntasse pelo quadro da princesa, diria apenas:

— Não faço ideia.

Sabia que nunca mais a assustaria. Perdera-lhe o medo. Arranjara um amante. Saturara-se. Enjoava tudo em Gabriel. Até o cheiro. Aquele amante era como estar grávida-à-maneira-das-revistas: o corpo mudara até ao coração. A gravidez real era desprovida de cintilação; os homens louvavam a luz da pele das mulheres grávidas, porém dispensavam fazer amor com elas; as pernas inchadas, a azia, o sono, o corpo deformado, nada disso favorecia o ímpeto erótico. E a criança ali metida afugentava os mais sensíveis, acicatando-os para os encantos das fêmeas alheias ao chamado “estado de graça”. Penélope estava decidida a livrar-se de Gabriel.

Não que estivesse apaixonada pelo homem novo; Gabriel esgotara a sua capacidade de apaixonamento. Duvidava, de resto, que alguma vez tivesse estado verdadeiramente enamorada. O que é a paixão senão um movimento de fuga ao tédio da existência e um recurso da vaidade? Recreara-se com o desvanecimento de um homem mais novo, mas a vida doméstica faz da lisonja esfregão em menos tempo do que leva a contar. As indigentes torturas que Gabriel lhe infligia, à maneira de um domador de circo de província, tiveram o condão de manter uma espécie de volúpia entre os dois. Penélope encarava com bonomia os desmandos desse que para todos os efeitos era seu marido (embora falasse dela sempre como “companheira”, o que lhe desafinava a tecla da estética). Durante alguns anos, suportara-os com o estoicismo dos culpados; julgava que Gabriel suspeitava da traição que dera origem aos gémeos Bárbara e Luís. Nunca se lhes afeiçoara tanto como à primogénita; talvez reparasse que não havia neles qualquer traço seu. Quando compreendeu que a hipótese de que a mulher lhe pudesse ser infiel nem remotamente passava pelas meninges de Gabriel, Penélope parou de se sentir culpada. Desconfiava que Gabriel a traía muito mais do que uma só vez — e isso incomodava-a apenas por motivos de saúde. Quando ele avisava que voltaria tarde, dizia-lhe que não se esquecesse de levar preservativos, com o ar extremo com que poderia dizer para levar um casaco por causa do frio. A traição dela fora uma só, e sem recordação de maior, com um homem que nunca mais tornara a ver — e poupou-lhe um terceiro parto, porque Gabriel decretara desde o início que queria ter três filhos. Gastava-se tanto que não teria alento para produzir gémeos; pelo menos, assim pensava agora Penélope.

No regresso da viagem familiar à Eurodisney, diria a Gabriel

que queria separar-se, e despejá-lo-ia de casa. Cuidara de se informar dos meandros jurídicos e sabia que os filhos a prefeririam a ela. Esperara que os garotos entrassem na adolescência. Não acreditava que ficassem traumatizados por deixarem de ver todos os dias um pai que, de qualquer modo, lhes dava pouca assistência. Acresce que também estava cansada de fazer de mártir dos filhos; nem sequer agradeciam. Viviam para os seus interesses; aliás, tinham sido educados para isso. A educação consistia agora na preparação de um *curriculum vitae* competitivo. Aos cinco anos, as crianças começavam a aprender chinês para terem a certeza de arranjar emprego e a jogar ténis para ficarem com as pernas musculadas próprias dos vencedores. Já nem os gémeos viviam um para o outro no espelho narcísico da infância; concorriam pelas melhores notas e pelos melhores brinquedos. Quando um deles trazia da escola uma nota pior do que o outro, Penélope confrontava o perdedor com a sua vergonha. Só com Leonor este método dava fracos resultados:

— Porque tenho de ser a melhor da turma? Para não ser uma triste, como vocês? Não se preocupem, basta-me olhar para vocês para ficar esperta. Eu hei de ir para a América, não vou ficar neste fim de mundo.

Penélope suspirava e encolhia os ombros. Fazia o melhor que podia. Talvez não amasse os filhos como mandavam as revistas. Também não conseguia fazer cinquenta abdominais por dia e almoçar rúcula com alface, como as mulheres que apareciam nas revistas e que eram tão traídas como ela. Entrava numa época da vida em que nada disso importava. Dizia que ia ao supermercado e sentava-se numa esplanada a comer um gelado com três sabores e uma onda de natas por cima. Assim conhecera o seu amante. A primeira coisa que ele lhe dissera foi que nunca tinha visto uma mulher a saborear um gelado com tanta satisfação.

— Pois. Mulheres satisfeitas são uma raridade. Devia haver uma lei para as proteger, como ao lince da Malcata, ou lá o que é.

Como reagiria Gabriel à notícia da separação? Estrebuchando. Havia de tentar meter-lhe medo e depois inspirar-lhe piedade. Acabaria por escolher a estratégia do medo e fazer-lhe ameaças. A vantagem de se chegar a um ponto de exaustão é que então só sobra a liberdade.

Porque queimava a princesa russa? Vivera na sua sombra; acreditara que um dia Gabriel esqueceria aquele mito de adolescência. Incomodavam-na os olhos vigilantes da mulher de papel. Não cumpria uma vingança, antes um ritual de fraternidade. Paz à alma da princesa russa que fora eternizada sem que ninguém procurasse saber quem era. Paz para as próximas mulheres de Gabriel, que já não poderiam ser confrontadas com a inacessível tranquilidade da musa sonhada.

Reduzia a cinzas a princesa com a candura das crianças pequenas: deixando de a ver, a condessa Lina Muraviova, nascida princesa Gagarina, cessava de existir.

Na vida real as coisas não eram assim; a ficção alastrava sobre o tampo das mesas, as borras de café e os sapatos abandonados junto ao sofá, infiltrava-se como um raio de sol pela janela e transfigurava as pessoas. Penélope ignorava que nada é mais desigual do que a igualdade e que o anulamento das diferenças antes as exaltava do que as fazia sumir. A princesa russa agradecia a libertação final daquele retrato — transformada em fumo, escrevia. Podia agora escrever sem olhar a quê nem a quem, com o desespero em vez de mão e a alegria da comunhão em vez de corpo. Podia deixar de ser princesa e dormir sobre uma cama de palavras afiadas, com o desejo esvaziado dos faquires e dos sonhadores.

Tanto a leitora como o leitor sabem por experiência própria que os jornais raramente homenageiam a espécie humana, pelo menos aquela parte dela que ainda não regressou ao pó inicial. Podem por isso avaliar a surpresa de Luísa, mulher que ganhara o hábito de se celebrar a si mesma para não definhar em dissabores, quando abriu o jornal e se viu homenageada: “Nesta exposição encontrei a inspiração da minha primeira musa, aquela a quem devo a descoberta do erotismo.” Palavras de um escultor que conhecera aos cinco anos, numas férias na ilha da Madeira. Nunca mais tornara a vê-lo, depois de três verões de felicidade. Raul arrastava-a para um terreno baldio atrás da mansão familiar e dizia-lhe que levantasse a saia. Luísa obedecia, curiosa, e ficava a observar o modo como o menino de sete anos molhava a terra para a transformar em esculturas sucessivas do seu corpo.

— Tira as cuecas.

Luisinha hesitou, da primeira vez.

— Fica quieta. Não te assustes. Preciso de perceber como é.

Raul media-lhe volumes e curvas com as mãos sujas de terra. Luísa sentia um feixe de arrepios irradiando do sexo para o coração e para a cabeça.

— Não roas as unhas.

Obedecia. Nunca mais obedeceria a um homem deste modo absoluto e feliz. Suportava com estoicismo as longas horas de pose.

— Não te mexas.

Hipnotizada pelo prazer extremo dos instantes em que os pequenos dedos de Raul subiam pelo seu corpo, para ver como era.

— Preciso de perceber.

A menina estremecia e o rapaz repetia:

— Fica quieta,

como se observasse um pássaro, uma borboleta, um animal inédito.

Dizia-lhe que se virasse, que afastasse a perna ou o braço. O dedo áspero de terra entrava no seu umbigo para avaliar a profundidade. Depois descia até ao sexo e a menina voltava a estremecer.

— Fica quieta. Preciso de perceber, já te disse.

O menino agia com a crueza de um artista para o qual tudo é matéria de trabalho. A menina aprendia a sentir, deliciada. Percebia que essa era a parte mais importante do trabalho. A parte boa: as mãos molhadas sobre o corpo exposto.

Raul estava fascinado por ela e causar fascínio era a mais arrebatadora das modalidades de poder. Bastava-lhe controlar a respiração e acatar as ordens de Raul para o subjugar. Ele revelava-lhe

essa coisa ainda sem nome. Dizia-lhe que tinham de continuar todos os dias, até que as Luisinhas ficassem perfeitas. Luisinha não sabia o que era ser perfeita; nunca ninguém a olhara com tanta atenção. Não conhecia afagos — era a filha bastarda. Aceite como um troféu de vingança pela madrastra.

Raul pegava-lhe nas mãos e conduzia-as para o triângulo do sexo.

— Faz de conta que estás a tapar-te. Agora destapa-te. Isso.

Não havia beijos nem abraços nem nada de constrangedor: apenas uma viagem a quatro mãos através do corpo de Luísa. Sentia-se valiosa.

Digna de ser transformada em estátua.

— Isto é arte,

explicava Raul. Luísa compreendia que a arte escapava ao domínio das mãos e das madrastras, diminuindo-as. Escapava até ao domínio do artista, impondo-se-lhe como uma obsessão passível de ser manipulada.

Ninguém lhe prestava muita atenção, o que lhe permitia passar horas com Raul no segredo das esculturas. Regressava a casa cheia de terra, dos pés à cabeça, as tranças desfeitas e uma alegria exultante que surpreendia a madrastra.

— Onde é que se meteu? Parece uma pobre saída de um naufrágio, valha-me Deus.

Encontrava as mãos de Raul sobre o seu sexo nas mãos dos outros homens; o rigor desse primeiro contacto desenhava o perímetro do seu prazer, que se tornou exigente e repleto de seriedade. Media o efeito que causava nos homens pelo olhar infantil de Raul; fitava-a com uma ternura vitoriosa quando acabava de a esculpir. Reencontrava esse olhar em alguns homens, depois do orgasmo. Talvez fosse esse o olhar do amor; no entanto preferia considerá-lo o olhar da arte, a concretização da beleza que se prolonga e não pode ferir-nos. A beleza parecia-lhe mais fiável do que o amor. A declaração de Raul, tantos anos volvidos, baralhava-lhe as ideias. Organizara o pensamento em alíneas e chavetas claras, completamente estanques. Reencontrar Joaquim incomodara-a, porque erguera o fantasma do passado e os fantasmas, em que aliás Luísa não acreditava, são contagiosos. Nem sequer lhe ocorrera evitar Joaquim, porque não seria capaz de se considerar uma mulher de fugas. Tinha sempre de se considerar qualquer coisa, o que, com o andar dos anos, lhe criava uma sensação de vácuo. Terminava um projeto e sentia-se abandonada. Salvava uma pessoa e sufocava de aflição. Tudo aquilo que construía continuava além de si, como se nunca tivesse necessitado da sua intervenção. Farimah era-lhe grata, mas não próxima; gerava intimidade com a sua filha, que na verdade nunca lhe

pertencera. O que lhe pertencia — além da casa, do carro, das malas, das joias, dos vestidos de marca? Quem sentiria a sua falta, depois da morte de Eva?

Luísa pegou no telefone e marcou o longo número de Joaquim, roendo a unha do dedo mindinho.

— Se eu for ao Rio de Janeiro, encontras tempo para mim?

Joaquim ficou em silêncio.

— Pronto. Já percebi. Adeus.

— Espera.

— Espero?

— Não podes exigir que uma pessoa te responda assim de repente. Só porque você se lembrou.

— Não?

— Não. A pessoa tem de ter um tempo de reação. Poxa: eu mereço isso. Não percebe, você que percebe tudo?

— Sim. Tens razão.

— Tempo eu sempre tive, Lu. Tempo a gente tem o que quer. Claro que te mostro o Rio. É isso que você quer?

— Eu nunca me perguntei o que queria, Joaquim.

— Por isso eu estou perguntando: é isso o que queres?

— É. Sem peso. Sem compromisso.

— Isso nós nunca tivemos. Não se preocupe.

— Vou?

— Venha.

Luísa telefonou a Bernardo. Disse-lhe que ia para fora e que não sabia quando voltaria. Ao fim de três meses no Brasil enviou uma carta de despedimento à empresa, e uma carta de explicação a Rosa, pedindo-lhe que não se zangasse e que lhe perdoasse, se pudesse, mas que decidira ficar com Joaquim e que gostaria muito que viesse ao casamento. Farimah disse-lhe que aquela carta só podia ter uma resposta.

— Sim. Nem sequer penses: este é o momento de um sim absoluto. Eu vou contigo. Eu vou, mesmo sem ti. Mas se tu falhares a esta chamada estás também a falhar-me a mim. E tu sabes isso. As coisas essenciais são simples.

— Sim.

XXXII. Tudo o que voa

Veio o verão. Empurrado pelo vento, o cheiro do mar tomava conta da cidade. Aproximava-se o dia em que teria de voar, e Gabriel tinha pesadelos recorrentes de quedas de aviões. Sumira-se o velho sonho do encontro com Rosa num avião subitamente deserto. Penélope ganhara uma viagem familiar para a Eurodisney num concurso de hipermercado: “Grandes sonhos para grandes famílias.” Iriam com os filhos e com a mãe de Penélope, porque a viagem era para seis pessoas. Seria o primeiro voo para as crianças — e para Gabriel, que tinha pavor de entrar num veículo que não podia controlar e do qual não tinha como escapar. Considerou oferecer a sua viagem ao sogro, a pretexto de trabalho inadiável na livraria, mas nem chegou a verbalizar a hipótese; os filhos não lhe perdoariam, e perder-lhe-iam o respeito. Para que o metera Penélope naquela embrulhada? Olhava-a com um ódio que se tornava quase perigoso enquanto ela estendia sobre a mesa do jantar o mapa e os guias turísticos de Paris.

— Paris em agosto há de ser um inferno de calor.

— Os hotéis e os museus são climatizados, não sejam desmancha-prazeres.

— Museus? Eu não vou a museu nenhum — avisava Leonor, à qual só a viagem de avião e a Torre Eiffel interessavam.

— Não queres ver a Mona Lisa? Os quadros de Picasso?

— Os quadros estão na Net, pai. Posso muito bem vê-los sem andar quilómetros nessa seca dos museus. Ainda se fosse Londres. Gostava de tirar uma fotografia com o Johnny Depp no museu de cera de Londres. Isso sim, gostava bué. Agora Paris. Não se passa nada em Paris. Para cúmulo, falam francês. Língua de velhos.

— O francês é uma língua muito bonita. E vamos à Eurodisney, querida.

— A Eurodisney é para bebés. Fadas e princesas. Parvoíces.

Leonor pintava as unhas. Uma de cada cor. Defendia aquilo a que chamava “direitos civis” e era contra os impostos. Dizia-se democrata mas tinha dúvidas quanto a certas molezas dos democratas.

— Os republicanos são como vocês: cheios de tretas morais que não interessam nem eles são capazes de cumprir.

Penélope encolhia os ombros: estava-se nas tintas para a política americana. Como aliás para a portuguesa. Ou qualquer outra. A política dela eram os filhos, as joias, a tranquilidade. A ordem dos fatores podia variar; o mundo era-lhe indiferente. Ria-se de quem pretendia mudá-lo. Durante uns anos, Gabriel tomou essa indiferença por uma forma de inteligência. Quando percebeu que não se tratava disso, já Penélope estava grávida de Leonor.

— Querida, não andes por aí a dizer que os teus pais são republicanos. Não é verdade.

— Quem é que se interessa pelo que vocês são? Tu julgas que és o quê?

Gabriel fez uma sùmula dos princípios que lhe pareciam ser os da Esquerda: igualdade de oportunidades, que pressupunha a contribuição para um Estado Social que protegesse os mais desfavorecidos e corrigisse os desvios da livre concorrência.

— *Bullshit*. Ainda ontem te ouvi ao telefone a dizer mal da livraria nova que abriu perto da tua e a falares de esquemas para a lixares. As pessoas são competitivas. As pessoas querem ganhar. O resto é conversa.

— Quando cresceres vais pensar de outra maneira.

— Esse é o argumento de quem não tem argumento.

Os gémeos gritaram em coro:

— Mana um, papá zero!

Penélope ligou a televisão e começou a comentar o vestido da apresentadora do Big Brother. Gabriel sentiu-se muito cansado. Os filhos cresciam demasiado depressa, talvez com excesso de liberdade e falta de carências.

— Pai, quando é que me deixas fazer uma tatuagem?

— Só as rameiras usam tatuagens.

— O que é uma rameira, mãe?

— Vês, Pen. Podias ter evitado.

Gabriel viu uma nuvem de sangue onde a cabeça de Penélope vogava, inerte, muda, desaparecendo para sempre. Lembrou-se do sol tatuado atrás do joelho de Rosa: um joelho pontiagudo, áspero, de menina. A lembrança doeu.

— Quando tiveres dezoito anos decides. Uma tatuagem é para toda a vida, e tu mudas de gostos todas as semanas.

— Ninguém te contou que a cirurgia plástica já foi inventada?

— Silêncio, Leonor. Não vamos continuar esta conversa.

— Vocês querem mandar em tudo, até nas conversas. Não sabem fazer mais nada. Também não quero conversar com vocês.

— Mana dois, papá zero!

— Pouco barulho, meninos.

— Anda mano. Os velhotes estão fartos de nós.

— Não é isso. Venham cá.

— Agora já estamos traumatizados, não pode ser.

— Luís. Vem jogar às cartas com o pai.

— Olha: não estou cá.

Leonor metera-se no quarto depois de bater a porta, os gémeos desapareceram da sala de mãos dadas.

— Deixa-os, Gabriel. Não liguês.

Sentada no sofá, Penélope fazia *zapping*. Gabriel subiu para o seu sótão. Dedilhou no Google: Rosa Cabral. Pôs os auriculares para

que a música não se ouvisse.

Rosa evitava ficar em casa sozinha. Telefonava a Paulo e ficavam os dois esparramados no chão da sala a ver filmes dos anos quarenta e a comer iogurtes magros. Andavam ambos a fazer dieta, mas acabavam quase sempre por escorregar para os chocolates. De vez em quando, Rosa levava chocolates às suas alunas prisioneiras. E caixas de maquilhagem ou tinta para o cabelo, que as faziam saltar de alegria como crianças. Adoravam passar de louras a morenas ou ruivas ou a qualquer coisa de indefinível. Brincavam às bonecas diante do espelho. Dançavam com as cores que lhes ofereciam uma ilusão de mudança.

Teresa e Farimah estavam com os seus homens. Rosa não queria incomodá-las. A princípio temia que a infelicidade fosse epidémica. Pouco a pouco, começou a temer que as amigas invejassem a sua liberdade. Sentia-se curada. No entanto, em certas noites, a única coisa que a salvava era percorrer a cidade de automóvel, com a música em altos gritos, até ao nascer da manhã. Não era capaz de se ouvir a si mesma. Escutava incessantemente a banda sonora do filme *Frida*, sobre a acidentada vida da pintora mexicana Frida Kahlo, que vira pela primeira vez com Gabriel e que lhe fora oferecida por ele.

— *el infierno es este cielo*,

cantava Lila Downs, como se chorasse.

Adormecia aconchegada pelos raios de sol que iluminavam do mesmo modo os rostos de ricos e pobres, amados e desamados. À luz do dia o mundo tornava-se vasto. A noite restringia tudo, a começar pelo tempo.

— Entrar em ti e dentro de ti ver o mar.

Teria ele dito algo de semelhante à rapariga com que a traíra? Como fora capaz de repetir com essa estranha os gestos que lhes pertenciam só a eles, como fora capaz de se excitar e entrar dentro dela? Eram os corpos todos iguais? O desejo uma linha de produção em série? Rosa pensava em Gabriel com raiva e nojo e desejo e saudade. Tudo misturado. Um banho de lama. Pensava que se um dia ele tentasse tocar-lhe o agrediria. Desde que não olhasse para os seus olhos conseguiria esbofeteá-lo. Adormecia sonhando que ele a tocava e lhe pedia perdão, dizendo-lhe que era ainda o seu corpo que procurava nessa aventura sem consequências, que entrara no corpo da outra pensando nela, que nunca deixara de pensar nela. Tinha vergonha de ter estes sonhos. Nem às amigas íntimas os revelava.

Teresa disse-lhe, rindo, que sonhara com Gabriel.

— Estávamos à beira-mar, eu e o Alberto, numa praia deserta, num dia lindo de inverno, quando o vi debruçado na amurada de um barco que passava diante de nós. De repente o barco virou-se e ele

desatou a esbracejar, pedindo socorro. O Alberto perguntou-me se não o ia salvar. É que o Alberto não sabe nadar, coitado. Apanhou um susto com uma onda quando era miúdo e ficou com pavor do mar. E eu respondi que não, não ia salvá-lo. O Alberto perguntou-me porquê e eu disse-lhe que não me apetecia e que a água do mar estava muito fria. E o Gabriel acabou por se sumir no mar, e eu acordei muito bem-disposta. Achei que era um sinal de que tu estavas a esquecê-lo. Será?

— Mais ou menos.

— Vais ver: um dia acordas e nem te lembras que ele existe.

— Estou sempre a pensar quem andarás ele a foder agora.

— O que é que isso interessa? Ele fode como quem lava os dentes. Para se sentir vivo e sedutor. Eu nem sequer devia dizer isto.

— A seguir vais dizer que comigo foi diferente.

— Tu sabes que contigo foi diferente. Guarda o bom e deita fora o mau.

Separar os lixos. Reciclar. A palavra de ordem do século ^{XXI}. Tudo se recicla. Tudo é a mesma coisa. Nada é tudo. O amor é um delírio temporário do sexo. Rosa preferia sofrer como uma heroína de Camilo Castelo Branco metida à força atrás de grades vigiadas por santos de louça do que viver neste mundo. O mundo de louça, grades, ilusões e tuberculoses de paixão escorava a sua voz e os seus fados. Isso era real.

Gabriel esperou-a, escondido numa ruela, perto da sua porta. Esperou-a durante mais de duas horas. Não sabia o que lhe diria; seguiu um impulso. Se chegasse sozinha, atravessar-se-lhe-ia no caminho e abrir-lhe-ia os braços. Contava com o impacte da surpresa. Se chegasse acompanhada, poderia arredá-la dos seus sentidos em definitivo. Passava noites em claro a imaginá-la com turistas ardilosos, fãs sem escrúpulos, homens que não a mereciam. Passava noites ainda piores a pensar que teria encontrado o grande amor: um artista, como ela. Ou um empresário cheio de conversa. E se nem sequer chegasse? Melhor, ficava tudo explicado e resolvido. Era uma noite quente de verão. A ausência de vento, tão rara em Lisboa, dava um aspecto fantasmagórico às casas e transformava as árvores em estátuas. Dentro de poucos dias, Gabriel partiria de avião para Paris. O automóvel de Rosa, vermelho e quadrado, entrou na rua às quatro e meia da madrugada largando uma música atroadora. Lila Downs e Caetano Veloso cantavam *Burn it Blue* no máximo do som. Gabriel sorriu e escondeu-se no umbral de uma porta. Ficou a vê-la atravessar a rua e abrir a porta. Já sabia tudo o que precisava. Ela havia de o procurar. Era uma questão de paciência. Não podia arriscar-se a perder o que tinha por uma mulher apaixonada. E quando a paixão passasse? E quando ela percebesse que ele não era um herói de cinema? Meteu-se

no automóvel, voltou para casa, estendeu-se no seu cadeirão e esperou que Penélope se levantasse para ir para a cama. Quase sempre dormiam por turnos. Era uma maneira de poupar embaraços e manter o casamento.

Gabriel tomou dois ansiolíticos antes de entrar no avião. Escolheu o lugar da coxa, para ficar longe da janela e chegar depressa à casa de banho. Doía-lhe a cabeça. Suava como uma fonte. Quanto mais se limpava, mais transpirava. Penélope, a sogra e os filhos estavam excitadíssimos. Chovia.

— Será seguro voar com este tempo?

— Ora. Uma chuvinha de nada. Deixa-te de patetices.

— Não me sinto bem.

— Põe o cinto e respira fundo. Num instante estamos em Paris.

Queres que eu chame a hospedeira para te dar qualquer coisa?

— Não, deixa. Isto passa. Pede à tua mãe que olhe pelos miúdos. Fica tu ao meu lado.

Fincou os dedos na palma da mão da mulher. O coração batia-lhe descompassadamente e, quanto mais pensava nisso, pior se sentia.

Rosa avançava pelo corredor de cabeça virada, gargalhando para o rapaz alto, negro, desengonçado, que a seguia. Gabriel pensou que estava a ter uma alucinação. Fechou os olhos, sentindo um aperto no peito e uma dor aguda no braço esquerdo. Abriu os olhos e viu-a de novo, agora mais perto. As sobrancelhas de Rosa ergueram-se, a boca abriu-se-lhe de espanto, mas recompôs-se-lhe num sorriso mordaz em menos de um segundo.

— Gabriel! Há quanto tempo! Não estás com bom aspecto. Engordaste.

Gabriel olhava-a com metade da cara. Perdera a visão do olho direito.

— Não dizes nada? E eu a pensar que ficarias feliz quando me voltasses a ver. Ou já não te lembras de mim?

Reparava nas orelhas dele; talvez porque estivessem vermelhas afiguravam-se-lhe agora ridiculamente grandes. Concentrou-se em imaginá-las cheias de cera. Nem sequer foi difícil. Um pobre diabo que a dominara ao ponto de a castigar por ter sentimentos por ele.

— Não sabia que o meu marido a conhecia. Muito prazer. Gosto muito de a ouvir cantar. Tem uma maneira moderna de cantar o fado.

Penélope estendia-lhe a mão. Rosa fez-se desentendida da mão, mas perguntou, solícita:

— Acha? Moderna, que bom. E gosta de algum fado em particular?

Gabriel sentia-se esvair de dor e susto, mas não se mexia.

- Gosto muito daquele que se chama *Dentro de ti ver o mar*.
- Vês, Gabriel? A tua mulher tem bom gosto. Agradece-lhe,

vá.

Penélope franziu o sobrolho. Não estava a perceber nada, mas começava a desconfiar do tom daquela conversa. O que se teria passado entre Gabriel e aquela fadista? Olhou interrogativamente para o marido, que lançava a Rosa um olhar suplicante. Gabriel gaguejou:

— As crianças... por favor...

Foi a sua última frase. Um homem de família carrega consigo os filhos até ao suspiro derradeiro.

Levou para o sítio onde vão os mortos o olhar da narradora, fervente como um panelão de bruxa.

— Salva-me, Princesa Lina.

Não houve quem se comovesse com o grito, proferido adiante das barreiras do som e da luz por um homem devolvido à condição de poeira cósmica. Lina Muraviova permanece como um entre múltiplos retratos românticos na Galleria degli Uffizi em Florença, sem que tenha havido notícia de que outro garoto se tenha deixado obcecar por uma reprodução dela. Mas nunca se sabe.

A existência das princesas não está em risco; decorre da pulsão narrativa congénita à natureza humana. Arredamo-las dos torreões e aparecem-nos munidas de uma maquinação portátil com mil e uma noites para contar. Acabadas as histórias, morrerão; todavia, outras princesas surgirão para reordenar as palavras e povoar de ilusões o corpo de cada um dos seus leitores. Dir-se-á que a ressurreição das histórias não é competência de princesas mas de entidades divinas. Uma princesa não é mais do que a imagem entronizada dos dramas e fulgurações que assistem aos pobres. Cada um escolhe a crença que mais o conforta; casos há de narradores não só inteligentes mas até céticos e cínicos que asseguram ter sido os inventores das histórias que escrevem. Deixá-los crer.

O voo 154 para Paris não se concretizou, por causa da morte de Gabriel. Os passageiros repartiram-se por outros aviões, e Rosa cantou no Olympia na noite seguinte, como estava previsto. Encontrou outro homem, com o qual teve dois filhos. E depois outro, que durante vinte anos lhe demonstrou que as labaredas do amor podem manter-se acesas como no primeiro dia, e que continuaria a provar-lho até à sua morte, se não tivesse morrido primeiro. Cantou na Holanda, no Japão, no Canadá, na Austrália. Gravou um cd nos Estados Unidos que foi saudado pelos críticos de *world music*, seja lá isso o que for. Não foi feliz para sempre, como em séculos anteriores se dizia obrigatório para as mulheres. Mas foi suficientemente feliz para ficar registada no arquivo secreto dos desobedientes que comprovam a possibilidade do

amor duradouro na espécie humana, à revelia dos interesses dos mercados e da propaganda do individualismo. Morreu de madrugada, aos oitenta e três anos, depois de uma ceia acompanhada por fados. Juntava os amigos em casa e cantava para eles, com o fio de voz que lhe restava. Deixou-se cair na cama ao nascer da aurora, depois de se despedir do último visitante. Fechou os olhos e cantou:

— Em ti desarmo o meu corpo/ dentro de ti ver o mar.

Lisboa, 13 de junho de 2012

A autora agradece a Cecília Andrade, Maria Manuel Viana, Patrícia Reis, Rui Zink e Thomas Colchie a preciosa colaboração na revisão final deste romance.